

Sousa Paiva, que ha vinte gerações fôra um protento de coisas grandes, só excedido na moderna sociedade pelos commendadores e barões da moeda falsa, era ainda hoje um mancebo que possuia a bagatella de cinco mil cruzados de renda, tudo em pão sabido ou dinheirinho de contado, o que, 'numa terra de pequenos recursos como é Coimbra, era mais que sufficiente para o tornar o dandy mais amavel que frequentava o *Abilio Roque*.

Demais a mais era absolutamente só, e senhor da sua vontade. A mãe tinha-a perdido ainda creança, e o pae não havia dois annos. Não faltava quem tivesse pena de tamanha soledade, e muitos corações compassivos morriam por lhe adoçar a vida com seus extremos.

Um delles, e quiçá o mais empenhado, era o da sr.^a D. Luiza Bebiana de Castro; e essa nem perdia esperanças, nem poupava recursos. Ainda em vida do pae d'elle tinha isso estado mesmo vae não vae. Os dois velhotes erão amigos d'*Almeida*, e o sr. Castro era bom pae de sua filha. A negregada morte, porém, veiu dar com tudo em pantana.

Cesario, que, como diz um doido historico de Coimbra, gastava a galope o que seus paes e avós tinham ajuntado a passo, se não tinha mulheres em antipathia, de casamento é que não curava.

Luiza não o amava, porque mulher namoradeira não ama; mas queria-o para seu marido.

Em geral, e especialmente em objectos de coação, a mulher sabe mais por instincto, do que nós tarde chegamos a saber com muito estudo. Luiza, por consequencia, sabia que a unica brecha por onde se pôde entrar á conquista do coração d'um homem enfatuado é o amor-proprio. D'ahi vinha que se fazia rodear de satellites, que a seu bel-prazer conservava em distancia conveniente, para um dia sacrificar quando o capricho lhe trouxesse aquelle homem, que o amor nunca lhe traria. Aquella carta e aquella promessa erão o primeiro passo da sua victoria.

Luiza, se isso lhe fosse possivel endoidecia n'essa hora. Aguardava a noite com impaciencia febril. Leu, releu e decorou aquella carta, tirou das gavetas mais de vinte vestidos, mirou-os todos, vestiu alguns, e parece que com nenhum ficava satisfeita. A tarde parecia-lhe eterna.

Já não faltava senão um quarto para as seis. Luiza tinha mandado alumiar a salla, e de instante a instante a sua impaciencia crescia de ponto.

Finalmente por muito grandes que sejam as horas de esperar tambem acabam. A campainha da escada soou. No excesso de contentamento Luiza esqueceu conveniencias e correu a receber pessoalmente a visita.

Abrio a porta.

No topo da escada, tremulo ainda e desfigurado, Joaquim fitava-a silencioso com toda a ancia da duvida desenhada no semblante. Á direita e um

pouco desviado, Pedro Pereira, tambem immovel, conservava posição de respeito affectado.

A menina ficou desconcertada por um momento. Na sua bella fronte passou, rapida como a electricidade, uma nuvem de zanga. Era uma contrariedade que estava bem longe de prever.

— O' meu Deus — exclamou com um ar que quiz tornar risonho — que feliz surpresa! Confesso que não contava hoje com tamanha ventura. Queiram fazer obsequio de entrar.

— Tenho a honra de lhe apresentar os meus respeitos, minha senhora — disse Pereira, adiantando dois passos e tocando no braço de Joaquim Antonio, que parecia paralisado.

Rapida como foi, a hesitação de Luiza não lhe escapára, e o mesmo embaraço desconhecido, que de manhã lhe embargára os passos, tomara-o de novo.

Agora porém havia mais uma razão: é que a suspeita tinha-lhe entrado muito fundo, e aquelle embaraço não a aliviava um til, se não que mais e mais a firmava. E é doloroso, dolorosissimo, chegarmo-nos a convencer de que é vil e vulgarissimo o que phantaziáramos sublime e perigrino. Com uma mulher muito mais. E principalmente para Joaquim Ribeiro, character puro e franco, que não podia conceber que hoje em dia mulher é synonimo de fingimentos; amor, de calculo.

Os dois mancebos entraram e Luiza teve de seguir-os. N'essa hora dava o melhor de seus teres, talvez até o seu espelho e o seu *Rigoletto* por se ver livre d'elles. Mas as malditas conveniencias, se lhe não podiam suster os bons desejos e a agitação do espirito, retinham-lhe, mau grado seu, os movimentos do corpo, e stereotypavam-lhe nos labios o sorriso de cerimonia. Sentou-se no sofá, no mesmo logar onde annos antes tinha acceitado a visita ao sr. Patrocínio, e com gesto de amabilidade soberana, ou de amavel soberania, como melhor quizerem, convidou os visitantes a imitarem-na.

Ambos conservaram a sua posição. Joaquim porque na sua perturbação não viu esse gesto: Pedro de proposito.

E começou: — Creio que não sou para v. ex.^a um homem desconhecido...

— De certo, não, sr. Pedro Pereira. E que fosse, a sua visita era-me agradavel do mesmo modo pela companhia, respondeu ella cumprimentando.

Joaquim não pôde córar, porque o sangue de ha muito que lhe estava todo na cabeça. Fez um pequeno meneio de cabeça, e devorava-a com olhares indefiniveis.

— Por ventura, continuou Peixoto, se lembrará v. ex.^a tão bem como eu do modo aventureso como me coube o prazer de a ver a primeira vez?

Luiza demorou a resposta. Procurava adivinhar onde ia tal pergunta. Se bem que lhe fallecia agudeza de engenho, penetração viva e instantanea, todavia o tracto com

tanta gente, aquelle mesmo seu viver tinha-a de prevenção contra um ataque repentino.

—Oh! de certo sr. Pedro, acudiu ella com ar de simplicidade e transparencia (permitti o termo) tão lhano, que parecia d'uma pomba.

—Pois eu, minha senhora, ainda hoje o conservo no meu coração tão vivo, como no momento saudoso que breve passou.

Joaquim Antonio quiz fallar. Viu-se-lhe uma contracção ou antes um estremecer de labios, como de quem forcejava por exprimir sons: mas o ardor da febre, que o devorava, queimou-lhe a expressão antes de poder sahír ao ar. Virou olhos a Paixoto, como duelista furioso viraria a ponta d'um florete.

Pedro Pereira comprehendeu quanta amargura e quanta dor revelava aquelle olhar. E acrescêntou, sorrindo de certo modo: — este meu amigo duvidou ha pouco do favor que merecia a v. ex.^a, e como muito prézo semelhantes cousas, a v. ex.^a peço o obsequio de confirmar a verdade a tal respeito.

A menina Luiza vio a pontaria do tiro. E n'um momento transfigurou-se. Desafivelou a mascara da ingeunidade, e appareceu com a de Diana tomada no banho, no instante de converter em veado o pobre do Acteon. Era uma cara feia como o peccado, mais feia do que as das manas Eumenides do negro Cocyto.

—E foi para isso que aqui vieram? Pois agradeço-lhes a visita, meus senhores, e sinto dizer-lhes que me não é possivel agora dar-lhes a attenção, que merecem. Espero alguém de cerimonia.

E levantou-se.

—E' uma despedida, minha senhora? — perguntou Pereira socegado.

Entendam como quizerem.

Os dois amigos olharam-se. Nos olhos de Joaquim Antonio viu Peixoto brilhar uma lagrima. Estenderam-se as mãos.

—Vamos-nos d'esta casa infernal! bradou o pobre moço.

Luiza nem esperou que sahisses da sala. Sem mais dizer passou a um quarto interior.

Ficando sós Joaquim lançou-se nos braços de Pereira, exclamando em soluços:

—Perdoa-me, meu amigo; esta mulher é uma vil. Mas, que me custasse a vida, hei de curar-me. Voto-a a toda a maldição d'um coração despedaçado. Que o inferno lhe pague o que estou sofrendo!

—Basta: sê homem. Essa mulher tem a paga em si mesma. Não merece lagrimas tuas. Vamos. Sahiram effectivamente

A esse tempo dava a menina a ultima demão ao seu toucado, e murmurava para si:

—E' o primeiro de quem me desfaço. Tenho pena d'elle!?

E a creada veiu annunciar o sr. Cesario.

(Continua)

J. SIMÕES FERREIRA

OS PRIMEIROS NEGROS QUE VIERAM A PORTUGAL

Em 1441, Antão Gonçalves e Nuno Tristão, creados da Casa do Infante D. Henrique, sahiram em dois navios para os novos descobrimentos, por mando do mesmo Infante.—Nuno Tristão fez o seu descobrimento até ao Cabo-Branco, assim chamado pela alvura da sua terra, e Antão Gonçalves até ao Cabo dos Cavalleiros, (1) chamado assim, pela grande peleja que teve com os negros; porém, se mais infeliz que o seu companheiro, pelo combate que teve, foi todavia mais feliz; pois que, captivando muitos d'elles, foi o primeiro que apresentou ao Infante estas primicias da navegação.

Alegre ficou o Infante D. Henrique, — por já começar a recolher fructo dos seus trabalhos, e mais ainda, por ver que almas d'antes perdidas, tinham sido ganhas à Fé.

Com a vista d'esta boa preza muitos aventureiros, os mais d'elles do Algarve, se lhe offerceram, para á sua custa o servirem, e buscar suas aventuras; e da boa fortuna que Deus se dignasse dar-lhes, pagariam seus direitos, como a Senhor aquem aquellas conquistas pertenciam (2).

Nuno Tristão continuou muito além do *Cabo Branco*, e descobriu as Ilhas de *Adger* e das *Garças*, assim chamada pela abundancia destas aves, que ali encontrou; e voltou ao reino em 1443 trazendo mais de *quarenta negros*, captivos, que muito se estimaram por sua estranha figura (3).

Querem porém alguns escriptores, entre os quaes figura o veneziano Cadamosto, que os primeiros negros viessem de Cabo Verde, e que alli fossem tomados em uma almadia, pelo seu descobridor (4); mas este argumento cae por si mesmo, porque Cabo Verde foi descoberto por Diniz Fernandes entre 1443 a 1444 (5) e, como diz Goes, já n'estes annos havia muitos negros no reino, que os descobridores, e mais aventureiros traziam como grande raridade (6). S. Luiz, diz, que voltando em 1442 (7) Antão Gonçalves trouxera alguns barbaros, que ali captivára, que estes mouros prometteram dar em seu resgate alguns negros de Guiné, e que o Infante muito estimou esta promessa, pois que desejava colher informações sôbre as terras d'Africa. Os mouros exactos cumpridores da sua palavra, deram *dez negros* de dif-

(1) S. Luiz affasta-se da opinião do Chronista Goes. Diz elle:—Antão Gonçalves, que ainda era manco, foi ali armado Cavalleiro, e por esta circumstancia se deu áquelle lugar o nome de *Porto do Cavalleiro*. — Os Port. em Africa, tom 1.^o

(2) Goes, Chron. do Pr. D. João, cap. VIII.

(3) S. Luiz, liv cit.

(4) Navegaç. de Cadamosto. Rel. 1.^o

(5) Cardoso, Hist. Insul. liv. 2, cap. 8.

(6) Goes, Chron. do P. D. João, pag. 17.

(7) Damião de Goes, affasta-se desta epocha, diz elle, que o *Cabo do Cavalleiro* fóra descoberto em 1441: — é para julgar que a volta ao Reino fosse em 1442.

ferentes terras, e foram os primeiros escravos que da costa occidental d'Affrica vieram a Portugal (1).

O testemunho d'estes insignes escriptores levamos a crer, que o descobridor do *Cabo do Cavalheiro* fôra o primeiro, que mettêra negros em Portugal.

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE

Antes da interrupção d'este jornal já existia em nosso poder a seguinte carta d'uma senhora portuense, que hoje publicamos com a maior satisfação, pedindo-lhe mil desculpas por lhe não havermos dado a precedencia, que merecem seus escriptos — tanto pela origem, como pelo assumpto.

V. DA S.

CARTA Á SENHORA PORTUENSE

QUE SE ASSIGNA

Uma affeiçãoada dos Preludios-Litterarios

Ex.^{ma} Sr.^a: Não a conheço pessoalmente; é talvez pela distancia, que nos separa. Todavia o talento de V. Ex.^a encarregou-se de a fazer de mim conhecida, ainda que por outro modo.

Li duas produções suas no jornal — *Preludios-litterarios*, a que meus labios chamam o — *Simbolo da instrucção portugueza*; e ambas me deleitaram muito, com especialidade a segunda, que produziu em mim uma sensação inexplicavel, por ver que o seu assumpto versava sobre a ociosidade.

Nutro uma esperança, — a esperança que nos extingue o pranto e parece apontar-nos para um horizonte de venturas; a esperança, que nos dá energia para arrostar com a adversidade; a esperança, que nos acalma a impaciencia, que nos lisongeia, quando, amedrontados, no meio do oceano, diante da immensidade e furor das vagas, estamos prestes a succumbir. Essa esperança, senhora, é — que virá um dia, em que eu, frente a frente, possa conversar com V. Ex.^a.

Mas que digo eu! Não reflecti, que V. Ex.^a, dotada d'um elevado talento, cultivado talvez á custa de avultadas sommas, ostentava incomparavel superioridade!

É mister pois que eu renuncie a esse projecto, que talvez mui prejudicial me seria; destituída de grandes principios, não teria idéas para sustentar com V. Ex.^a a mais simples conversação.

É por tanto nas columnas dos *Preludios*, que eu vou ingenuamente conversar com V. Ex.^a sobre a ociosidade, os bailes, os passeios, de que V. Ex.^a se occupou no n.º 12 do citado jornal.

Minha senhora, eu não vou applaudir a ociosidade, porque, pelo contrario, a abomino do coração; e tanto, que me afflige ver os centena-

res de pessoas, e algumas de bastante instrucção, que divagam ahí por essas cidades, sem se procurarem que fazer, para evitarem assim o pererem á mingua, como infelizmente acontece todos os dias!.. De certo, a ociosidade arrasta a toda a casta de vicios; e se V. Ex.^a chegar a convencer-se de que com suas publicações pôde fazer entrar na regra do bem viver principalmente as meninas ociosas, — desde já pôde contar com um pasmoso numero de corôas de louro, que lhe glorifiquem a frente. Mas, permitta-me que lhe observe, que me parece impossivel, que V. Ex.^a possa extinguir-lhes essa predilecção que as domina por ser o seu nectarsaboroso...

O Creador, ao modelar as fôrmas da primeira mulher, deveu ensinar-lhe, que o trabalho é o seu primeiro dever: e a experiencia nos faz cren-tes hoje nos seguintes principios: que devemos aprender primeiro o indispensavel á vida, o util, e finalmente o curioso, o agradável.

E na verdade, este ultimo principio é muito razoavel, e até, como vulgarmente se diz, ouro sobre azul, quando unido ao menos com o primeiro. E tanto, que a senhora, que chegar a reger uma casa, sem as condições, que este ensina, posto que sobrem as do outro, não só passa vida amarga, mas amaldiçoa os encarregados de sua educação.

Quanto aos bailes e passeios, a que V. Ex.^a allude, direi que os considero hygienicos, quando seu fim é só tirar-nos da monotonia dos trabalhos domesticos, fazendo-nos gozar d'uma atmospherá mais livre do que a das nossas habitações, que, por continuada, nos é prejudicial á saude.

Os bailes, ainda que pouco frequentes, tambem nos são precisos; pois que não só nos desenvolvem na acção, mas nos proporcionam occasiões, para nos habituarmos a fallar em publico sem acanhamento.

D'aqui infiro eu, portanto, que o tempo bem dividido pôde e deve chegar para tudo. O talento, minha senhora, ha de brotar com o individuo; e quando assim não acontece, quando se não possui assim este tão apreciavel dote, pôde ter-se por certo, que só com a lição dos livros, por muitos que sejam, se não adquire a sua perfeição. Deve convencer-se que um talento cultivado, não se aprecia tanto, como o que o não é.

Por fim: eu gosto muito dos livros e frequento-os com especial prazer, sem que até hoje, graças á Providencia, sua leitura me tenha perturbado... Tambem me entrego aos prazeres da musica, e tenho entendido que com isso não levo prejuizo a uma só hora dos trabalhos proprios do meu sexo.

Coucluo pedindo-lhe que me desculpe, se a offendi em suas idéas, pois confesso que não foi minha intenção vituperar alguem.

De V. Ex.^a creada reverente

(1) S. Luiz — Os Port. em Affrica tom. 1.º pag. 14

TRADUÇÕES OU IMITAÇÕES

OFFERECIDAS AO EX.^{mo} SR.

Dr. Francisco de Castro Freire

POR

Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro

1.^a

RAIO DE SOL — RAIOS DE AMOR

(Tradução livre de Victor Hugo)

Oh! nunca as faces da mulher perdida,
Que da honra deixou a senda nobre,
Co'o insulto verbereis!
O peso, a que ella viu a alma rendida,
Os dias, que luctou co'a fome a pobre,
Por ventura o sabeis?

Quando o gélido sopro da desgraça
De a virtude guardar lhe nega a esp'rança,
Quem é que inda não viu
Uma d'essas mulheres, que se abraça
Largo tempo com ella — e que allim cansa
Por que a fome o exigiu?!

Tal vemos sobre um ramo arredondar-se
Uma gota de chuva rutilante,
Em que o céu se revê:
Com a arvore a agitámos; segurar-se
Tenta em vão... Era perola brilhante;
Cahiú — só lodo é!...

É toda nossa a culpa; e o abastado,
Cujo ouro seductor a corrompêra,
Tambem a culpa tem;
E esse mundo, que ri do desgraçado,
Que zomba das miserias, que elle gêra,
É culpado tambem.

Mas dentro em si conserva o lodo ainda
A gota de agoa pura, que libára;
Para que ella do pó
Consiga desligar-se, e outra vez linda
Ostente essa pureza, que deixára,
E crystal seja só;

Para que do vil lodo isenta, solta,
De perola retome esse, que teve,
Primitivo esplendor,
Basta — e é assim que á vida tudo volta —
Ou um raio de sol, que a si a eleve,
Ou um raio de amor.

Dezembro de 1859

2.^a

A ROSA

(Tradução de Casimir Delavigne)

Da aurora aos primeiros raios
Uma rosa o seio abria:
Nas rubras folhas fulgia
Pranto, que a manhã chorou;
Quando a vi do orvalho ao peso
Tristemente estar pendida,
Um momento a alma illudida
Que ella sentia julgou.

— Porque choras rosa tímida?

Que desgosto vem curvar-te?
És amada em toda a parte,
Nos jardins não tens rivaes:
Que desgraça então te afflige?
Aos prazeres consagrada,
Se da hastea és separada
Das bellas p'ra o seio vais.

És buscada com delicias,
Como entre as flores mais bella...
— E, agitando o calix d'ella,
Os seus prantos saccudi.
Ai! minha mão temeraria,
Ao tocar-lhe, a rosa esfolha;
E na terra, folha a folha,
A pobre desfeita vi.

Comnosco o mesmo succede:
O que deseja, indiscreto,
Consolar pesar secreto,
Vai o mal tornar maior:
Em vez de dar o conforto,
Que o pungido peito exige,
A sua piedade afflige,
Mais augmenta a occulta dor.

Dezembro de 1859

EXPEDIENTE

Carta anonyma — Á que alludimos no numero passado de nosso jornal — foi publicada no n.º 500 do *Tribuna Popular*, pag. 3.^a

Satisfação razoavel — Tendo sido objecto de duvida o valor d'aquelle B, que, no n.º 15 de nosso jornal, pag. 115. lin. 22, empregámos para significar um nome; e cedendo voluntaria e gostosamente a um pedido, que se nos fez, declaramos — que aquella mesma letra foi por nós empregada para exprimir um dos appellidos de nosso amigo collega A. M. dá C. B.

PRELUDIOS - LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

PRELUDIOS - LITTERARIOS

É neste jornal, a que tantas vezes temos confiado nossos mais intimos sentimentos, e que foi, é, e ha de ser sempre lido por muitas gerações academicas, — que nós vamos registrar a resposta, que demos a nosso amigo o Bacharel José Rodrigues de Figueiredo, de S. Pedro do Sul, quando, informado dos revezes, por que ultimamente temos passado, nos lastimou e nos prometeu empregar toda sua solitudine em socorrer-nos e minorar nossos infortunios, cedendo-nos o producto de seus trabalhos de advocacia.

Eil-a:

«Coimbra, 15 Novembro 1860. Figueiredo: acabo de receber tua carta, de 13 do corrente mez, que me sensibilizou vivamente, que veio suavizar-me por um pouco, as dôres de meu infortunio!...

Eu te agradeço, pois, esta gota de balsamo, que tua alma generosa e compassiva veio, em tam tristes momentos de minha vida, derramar sôbre as chagas de meu coração! eu t'a agradeço; pois que, com ella, trouxeste allivio a minhas penas, esperança a meu desconsolo!

Figueiredo, ouve:

Em 1849 era eu ainda muito feliz...; tinha um irmão, que satisfazia todos meus caprichos, que me estimava tanto, como se eu fosse seu filho...

Achava-me em Lisboa: estudava na Eschola Polytechnica.

Os dias corriam-me alegres, e tudo em mim parecia sorrir de ventura...

Em cada condiscipulo, em cada collega meu eu via um irmão, um amigo dedicado; em todos uma affeição desinteressada...

Não conhecia então nem a inveja, nem o odio: ninguém me aborrecia, ninguém me evitava...; era rico... pelo menos nada pedia, se não repartia com muitos o que julgava inutil... ou pouco apreciavel...

Por outro lado: o estudo era para mim um fim, e não um meio, como depois, para servir-me de introduccão a um mundo, que apenas em sonhos começara a revelar-se-me.

Não tinha por tanto ambições nem de fortuna, nem de gloria...; satisfazia-me meu estado...; era

Junho — 1860

creança... Não embaraçava os outros... ninguém reparava em mim... era feliz...

Uma nova ordem de idéas, depois, fez-me abandonar meus estudos... Sai de Lisboa: dirigi-me á Hespanha e á França.

Querendo *praticamente* estudar os homens... e as coisas, passei por mil transformações, confundi-me por todas as classes...

Voltei em 1853.

Era homem.

O sopro da desgraça tinha-me crestado a existencia antes de tempo...

Duas crenças existiam porém ainda em pé em meu coração, uma robustecida no proprio infortunio, outra na necessidade de affrontar o perigo imminente...

Sem ellas teria succumbido...

Cria em Deus e na vida de meu passado.

Na primeira, encontrava amor e perdão...

Na segunda, vida e esperança nas coisas d'este mundo...

Aquella dava-me resignação para supportar os revezes.

Esta energia; vontade para os combater.

Tal era o estado de minha alma, de meu coração ao entrar em Coimbra.

Novamente collocado no seio d'uma sociedade, que tam gratas recordações me trazia de meus primeiros annos; não podendo vêr em cada condiscipulo, em cada collega meu da Universidade menos, do que tinha visto nos da Eschola...; esqueci-me de que tinham passado sôbre mim quatro annos de acerbos desenganos, em que havia perdido, com um mundo de crenças, fortuna e prazeres; em que a idéa de ambição... começara a imprimir um novo caracter em todos meus pensamentos, em todos meus actos!

Fatal deseuído! que me teria feito renegar até o proprio Deus, se, na invocação de sua omnipotencia, eu não tivesse encontrado meu poder contra os que, em seu desprezo...; em seu odio...; em sua vingança, têm pretendido esmagar-me honra, liberdade, intelligencia!

Assim, passado o primeiro momento de surpresa...; amigas que eu suppunha, milhares de vistas se fixaram sôbre mim com desconfiança...

VOLUME II

N.º 17

Pronunciou-se meu nome com hesitação..., poz-se em duvida a terra de meu nascimento..., minha pobreza pareceu-lhes calculada..., a triste expressão, do que me passava no intimo d'alma, hypocrisia, remorso... soberba ou orgulho...; em fim, meus passos foram medidos, minha liberdade circumscripta á do mendigo..., minhas palavras sopesadas, o mais insignificante de meus actos disse-cado, com o fim de descobrir n'elle mais um insulto com que arrojear-me ás faces!.. Oh! nunca a dignidade humana se sentiu mais vilmente injuriada!

!E eu havia voltado a meu paiz... e eu tinha vindo procurar em Coimbra, no meio d'uma sociedade de mancebos, onde todo sentimento devia ser puro e grande, o esquecimento para minhas magoas passadas, o remedio para meu futuro duvidoso e triste!.....

Ai! quizera estar escrevendo-te as primeiras linhas d'um romance, ou as impressões deixadas na memoria por um horrivel pesadêlo, em que assim se me houvesse afigurado minha existencia de sete annos em Coimbra!

Porém, infelizmente, bem longe vou ainda de toda a realidade... Essa monstruosa carta, que ainda ha pouco me dirigiram meus inimigos, e que eu fiz publicar, para que, amarrada assim a injustiça dos homens ao pelourinho da opinião publica, todos a vejam cair em pedaços diante do irresistivel poder de Deus e dos tempos,— não é, amargo é dizel-o, senão a synopse, do que ainda hoje e geralmente se pensa de mim em Coimbra!

Mas essa terrivel prova, por que tem passado minha vontade, minha energia, todas as faculdades de minha alma, e que teria aniquilado n'outro resignação, esperança, todo sentimento bom, a mesma razão..., não tardará, que toque seu termo; e então; ai dos culpados! que a espada da justiça assim opprimida, collocada em minhas mãos pelo Omnipotente, será inexoravel em sua punição!

Eu te agradeço, pois, essa gota de balsamo, que tua alma generosa e compassiva veiu, em tam tristes momentos de minha vida, derramar sobre as chagas de meu coração! eu t'a agradeço; pois que, com ella, trouxeste allivio a minhas penas, esperança a meu desconsolo!

Longe d'aqui assististe com os olhos do espirito a minha agonia..., indignaste-te contra o carrasco, gemeste com a victima! Coração nobre! e abriste a teu amigo um peito rico de virtudes, para robustecer-lhe as crenças, que no seu lhe morriam, e sacrificaste a suas necessidades, a seu repouso, a seu contentamento o producto das longas horas de teu trabalho, os prazeres dos mais bellos annos de tua existencia!

! Não!

D'um amigo como tu, — basta-me uma lagrima para ser feliz!...

Costumado a toda sorte de privações, ferido sem piedade todos os dias em minhas mais caras affeições... pouco falta para que me não tenha tornado insensivel aos golpes da desventura...

Deixa, pois, que eu só esgote todo o fel, que ella contem; é o prazer, é o orgulho do martyr...

E que sobre ti, alma pura e generosa, caiam tam sómente os beneficios, que mereces por tuas virtudes.

Adeus.

V. DA SILVEIRA

CANDIDA

II

Como principia uma paixão

Continuado do n.º 15, T. II

Um dia, era ao pôr do sol, fazia frio, mas o céu estava limpo de nuvens e a atmosphera não era agitada por a mais branda aragem. Candida estava na extremidade do jardim em um pequeno pavilhão, que deitava mesmo sobre a estrada: Julio de Vasconcellos passou, e Candida seguiu-o com a vista. Quando perdido ao longe, deixou cahir a fronte sobre um dos braços, em quanto na outra mão sustinha uma rosa, que insensivelmente ia apertando e desfolhando: as ultimas pétalas da flor tinham-lhe cahido desfolhadas no regaço, e ella permanecia ainda, como immovel e presa, na sua meditação. Tinha anoitecido e nem assim sentia o frio da noite, que lhe enregelava os membros.

N'esse momento viu ante si uma sombra e ouviu uma voz vagorosa mas irrestivel, que dizia assim:

— Senhora... eu amo-a.

Candida ergueu-se assustada e sorprendida: quiz gritar, mas a voz embargou-se-lhe no peito; e, inerte e sem forças, deixou-se outra vez cahir no mesmo assento.

— Senhora, continuou Julio, pois era elle, V. Ex.ª póde com uma só palavra dar-me a vida ou a morte. Não me humilhei, há vinte annos, deante de mulher alguma; porque já não acreditava no amor. Agora não posso duvidar d'elle; mas não me humilharei ainda. Exijo só a resposta a uma pergunta, que vou fazer. V. Ex.ª quer desprezar a affeição, que me deve ter lido nos olhos, que tem talvez animado, ou quer dar-me uma parte do seu coração, como teve a força de me roubar o meu?

— Senhor, murmurou Candida, como entrou aqui... que pretende?...

— Perdão, continuou Julio imperturbavel, perdão... não se tracta agora do modo, por que entrei aqui; naturalmente devia de ser aquelle, por onde toda a gente póde entrar tambem. O que pretendo,

acabo de ter a honra de o dizer a V. Ex.^a; e tenho de novo a honra de lhe certificar, que esperei uma resposta...

— Mas, senhor...

— Tenho a advertir a V. Ex.^a, que é tarde bastante e podem dar por a sua falta; no entanto não sahrei sem essa resposta implorada. Se V. Ex.^a me disser, que me não ama, que jamais me poderá ou quererá amar, tenho a coragem sufficiente para me matar; se V. Ex.^a realizar as minhas esperanças, diz-me o coração, que seremos felizes.

— Mas... senhor...

— Vem gente, parece-me ouvir a voz de seu pae. Responda, senhora, amar-me-ha V. Ex.^a um dia ou quererá matar-me? que diz senhora?...

— Deixe-me, senhor! é meu pae, que se aproxima...

De facto ouvia-se já distincta a vóz do general, que chamava sua filha.

Deixe-me, senhor, continuou Candida embarçada; quando não, grito...

— Perdão, continuou Julio, agarrando-lhe com força em uma das mãos, se V. Ex.^a grita, descredita-se, porque ninguém julgará que estou aqui contra sua vontade; e depois, é tão simples o que lhe peço, tão facil a resposta, que exijo...

— Saia... senhor...

— Não sahrei... não posso subjugar esta força, que me impelle para V. Ex.^a, morrerei com ella, se não fôr animado por uma palavra só de V. Ex.^a... Candida, responda... aceita este amor?...

— Por piedade, senhor, deixe-me...

— Chega seu pae, não o vê?... uma palavra só para me arrancar d'este inferno de torturas... Candida, o seu coração não lhe aconselha a compaixão sequer?

— Piedade, senhor, piedade meu Deus! balbuciou a pobre desfallecida; e, como já em um sonho, continuou... ah! porque havia eu de encontrá-lo... e amal-o-hei eu?!...

— Amas sim, Candida! amas... tu o disseste, atalhou Julio, poisando-lhe ardentes os labios sobre os d'ella.

N'esse momento Candida viu já perto seu pae, e ao mesmo tempo sentiu aquelles labios de fogo poisarem-se-lhe sobre os d'ella; deu um grito de susto e desmaiou. Julio deixou-a cahir, e, murmurando inintelligivel, sahio apressado por um lado, em quanto o general entrava pelo outro. Ao encontrar a filha desmaiada e fria tomou-a nos braços e gritou:

— Minha filha, que foi isto?!... soccorro!...

Correu como um louco com ella, sempre desmaiada, fêl-a deitar e applicou-lhe todos os carinhos de um pae extremoso, até que passados minutos viu, palpitante de alegria, seus olhos abrirem-se-lhe e ouviu uma voz, sumida ainda, perguntar:

— Aonde estou eu?... fugiu...

— Que dizes minha filha?... não fugi, não; estou aqui, é teu pae, que te beija, não vês?...

— Ah... meu pae...

— Isto não foi nada, descança, minha filha... havia de ser o ar frio da noite: olha, não voltes para o jardim aquellas horas, e só, não?...

— Oh! nunca, nunca...

No outro dia Candida ficou de cama, o choro reventava-lhe dos olhos a cada momento, e o sono não lhe fechava por um instante as palpebras. Passados quatro ou cinco dias ergueu-se pela primeira vez, e, approximando-se do toucador, encontrou um pequeno bilhete que dizia assim:

« Candida—Não pretenda illudir-se, não queira lutar contra o seu coração. O seu amor não pôde deixar de ser puro como o meu.

« De mais, para que m'o confessou?..

« Coragem pois e deixe campo livre a seu sentimento nobre, que nos mandou o céu; não o queira contrafazer, não despreze a ventura, que nos espera. Olhe que o meu coração adivinha o seu...; ame-me com todo o amor, que Deus nos deu, e tenha confiança n'elle. »

Este bilhete não vinha assignado, mas Candida adivinhou o seu auctor.

Mas como appareçêra elle alli? quem o trouxera?... Este mysterio, e a força d'aquelle olhar, d'aquellas palavras que lhe soavam ainda ao ouvido, terminaram por a vencer completamente. Quiz revelar tudo a seu pae, mas um acanhamento irrestível lhe impôz silencio: uma afflicção constante a perseguia. Um segundo bilhete, que recebêra, ou antes encontrara como o primeiro, acabou de a determinar, e uma noite, ao dar das onze horas, deu ella a primeira entrevista a Julio de Vasconcellos.

Desde esse momento fugiu-lhe a vontade, perdeu-se-lhe a alegria: depois de tres mezes, que tinha principiado esse amor, Candida vivia só de Julio e não podia vencer a influencia, que aquelle homem exercia sobre ella.

Foi pois n'estas circumstancias, que, na vespera da sua partida para Cintra, ella o mandou chamar e recebeu no jardim na occasião, em que principiamos este capitulo.

Veremos o que se seguirá.

(Continúa)

A. F. DE LOURKEIRO

MELODIAS OU CANTOS D'ADOLESCENCIA

DO

Sr. João Joaquim d'Almeida Braga

Ha tempo foi-nos offerecido por um amigo nosso um exemplar das — Melodias, ou — Cantos d'Adolescencia, do sr. João Joaquim d'Almeida Braga.

Notamos no joven bracharense, que apenas conta 22 primaveras, um estro verdadeiramente poetico, e um gosto decidido pela poesia.

Está hoje de tal modo cultivado este ramo de

Bellas Artes, que é difficil sair da vulgaridade, perigoso afastar d'ella; e com tudo, no seculo actual, todos querem ser poetas! A consequencia é clara.

O scepticismo fornece mais armas e um campo mais vasto para longas dissertações; e debaixo do titulo de sceptico analisa-se tudo e tudo pôde censurar-se ainda as maiores bellezas da creação; e por tanto suppre-se com o scepticismo os poucos recursos da intelligencia, e o globo verga debaixo do peso de produções descrentes, a que, com pouca modestia, seus auctores chamam poeticas.

O sr. Braga saiu da vulgaridade, e a nosso ver, foi feliz.

A missão do poeta sôbre a terra é nobre, é sagrada. Canta as bellezas da natureza, porque sabe comprehendel-as e aprecial-as; canta tudo o que é bom, nobre e virtuoso, porque vive n'uma esphera superior ás desgraçadas ambições do homem.

Eis a razão, por que o poeta é quasi sempre infeliz. Elle vive, sente, goza, soffre e morre sempre n'uma atmospheria religiosa, onde se respira o amor dos grandes sentimentos. Quando se eleva até Deus goza, extasia-se: quando desce entre os mortaes soffre, mas com um soffrer que despedaça. Seus cantos são puros, sinceros, nascidos d'uma alma ingenua; e o mundo admira o auctor mas chama-lhe louco.

Seus conselhos são sabios, prudentes, filhos do desinteresse; e o mundo reconhece-os, mas despreza-os.

Esta missão comprehendeu-a o sr. Braga. Passando através dos caprichos e invejas humanas, arrostando com a influencia das vís paixões, foi, sem deixar perverter-se-lhe a alma, apreciar o justo e o grandioso, foi com um sorriso de compaixão estender mão benevola aos desgraçados, apontando-lhes Deus e a Eternidade, como mostram as suas poesias a — *Virgem* e a — *Perdida*; foi, como verdadeiro portuguez, chorar sôbre campa de velhos e bons portuguezes; finalmente, como bom christão, odeando o *voltairanismo* e o *diderotismo*, foi, em todas as suas poesias, prestar culto e homenagem em tudo e por tudo ao Auctor da Creação.

Esta é a vontade de Deus, este é o espirito da religião, esta é a missão do poeta.

Continue o joven bracharense na senda, que tão brilhante encetou, e folgaremos de o ver occupar um logar distincto entre os nossos primeiros poetas.

A. L. T. CRESPO

UM AMOR SEM ESPERANÇA

I

Era uma bella tarde de junho de 1857.

O sol caminhava placido a sumir-se no occidente; mas sua luz radiante e pura ainda me não

permettia fixal-o. Tendo por costume vel-o mergulhar-se no oceano, havia chegado á minha janella, d'onde descobria ao longe vastos campos, em quanto que mais perto podia gozar das vistas d'um bello jardim, cujas rosas, bem como outras flores de maior brilho ainda, me enviavam simultaneamente seus aromas deliciosos.

Era uma tarde inteiramente bella!

Ouvia-se o sardo murmurio da fonte, e o brando e suave canto dos passarinhos, que, de quando em quando, eu via atravessar velozes em demanda de suas aereas habitações, levando o sustento a seus filhinhos.

Quanto é para invejar a vossa sorte, pensei eu então, vós, que gozáes assim d'um puro inextinguivel amor, em quanto que, entre os homens, elle é tantas vezes calculado ou ephemero!

Assim fui discorrendo por muito tempo, até que cançada já, opprimida por tão tristes meditações exclamei: Oh! aqui tudo são prazeres, tudo alegria! e estão elles em harmonia com o estado de minha alma?...

Não! tendo nascido só para soffrer, meu coração sente-se torturado continuamente por mil idéas, com que o meu espirito naturalmente melancolico me occupa o pensamento! É preciso pois que me afaste d'estes logares...

D'ahi a pouco achava-me fóra de casa e a bastante distancia: tinha caminhado ao acaso: olhei e conheci que havia penetrado na morada dos mortos.. Fui lendo os epitaphios...

É aqui, ia eu dizendo, aonde a morte, sem attenção ao mais elevado nascimento, á mais brilhante fortuna nos conduz! é aqui onde luxo e vaidades humanas tudo termina! é aqui, onde os mais nobres senhores da terra, baixando de seus magnificos e elevados palacios, vêm, avassallados pela morte, associar-se para sempre com esse vulgo, com essa pobre classe, que outr'ora tanto desprezaram!.. é aqui, finalmente, onde o pó vem juntar-se ao pó, de que todos somos feitos!..

Pensando assim minha alma se voltou para Deus, e cheia d'angustia exclamei: Ó meu pai, meu verdadeiro pai! dai-me forças para encarar a morte, cujos estragos horriveis me enchem de espanto! Piedade, meu Deus, piedade! estou cançada, sinto-me desfallecer...

Não pude terminar: uma voz, que parecia d'um muribundo, chegou a meus ouvidos: escutei e percebi as seguintes palavras:

—Está decedido... minha vida tinha de ser uma continuada cadeia de infortunios... No que todas encontram prazer eu só devia encontrar desgosto e magoas... chora, goteja sangue meu dilacerado coração... Minha cabeça perde-se ainda com a recordação d'esse ingrato Alfredo...

Não pude ouvir por mais tempo essa voz, que me pungia n'alma, sem procurar soccorrer aquella que assim se queixava: deixei a lugubre habitação dos mortos, e corri precipitadamente para o bosque, onde a mesma voz se fizera ouvir.

Uma joveu, que mostrava ter apenas uns 18 annos, pallida, desfigurada—estava alli sentada sobre uma pedra: assim que me avistou um vivo carmim lhe tingiu as faces, tornando-a mais bella: havia em seu rosto não sei que de attraente. Seu vestuario indicava indigencia, mas sua graça natural, que não chega a meu escaço talento o esquecer, fazia esquecer inteiramente seu aspecto de pobreza. Os olhos eram d'um preto vivo e encantador, a boca amavel e graciosa, e em seus labios errava um sorriso constrangido. Os cabellos pretos ondulavam por sobre seus eburneos hombros:—era assim mesmo divinamente bella; não carecia de fausto para fascinar os homens. O Supremo arbitro da natureza a tinha dotado de todas as perfeições.

(Continua)

COISAS E LOISAS

ROMANCE ORIGINAL

Continuado do n.º 9, 13 e 16, tom. II.

CAPITULO VII

La Traviata n'uma guitarra. Morte de Rigoletto. De como o coração humano é uma grande extravagancia.

Nos *Preludios* não se pôde escrever coisa seria. A mim, ao menos, é decedidamente impossivel. É uma idéa que repugna tanto ao meu espirito, como ao meu ouvido, o escutar *La Traviata* n'uma guitarra. Cada coisa neste mundo é para o que é: aliás vae tudo pelo pó do gato. Escrever um artigo massudo, desenhar um quadro completo, tratar um assumpto de historia, um trabalho de critica, ou assim coisas de tal jaez n'um jornal d'esta natureza, parece-me tão fóra de proposito como vestir uma casaca e calçar luvas de pelica branca para ir visitar um estudante.

Ora eu não quero fazer escola com taes idéas. Cada um pôde pensar como melhor quizer, e escrever como melhor pensar. Só trouxe aqui isto para lhes contar uma passagem, que me aconteceu com este capitulo, que já tinha quasi acabado e tive de tornar a fazer inteirinho de fio a pavio.

Vão ver, e tomo-os para juizes, se fiz bem ou mal.

Não me recordo bem, mas creio que principiava por dizer que o sr. Joaquim Antonio Ribeiro ficou inteiramente curado com a lição de Luisinha. E explicava o facto muito naturalmente, pouco mais ou menos d'este modo:

« Assim como as bexigas incommodam só em quanto não rebentão, e depois passa com a dôr o perigo: assim o amor cahe de toda a altura do seu poder, se um desaffogo o allivia ».

O desaffogo foi aquella lagrima, que cahiu fer-

vente no seio do amigo. Ficou prostrado e abatido, como em convalescença de grande molestia, como homem a quem houvessem feito dolorosa operação; mas bem disposto a deixar-se melhorar. E não admira nada.

N'este mundo ha homens para tudo. Ha uns para quem a mulher é traste inteiramente inutil: outros para que é inteiramente necessario. E aqui ainda ha suas differenças. Para uns é necessidade physica; para outros necessidade de cabeça; para uns terceiros necessidade de coração. Para os primeiros a mulher é a *femea do homem*; para os segundos uma idealidade; para os terceiros uma paixão. Aquelles são a immensa maioria da vulgaridade, estes são os poetas que escrevem; est' outros poetas que calam.

Joaquim Ribeiro era d'estes ultimos. Por isso soffria e sentia, como só estes homens sabem sentir e soffrer. Homens d'estes pouquissimas mulheres os comprehendem, porque não sabem alindar-lhes frioleiras, alambicar-lhes expressões de mentido affecto, derreterem-se deante d'ellas em ternura de romance. Sabem amar em todo o elevado sentido da palavra; e as mulheres d'hoje substituiram o amor pelo galanteio. Não sei se ganharam: talvez.

Ainda que Luiza não caminhasse debaixo d'um plano, como dissemos no capitulo anterior, tal homem nunca lhe poderia servir para nada. Era muito *pelludo* para uma menina tão *civilisada*. Um parvalheira, que o muito a que podia chegar era entregar-lhe inteira uma vida cheia d'amor, não podia de modo nenhum bastar a uma mulher, que ambicionava um amor cheio de vida.

Foi isto que Ribeiro viu, quando dos olhos lhe cahiu a venda. Foi um golpe de que lhe custou a vingar, porque nunca tinha amado outra mulher, e aquella amava-a como n'este mundo se pôde amar.»

Depois de dizer isto tudo, mas em palavras bombasticas, o capitulo entrava a desenhar um quadro, que realmente era de tentar um sancto. É pena que vol-o não possa aqui mostrar como lá estava. Mas façam idéa.

Era por uma tarde de inverno, e até creio que de chuva. Numa casa pequena e bem agasalhada estavam tres mulheres a trabalhar. Uma era já grave mas ainda graciosa. Dava ares de mãe. As outras duas moças e viçosas. Todas tres grupadas em volta d'um bastidor, e ao pé um famoso gattarrão. A mãe fallava, as filhas escutavam, o gato abria a boca e espichava-se.

Nisto batem palmas na escada.

—Quem é? perguntou a mãe.

—Um creado de V. Ex.ª, minha senhora.

—Queira subir, sr. Pereira.

A mais nova das filhas fez-se de malagueta até ás orelhas, a mãe percebeu-o e sorriu para dentro, a visita foi entrando:

—Muito boas tardes, minhas senhoras, e os meus respeitos: senhora D. Candida, como está V. Ex.ª?

—Agradecida, sr. Pereira, estou boa. Queira

sentar-se. Amelinha, tome aquelle chapeu e bengalla do sr. Pereira.

A visita entregou o chapeu e a bengalla, e sentou-se.

Aqui havia mutação de scena. O bastidor arri-mava-se no vão da janella, o gato pulava para cima dos joelhos da visita, as filhas perfilavam-se ao lado da mãe, que, de toda a roda, era a unica que conservava a sua posição. E continuou ella disendo:

—Por todos os motivos estimei muito a sua visita, sr. Pereira, mas especialmente porque tinha necessidade de agradecer-lhe os bons serviços, que meu filho lhe deve; estou de veras penhorada.

—Confunde-me, minha senhora. O que mais fiz foi alliviar a minha consciencia, cumprindo um dever. Nunca me perdoaria que deixasse cahir um amigo num despenhadeiro. Estendi a mão e tão feliz que o pude salvar.

—Sofismas da modestia, sr. Pedro, ou antes subterfugios de alma grande, que esquiva agradecimentos. Pois se não quer que lhe agradeça o favor que fez, agradeço o beneficio que recebemos.

A minha formosissima leitora é fina como um coral. Já advinhou com que gente está tratando; e agora lhe lembra o capitulo terceiro, onde se falla d'uma casa de portas verdes. Não digo mais nada.

Depois d'aquella scena do capitulo antecedente, tinham-se passado alguns dias, que tinham feito immensa alteração nas disposições de quasi todos os nossos personagens.

Luiza, que de justiça é se memore primeiro, tinha soffrido um grande desgosto, e morrêra, dizia ella, para o mundo. Desde o dia em que ultimamente estivemos com ella, sahindo nós ao tempo que entrava o sr. Cesario, não tinha mais sahido do quarto. Quando alguém perguntava a causa d'aquillo, respondia a creada que tinha morrido o *Rigoletto*, e que a menina estava por isso inconsolavel. A verdade não sei qual seria.

Cesario encontrára-se no dia seguinte com Peixoto.

—Então, perguntou este, que houve com aquella mulher?

—Disse-lhe simplesmente, que tinhas sido tu que ditáras aquella carta.

—E ella?

Deu-lhe um ataque de nervos, e quando voltou a si já me não achou. Nem mandei saber d'ella.

—Dá cá um abraço, que és um grande homem, apesar de janota.

O sr. Paulo Rodrigues do Patrocinio, como demos a entender no capitulo iv, recebeu no mesmo dia duas cartas de Luiza, na primeira das quaes o despedia das suas pretensões, e na segunda lh'as restituia todas. «Apenas havia um obstaculo a vencer, acrescentava ella, obstaculo em que firmava principalmente a negativa do pae, que era o pretendel-a tambem Sousa Paiva, que ella não podia ver.»

O bom do ex-tenente, no primeiro momento de entusiasmo, por se ver preferido a um rico herdeiro por aquelle anjo em forma de mulher, escreveu aquella famosa carta, que os leitores conhecem, e após a carta teria seguido a farrusca, se Cesario não morasse a distancia aonde ella não alcançava. Dormiu porem, sôbre o caso, e o somno matou-lhe o entusiasmo. Das ruinas mal surgiu um resto de senso commum, e o homem pensou melhor.

Effectivamente a *independencia* e *fortuna* de Luiza não passavam de bonitas idealidades ou bons desejos. Luiza era uma menina que alguma coisa tinha da parte da mãe, mas de nada dispunha nem podia sob a tutoria do pae. D'accordo com elle, ainda o casamento tinha alguma vantagem, porque ficavam vivendo em familia, e o velhote era fama ter alguns cobres escondidos: do contrario não merecia a pena, e de mais a mais com a pensão de tirar a mulher por justiça, o que equivalia a compral-a por tresentos ou quatrocentos mil réis.

O sr. Patrocinio, depois d'estes calculos, sentiu córarem-lhe as faces pela ridicula figura que tinha feito, e fez por esquecer aquelle episodio.

Um bello dia, porem, ali pelos principios de janeiro, recebeu uma carta que lhe fez de novamente subir o sangue á cabeça. Luiza lançava-lhe em rosto a sua demora como prova de ingratição: fallava-lhe muito do seu amor e exegia uma resposta a tantas provas dos seus extremos.

Desculpem, se quizerem, esta digressão, e continuemos no ponto em que iamos.

—E o pobre moço, como está, melhor? — continuou Pereira, desviando a conversação. Ha mais de oito dias que o não vi.

—É que não tem cá estado. Logo no dia immediato, ao em que estiveram ambos, sahiu para a quinta, e por lá se tem conservado.

Meia hora depois era noite fechada.

Pedro Pereira levantou-se, tomou o chapéu e dispunha-se a sahir

—Então não nos faz companhia ao chá? perguntou D. Candida: é o nosso chá simples de familia; mas, como não é a primeira vez, não tem que estranhar. É desculpar mais uma.

—Mil vezes obrigado, minha senhora: hoje peço licença para retirar-me.

As duas filhas, fieis á sua educação, não tinham dito pio. Estava a mãe conversando, e era com um homem. Duas razões qual d'ellas mais fortes para lhes reter muita vontade que tivessem. Eram filhas exóticas, bem se vê, mas para exótico tambem ha gostos. Eu antes as quero assim, do que muitas palradeiras que conheço, que tagarellam as estopinhas em tres ou quatro linguas. Em todos, e em mulheres principalmente, quem mais calla, mais acerta.

Pedro Pereira da Penha Peixoto pensava n'este particular exactamente como eu, do que aliás muito me lisonjeio. E tanto assim, que tendo tenção decedida de sahir, tal impressão lhe fez um volver d'olhos

da Amelinha, que tornou a poisar chapéu e bengalla e deixou-se ficar.

De ha muito que Pereira experimentava em si o que quer que era, que não sabia definir, quando se achava em frente d'aquella menina. Era elle um homem bastante practico nisto a que por ahi se chama amor; e certo estava de que amor não era. Ou elle não sabia o que era amor. Quando a via não se inflammava, não sentia o sangue em fogo, a cabeça em brasa, a respiração curta e violenta, o coração bater descompassado e forte. Nada d'isso. Pelo contrario: sentia-se como que repousar de todo esse alvoroço de sentidos, repassar-se todo d'uma frescura suave e deliciosa, mas deliciosa num sentido, novo, inteiramente desconhecido para elle, e que todavia o fazia gozar gozos indisiveis de que lhe não fallava a memoria em nenhum outro periodo da vida. Elle, tam agil, tam corrente, era como se o tivessem prezo em estando ao pé d'ella. Não ousava quasi dirigir-lhe palavra. Parecia-lhe que na sua linguagem não havia coisa que podesse dizer-lhe.

De ha muito que isto lhe succedia, mas não tinha dado cuidado a tal coisa, quasi que nem d'ella bem tinha consciencia. Aquelle olhar de Amelia foi um raio de sol, que lhe allumiou lá dentro, e viu então claro o que no espirito lhe ia.

Ha coisas assim.

Tomou chá, demorou-se até dar horas, e sahio com vontade de ainda ficar.

O coração do homem é uma estravagancia muito grande, por mais que me digam.

(Continua)

J. SIMÕES FERREIRA

TRADUÇÕES OU IMITAÇÕES

OFFERECIDAS AO EX.^{MO} SR.

Dr. Francisco de Castro Freire

POR

Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro

3.^a

A UM POETA

(Tradução de C. Delavigne)

Córa, poeta, de invejar ao vulgo
Repouso esteril, que seu peito zéla;
Deram-lhe os deuses todo o bem da terra,
E a nós a lyra.

São teus os séculos, tua patria o mundo;
Morremos — tem nossa memoria altares,
Nos quaes eternas o porvir prepara
Honras ao genio.

Tal a aguia altiva dos trovões á estancia
Sóbe, e seu vôo sustentando ousado,
Dizer parece: — Filha sou da terra,
Mas nos céus vivo!

Junho de 1860

4.^a

A FOLHA

(Tradução litteral d'Arnault)

Do tronco teu desprendida,
Pobre folha emmurchecida,
Onde vais assim? — Não sei.
Derribou força do vento
O carvalho em que brotei.
Com seu inconstante alento,
O zephyro ou o aquilão,
Do bosque á planicie vasta,
Da serra ao val, desde então,
Impellem-me sem parar.
Vou onde o vento me arrasta,
Sem temer, sem me queixar;
Eu vou onde tudo vai,
A folha da rosa casta,
E a folha, que ao louro cae.

Julho de 1860

5.^a

A MÃE POLACA

(Tradução de Adão Mickiévicz, poeta polaco)

Ó mãe polaca! se do genio ardente
Sentir teu filho a sacro-sancta chamma;
Se altiva auréola lhe adornar a frente,
Com que a grandeza dos avós proclama,

Se elle, inimigo do infantil folgado,
Quizer os cantos escutar de gloria,
Quejo velho entôa; e pensativo, quedo
Ouvir de avós a veneranda historia;

Livra teu filho de tão máu recreio!
Implora a Virgem-Dolorosa, e encara
O duro ferro, que lhe punge o seio;
P'ra ti a sorte a mesma dor prepara.

Oh sim! Em quanto que no mundo impéra
A paz, dos povos na fraterna alliança,
Lides inglorias o teu filho espéra,
Morte de martyr, sem nenhuma esp'rança.

Manda-o nos antros meditar, escuros,
Deitado em palha, em solidão profunda;
Frios miasmas respirar, impuros,
E dormir junto da serpente immunda.

Esconda a todos quando soffre, ou goza
A todos torne seu pensar occulto;
Faça, qual peste, a sua voz damnosa,
Receba humilde, qual reptil, o insulto.

Christo, na infancia, de illusões tão cheia,
Já a cruz que o mundo redimiu, trazia;
Ó mãe Polaca! o filho teu recreia
Com instrumentos, que usará um dia.

Nos rôxos pulsos os grilhões supporte;
O carro immundo a conduzir aprenda;
A ver no ferro do verdugo a morte,
Sem pejo a corda a contemplar horrenda.

Nunca, de antigos campões a exemplo,
Irá Solyra resgatar dos mouros;
Dar, como o Franco, á Liberdade um templo,
Seu sangue dar, que lhe ennobrece os louros.

Será por tredos espões reptado,
Um tribunal combaterá perjuro;
Ser-lhe-ha juiz um inimigo ousado,
Terá por liça um calabouço escuro.

Vencido — a forca é seu final jazigo;
Sua gloria, o pranto feminino, terno,
Que enxugam dias — e no peito amigo
Dos contreraneos recordar eterno.

20 de Julho de 1860

6.^a

AO NIEMEN

(Traducção de Adão Mickiewicz)

Ó patrio Niemen! Onde estão as aguas,
Que outr'ora, infante, em minhas mãos tirava?
Em que, mancebo, p'ra olvidar as magoas,
Buscando frescas solidões, vogava?

Aqui, das faces admirando altiva
Laura o reflexo, que nas aguas deixa,
A formosura lhes tornou mais viva,
Tecendo rosas na gentil madeixa.

Aqui, nas ancias da maior loucura,
Eu fui, não crendo na constancia della,
Mil vezes, na agua crystallina e pura,
Turbar com prantos sua imagem bella.

Rio natal! Teus mananciaes d'outr'ora
Onde é que estão? E as illusões e enganos,
Que tive então, e que não tenho agora?
Onde os deleites de meus verdes annos?

Onde os desgostos, que essa quadra tinha,
Mais doces inda, de maior encanto?

Onde os amigos? Onde Laura minha?
Tudo passou!... Não passará meu pranto?

21 de Julho 1860.

EXPEDIENTE

Visita real — Diz-se que S. M. El-Rei o Sr. D. Pedro 5.^o, ao regressar a Lisboa, se demorará alguns dias em Coimbra, com o fim de visitar seus principaes estabelecimentos.

A expectativa de tam fausto acontecimento tem trazido commovidos os animos dos festivos habitantes d'esta cidade, principalmente dos estudantes, que não saberiam receber em seu seio tam augusto, sympatico e virtuoso hospede sem as mais entusiasticas demonstrações de contentamento.

Entre as demais commissões, encarregadas de cumprimentar a S. M., figurará pois e em primeira ordem, a academica, que, com o devido tributo de seu respeito pelo chefe supremo da representação nacional, lhe levará o mais convincente testemunho — de quanto tambem a academia de 1860 sabe apreciar tam favoraveis circumstancias, para manifestar em todo seu esplendor tudo que pôde sentir de generoso, delicado e nobre um peito moço e cheio de crenças.

V. DA SILVEIRA

Pedido — A todos nossos amigos, que tem ainda prospectos em seu poder, — pedimos o obsequio de devolve-los, qualquer que seja o numero d'assignaturas, que até hoje tenham podido obter.

Prova d'amizade — A prompta remessa a esta redacção do resto dos artigos, começados a publicar em nosso jornal, será para nós uma — prova d'amizade.

Dirigimo-nos principalmente aos auctores da *Terceira edição dos Lusíadas*, *A Familia e o Padre*, *A Familia de Paulo Janet*, *Mathilde*, *Recordação e arrependimento*, *Eloquencia Sagrada*.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE adiantadamente, no acto da recepção do 1.^o n.^o, EM COIMBRA, no escriptorio da redacção do mesmo jornal.

Preços

1.^o vol. (brochado)..... 1\$600

2.^o volume

| | | | |
|------------------|--------|----------------|--------|
| Anno..... | 1\$240 | Anno..... | 1\$680 |
| Semestre..... | 660 | Semestre..... | 780 |
| Trimestre..... | 360 | Trimestre..... | 420 |
| Por mez—120 réis | | | |
| Avulso—40 réis. | | | |

COIMBRA — IMPRENSA LITTERARIA

PRELUDIOS - LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

PRELUDIOS - LITTERARIOS

ADVERTENCIAS

O 2.^o vol. dos *Preludios-litterarios* conterá 36 numeros, d'oitto paginas d'impresão.

Em cada mez distribuir-se-hão 3 ou 4 numeros.

A publicação d'este jornal terminará impreterivelmente no proximo mez d'abril, se nos não faltarem assignaturas.

O 1.^o trimestre comprehende os numeros 1 a 9.

O 2.^o — os numeros 10 a 18.

Recebido o presente numero — deve fazer-se logo a assignatura para o 3.^o trimestre (numeros 19 a 27), acompanhada da respectiva importancia, em estampilhas ou vales do correio, se a assignatura fôr para fóra de Coimbra.

Recebe-se tambem assignaturas para o 3.^o e 4.^o trimestre (numeros 19 a 36), com o abatimento, que vai marcado no fim d'este numero.

Os srs. assignantes, cuja assignatura terminar com o numero 18, no caso de a não quererem continuar, — servir-se-hão de devolver-nos o numero 19, com a mesma cinta, com que o receberam, a fim de se lhes dar a competente baixa.

Aos srs. assignantes, que entre a recepção do numero 18 e a publicação do numero 19 não satisfizerem a importancia de seus débitos até o dito numero 18, e não abrirem, com pagamento adiantado, nova assignatura — suspender-se-lhes-ha a remessa de nosso jornal.

V. DA SILVEIRA.

Junho — 1860

VOLUME II

AINDA — E NÃO MAIS

O SR. ADMINISTRADOR DA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

«Será condemnado a trabalhos publicos por toda a vida o empregado publico, que, no exercicio de suas funcções, dolosamente ou com intenção de prejudicar a outra pessoa, ou ao estado, commetter, por qualquer dos modos abaixo declarados, falsificação, que cause, ou que por sua natureza possa causar prejuizo em escriptura publica, titulo, diploma, auto ou escripto de igual força:

«Fabricando actos do seu ministerio inteiramente falsos:

«Certificando como verdadeiros factos falsos:

«Fazendo qualquer dos ditos autos ou documentos com falsa assignatura ou supposição de pessoa.»

(Cod. Pen., art. 218, §§ 1.^o 3.^o e 4.^o)

«... dimitte illis; non enim sciunt quid faciunt.»

(Ev. S. Luc., cap. XXIII, V. 34.)

O que hoje vamos escrever debaixo d'esta epigraphe não é para nossos amigos, nem para os que pairam independentes sobre as misérias, que vão ahi por esse mundo, — pois que esses já nos fizeram plena justiça; — é para os que, subordinados ainda a certos caprichos do coração humano, se têm mostrado, se não inteiramente contrarios, pelo menos, teimosos em acceitar como justa nossa causa.

É que ha reputações, que de *fastigosas* e arreigadas tam custosas são de derribar, como as mais soberbas e vetustas torres de feudal castello! Embora a moralidade e o progresso se dêem as mãos para protestar todos os dias contra sua anomala existencia; embora recordem a devassidão, o despotismo a barbaria de seus antigos senhores; embora demonstrem até á evidencia a inutilidade, o-inconveniente mesmo d'uma tal existencia, que invalida, que torna impossivel a successão d'uma outra inteiramente conforme com os bons principios, que lhes servem de divisa jembora! — ha sempre quem se revolte contra sua demolição, como se sacrilegio fôra, que mãos de homens destruissem o que o tempo tanto respeitou, e o que só o tempo *deveria* anniquillar!

N.^o 18

A reputação do sr. administrador da Imprensa da Universidade era uma d'ellas: apoiada em innumeradas liberalidades. . . divinizada constantemente por meia duzia de aduladores, sôbre que ellas iam as mais das vezes reflectir-se. . . baldados seriam todos nossos esforços para a desmoranar, pelo que ella tinha de injusta, se a Providencia e o tempo, para que sempre appellâmos, não viessem em nosso auxilio.

Haviamos sacrificado, pelo espaço de quasi cinco annos, nossas horas de estudo, nossos momentos de descanso ao exercicio d'um mesquinho emprego na Imprensa da Universidade, mais com o fim de obtermos uma habilitação para um novo e melhor emprego, do que de tirarmos d'elle os recursos, de que careciamos para nossa subsistencia (a): haviamos por tanto tempo supportado sempre com resignação as fadigas de nossas aulas conjunctamente com as de nossa repartição, descurando nossa saúde, que de dia para dia se deteriorava, partilhando raras vezes com nossos condiscipulos os momentos de recreio, que, entre a frequencia da manhã e o estudo da noite, lhes suavizavam o rigor do trabalho: haviamos, em fim, concedido tudo em favor d'uma melhor posição, que tanto almejâvamos, — porque a actual nos era um martyrio... e eis que o sr. administrador da Imprensa da Universidade, possuido d'odio, clamando vingança, d'um só traço de penna, forceja por apagar de nossa vida publica cinco annos d'improbrio trabalho, ao mesmo tempo que procura prejudicar nossas futuras pretensões, apontando-nos, como ides ver, á opinião publica e ao governo como um pessimo empregado!

Este facto, ainda que desacompanhado de todos os outros, de que já demos conhecimento a nossos leitores, bastaria para fazer baquear a mais solida reputação; tanta é a brutalidade, o cynismo, que elle revela!

Mas apontemol-o sómente; que não seremos nós, que faremos sentar o administrador da Imprensa da Universidade no banco, que a lei, menos compassiva, destina aos falsarios.

Pretendeu tirar-nos os meios de subsistencia, pretendeu deshonrar-nos, pretendeu destruir nosso futuro e condemnar-nos á execração publica... não importa!... houve um dia, em que, como os outros, acreditámos na pureza de suas intenções, em que lhe aceitámos favores, em que lhe chamámos amigo. . . Pois bem: que Deus e os homens lhe perdoem; que não sôbe o que fez, quem tanto mal nos causou!

Lêde agora, se quizerdes, esses documentos.

V. DA SILVEIRA

(1.º) « Ex.º Sr. Director da Imprensa da Uni-

(a) No tempo lectivo, já por incompatibilidade das horas da repartição com as das aulas, já por motivos de doença — nosso vencimento semanal soffreu muitas vezes uma redução de 1\$440 rs.

versidade: Vicente da Silveira, ex-amanuense da Imprensa da Universidade de Coimbra, para mostrar-o onde e quando lhe convier, — pede a V. Ex.ª se digne mandar, que o administrador da mesma Imprensa lhe certifique: 1.º o tempo por que serviu aquelle seu dito emprego; 2.º o facto de *voluntariamente* se haver separado d'elle. E. R. M.º — Coimbra 1.º de novembro de 1860 — Vicente da Silveira. »

(2.º) « Defferido. Coimbra 7 de novembro de 1860. — B. de Serpa. »

(3.º) « Quanto ao 1.º quizito, tenho a declarar que Vicente Maximo foi admittido para amanuense temporario em 13 de março de 1856, e serviu até 9 de outubro de 1860; porém com muitas faltas quotidianas e frequentes interrupções, que foram suppridas por diversos individuos, para evitar maior irregularidade no serviço. Quanto ao 2.º quizito, não posso discriminar se aquelle acto foi voluntario, ou involuntario, — mesmo por que se deu a circumstancia de ter o dito V. Maximo vindo á repartição trabalhar dois dias ainda, depois de ter declarado que se considerava despedido. Coimbra, Imprensa da Universidade, 7 de novembro de 1860. O Administrador, Olympio Nicolau Ruy Fernandes. »

(4.º) « Reconheço as duas assignaturas de Vicente da Silveira e do Administrador da Imprensa da Universidade. — Coimbra 12 de Novembro de 1860. Em testemunho de verdade (signal) João Herculano Sarmento. »

(5.º) « Ex.º Sr. Director da Imprensa da Universidade: Vicente da Silveira, ex-amanuense da Imprensa da Universidade de Coimbra, havendo requerido a V. Ex.ª, no dia 1.º do corrente mez de novembro, — que « se dignasse mandar, que o administrador da mesma Imprensa lhe certificasse: 1.º — o tempo por que serviu aquelle seu dito emprego, 2.º — o facto de *voluntariamente* se haver separado d'elle »; e tendo o mesmo administrador, em virtude de despacho de V. Ex.ª, certificado, não como cumpre a um bom empregado, mas do modo, que V. Ex.ª se servirá ver no referido requerimento, que a este vai juncto, modo que revela, permita V. Ex.ª observar-lhe, não só falta de respeito pelos deveres de dignidade, sempre tam recommendados pela moral e pela lei a todo funcionario publico; mas tambem, o que é mais triste ainda, completa ausencia de sentimentos generosos, de amor pela verdade, — pede a V. Ex.ª se digne mandar, que o dito administrador da Imprensa da Universidade reforme e rectifique aquelle seu certificado — por ser attentatorio contra a justiça e a moralidade;

« 1.º — porque é falsa e injuriosa a maneira por que o mesmo administrador nomêa ahi por duas vezes o supplicante, supprimindo-lhe o appellido

de familia muito de proposito, como V. Ex.^a poderá convencer-se;

« 2.^o — porque é falsa e injuriosa a asserção — de que o supplicante « *serviu desde 13 de março de 1856 até 9 d'outubro de 1860 com muitas faltas quotidianas e frequentes interrupções etc.*; 1.^o — porque a natural significação da palavra *quotidianas*, alli empregada, repugna á de *serviço*, que se confessa; 2.^o — porque é *impossivel* admittir-se, suppondo-lhe outra significação, que haja um chefe de repartição, por menos zeloso que seja, que tolere um semelhante abuso por espaço de quasi cinco annos (!), com gravissimo prejuizo para a fazenda publica, para a disciplina de seus subordinados, para seus proprios interesses...; 3.^o, finalmente, — porque, admitindo assim mesmo a existencia de semelhante abuso, ou elle produziu todos aquelles effeitos, ou não: se produziu — não é, por certo, ao administrador da Imprensa da Universidade, que compete incriminar o supplicante por um facto, que elle podia e devia ter evitado, e de que, por consequente, só elle é responsavel perante o governo, perante a opinião publica, perante si mesmo!; se não produziu, — tambem lhe não compete incriminar-lh'o, visto que nem a fazenda publica, nem a disciplina de seus subordinados, nem seus proprios interesses, nem, por ultimo, os de ninguem soffreram com sua existencia! Mas o abuso não existiu, e não existiu ainda por outras razões: não existiu 1.^o — porque se não abonavam ao supplicante, por ser empregado temporario, os dias em que faltava á repartição, salvas rarissimas excepções; 2.^o — porque *só ouvido o mesmo administrador, e em attenção a suas occupações d'estudante da Universidade*, era permitido ao supplicante fazer-se substituir por esses *diversos individuos*, a que se allude, e que nunca assignaram as folhas de salarios, pois que foram sempre pagos pelos proprios vencimentos do supplicante, na proporção das horas de trabalho, por que havia sido substituido; 3.^o finalmente, — porque, apesar de achar-se a cargo do supplicante a escripturação dos *livros-copiadores d'officios e cartas particulares*, da *venda dos livros e mais impressos*, das *contas d'impressões d'obras de particulares e da casa*, do *registo de ferias aos typographos, etc.*, essa escripturação — apenas ficou atrasada n'uma *só semana* de trabalho, se tanto, sendo para considerar, que o supplicante acabava de recolher da Figueira, aonde havia ido com licenca de V. Ex.^a; e que, no decurso de perto de cinco annos, em que o supplicante exerceu n'esse Estabelecimento as funções de amanuense, muitas, muitissimas vezes foi encarregado d'outros serviços, proprios do escriptuario, como o processo das folhas semanaes e mensaes, a organização das contas, dos mappas, etc. etc., que regularmente têm de ser enviados ás respectivas repartições d'estado; desempenhando assim cumulativamente as suas e as funções d'aquelle empregado, quer elle estivesse presente, quer ausente por motivos de doença ou ou-

tros quaesquer, — como V. Ex.^a mesmo muito bem sabe, como aquelle mesmo empregado e outros d'esse Estabelecimento pôdem informar, como o está *irrecusavelmente* attestando toda a escripturação, quer existente no proprio cartorio, quer nas respectivas secretarias do governo. — Quanto ás *frequentes interrupções* de serviço, de que tambem é incriminado o supplicante, além de não serem frequentes, as que houve, ou foram autorisadas pelo mesmo administrador, ou pelo Ex.^{mo} Vice-reitor da Universidade, ou por V. Ex.^a mesmo, como ha pouco o supplicante notou, sendo para recordar, que, pelo menos por duas vezes, não obstante achar-se o supplicante ausente de Coimbra, com licenca, e, por consequente, dispensado de todo serviço da repartição, elle se encarregou d'alguns trabalhos de escripturação, longos e infadonhos, como o enchimento de bilhetes para a venda de livros da matricula, o que não foi estranho nem a V. Ex.^a, nem ao escriptuario, nem ao proprio administrador!

« 3.^o — finalmente, e pelo que diz respeito ao segundo quisito do referido certificado, — porque é falsa e injuriosa a asserção — de que elle, administrador, « *não pôde discriminar-se aquelle acto foi voluntario ou involuntario, mesmo porque (continúa) se deu a circumstancia de ter o supplicante ido á repartição trabalhar dois dias ainda depois de ter declarado, que se considerava despedido* » — falsa e injuriosa, porque o mesmo administrador não pôde ter esquecido, *não pôde ter confundido*, — que foi o supplicante, e não elle, que declarou, na Sala da Conferencia, diante do escriptuario, do alçador, de Miguel Dias Pereira e outros, que « *d'alli por diante, i. é, depois do acto reprehensivel, que se dera da parte do dito administrador a respeito do supplicante, — elle, administrador, não podia mais ser seu chefe, nem o supplicante seu subordinado, devendo, por tanto, consideral-o desde aquelle momento despedido de seu emprego*; 2.^o — porque a circumstancia, que o mesmo administrador aponta — de ter o supplicante ido á repartição trabalhar dois dias depois de ter declarado, que *se despedia* (e não que *se considerava despedido*, segundo sua phrase), além de provar á má fé, o odio, os instinctos de vingança, que, por momentos, dominaram sua *habitual bonhomia*, na occasião, em que redigiu sua informação, — em nada repugna á verdade do facto — de se haver o supplicante despedido voluntariamente; e tanto menos, que, desde a existencia d'esse facto, nem o supplicante, nem o dito administrador se dirigiram mais uma unica palavra!; 3.^o, finalmente, — porque se o supplicante voltou ainda á repartição, depois de se haver despedido, não teve em vista senão — o satisfazer ao cofre d'esse Estabelecimento, com seu proprio trabalho, por lhe ser então impossivel d'outro modo, uma semana dos vencimentos, que, por occasião de sua ida á Figueira, a banhos de mar, havia pedido adian-

tados ao dito cofre, como o mesmo administrador sabe, como o sabe o proprio escripturario, a quem o supplicante o declarou. (b). — E. R. M.^{co} — Coimbra 11 de novembro de 1860 — Vicente da Silveira »

(6.º) — « Em vista da presente replica, diga o Administrador da Imprensa o que se lhe offerecer. Coimbra 25 de novembro de 1860 — B. de Serpa. »

(7.º) — « Já declarei que o supplicante foi admitido para amanuense temporario em 13 de março de 1856, e que serviu até 9 d'outubro ds 1860, em que *declarou que deixava de ser* (c) empregado da Imprensa; porém a frequencia á repartição *foi irregular ou por incompatibilidade com as horas das aulas, ou por outros motivos de interesse particular*; tendo estas faltas sido suppridas por outros individuos, para evitar maior irregularidade no serviço do Estabelecimento. Com quanto respeito, como devo, o despacho acima exarado, *eximo-me de responder á desprezível diatribe* do signatario do requerimento. Coimbra, 26 de novembro de 1860. Olympio Nicolau Ruy Fernandes »

EPISTOLOGRAPHIA

CARTA III

(Cont. dos n.ºs 13 e 14)

Meu Amigo: — Em continuação da minha de 5, e em resposta á sua de 3, direi hoje da minha jornada, que em geral posso dizer feliz, porque lhe vim ao termo sem incommodo extraordinario.

(b) Vem aqui a proposito o conhecimento d'uma carta, que escrevemos ao escripturario da Imprensa, quando o sacrificio de voltar á repartição, para satisfazermos nossa divida, se tornou superior a nossas forças. Eil-a :

« Coimbra, 19 d'Outubro de 1860 — Ilm.º Am.º e Sr. Fragoso: Deliberei não voltar mais á Imprensa da Universidade como empregado: ahi lhe enviei, pois, 1\$920 réis, para completar a semana de trabalho, que lhe fiquei devendo, e desobrigar-me da palavra, que lhe havia dado, ao sair para a Figueira (1).

« O que sobre tudo sinto n'este momento — é a perda de tam excellente companhia, como era para mim a do meu amigo; mas hei de vel-o todas as vezes, que poder, em sua casa.

« Rogo-lhe o obsequio de enviar-me pelo portador as declarações, que lhe pedi, a sua e a do Sr. Olympio, em qualquer sentido, em que houver sido passada. Igualmente espero dever-lhe o obsequio, que já lhe havia pedido, de reclamar do Sr. Olympio e enviar-me todo o original, que existe em sua mão, e que devia constituir o n.º 15 dos *Preludios*, que, nem mesmo offerecendo-lhe o pagamento adiantado, se dignou publicar.

« Desculpe-me todas estes incommodos e creia-me seu amigo obrigadissimo etc.»

(c) Permitta-se-nos sublinhar algumas palavras d'esta *memoravel tréplica* do sr. administrador da Imprensa da Universidade.

(1) Na occasião em que contraimos este emprestimo — achava-se em Lisboa o administrador da Imprensa.

Eram dez horas da manhã quando vinha passando a Ponte. Estava um sol magnifico, e nunca o Mondego me parecêra tão bem. Demorei um instante a olhal-o, e entrou-me no coração o primeiro espinho de saudade.

Quando te tornarei eu a ver formoso rio da minha infancia?!

Fizemos duas leguas na estrada de Lisboa e depois virámos ao nascente, e nunca mais tivemos um palmo de bom caminho. Jantámos n'uma aldeia, cujo nome tenho visto em alguns mappas de Portugal, e que realmente não sei por que mereça tal distincção, por mesquinha e pobre que ella é: *Fonte-coberta*. D'ahi atravessámos os magnificos campos do *Rabaçal*, terra famosa em queijos, e chegámos á *Lagarteira* pelas seis horas da tarde. Tinha-mos gastado oito horas com cinco leguas.

Tive ahi o primeiro desgosto. O dono da casa, onde iamospediar-nos, nosso bom amigo, havia sahido na vespõra. A casa estava a nosso dispor, e nada nos faltaria, mas tinhamos de estar sós. Avaliei então a alta fineza que devia a meu pae por me ter acompanhado. E olhei tambem a primeira vez para a minha posição; que durante o dia, se o coração se me contristava, a imaginação quizi que o dominava.

Era noite. Havia vinte e quatro horas que ambos de companhia com outros amigos passamos a noite em despedidas, em muito falar de esperanças, em muito doirar futuros, todos que tanto me estimavam, todos a quem tanto queria; e nessa hora estava só!

Esta palavra tam simples echoou-me cá dentro, como nem lhe saberia explicar.

Eu estava de pé no vão d'uma janella virada ao poente, olhava para o curso socegado dos astros, para o Cometa, tam brilhante nessa noite; tudo o mesmo que sempre tem sido, sem alteração, sem mudança; e só eu tinha necessidade para completar o meu destino, de vagar errante de terra em terra, quebrando relações, sacrificando affeições, atraz d'um phantasma fugidico e voluvel, que só por escarneo alcunham de felicidade!..

Deixei de olhar para tudo aquillo, fechei os olhos, e ás apalpadellas vim sentar-me n'um canapé. Mas o espinho cá estava. Encostei o cotovelo sobre o braço do canapé, a fronte sobre a mão, e deixei voar a phantasia em busca de mil recordações fagueiras, que me fugiam no passado, que mais não teria; e senti muito. Contei um a um todos os minutos, que me pareciam seculos, que teria de estar longe de tudo o que até agora tenho amado; e ainda o tempo mais proximo me parecia uma eternidade!

« Para os que ficam o sentimento é maior; » diz o meu amigo.

Certamente nunca sahio de casa para se demorar muito tempo fóra! Pois a saudade será mais para os que ficam, rodeados d'outras affeições, abrigados no seio hospedeiro d'outras amizades, em

convivencia com pessoas amigas d'um e d'outro, com quem pôde ao menos falar da pessoa ausente, lembrando, em commum, momentos bellos, em commum passados; ou para o que vae, só, triste e estranho a tudo e a todos, obrigado a concentrar em si os pensamentos mais gratos, e mais dolorosos por isso, sem ver entre tanta gente uma cara conhecida, senão só indiferença ou desconfiança?! O vago d'uma vida nova illude algum tempo e como que nos tapa os olhos para não vermos a nossa posição; mas ao primeiro revez todas essas poeiradas cahem deante da realidade, e é muito difficil, impossivel direi, reconstruir esse castello de phantasmagoria. Uma noite como a que passei na Lagarteira basta a desencantar-nos.

O dia seguinte ainda ahí demorei. E esse correu menos mal. De manhã visitamos o Prior, antigo conhecimento de meu pae, e fiquei extremamente agradado da simplicidade e modestia, que respirava aquelle homem e tudo o que o rodeava. Era modelo no seu genero. Sem parecer velho, que os virtuosos tarde avelhentam, tinha um ar de magestade, que captivava sympathias. Um sorriso sempre constante e affavel traduzia-lhe toda serenidade d'um espirito recto e d'um coração bondoso. Em sua casa todos os moveis eram de pinho; muito limpos, muito lavados, mas de pinho.

Toda a livraria se compunha de quatro brevarios, a Biblia do Pereira de Figueiredo, das primeiras edições, dois ou tres volumes do Sermonario de Vieira, o Feliz-Independente do Padre Theodoro, e o que quer que era de theologia moral. Como representante do presente n'aquella estancia do passado estava o *Leiriense*, o mais sensato de todos os jornaes d'aquella especie.

Era Domingo e dia de festa. Sahimos como o bom homem, e fomos á festa.

Tambem gostei. Vi quazi que pela primeira vez as funcções, religiosas em toda a sua magestosa simplicidade, e senti-me mais tomado de respeito, mais sinceramente religioso, do que quando as vejo em todo o esplendor de emprestimo, com que a nossa civilisação pretende encobrir a sua descrença. A pequena igreja estava apinhada de povo, e não de povo que ia alli admirar o fausto d'uma armação a capricho, as ricas harmonias d'uma orchestra á italiana, um prégador famoso em elegantes banalidades; mas de povo que ia alli, porque cria em Deus, porque esperava, porque amava.

E o orador soube comprehender as necessidades e a intenção dos ouvintes. Explicou-lhes n'um discurso breve, singelo e despretencioso o motivo que alli os reunia. Celebrava-se a *Senhora do Rosario*. Mostrou-lhes o que era o *Rosario*, os altos principios de fé e pratica que resumia, os motivos de boa acceitação para com Deus que tinha sobre as outras orações, e concluiu recommendando-lhes devoção ao *Rosario*.

Tudo a proposito, tudo util, tudo de proveito immediato. Assim entendo eu para que sirvam os discursos religiosos.

Nesse dia mais nada que mereça demora, mesmo porque me apraz chegar breve ao mais interessante.

Eram nove horas do dia 4, segunda feira, quando vinhamos sahindo da Lagarteira. Ao meio dia estavam em *Figueiró dos Vinhos* jantando ainda em casa d'um amigo. Começava o sol a faltar de quando em quando, e nuvens grossas appareciam aqui e além. Era visivel que nos arriscavamos a troyoada. Assim mesmo partimos. Á uma hora estavam a cavallo. D'ahi a duas horas, pouco mais ou menos, vinha a nossa pequena caravana tocando o alto d'uma serra, entre *Figueiró* e o rio *Zezeze*, a que chamam, creio eu, a *Bairrada*, ou as *Bairradas*. Assisti ahí a um espectáculo grandioso, e senti uma das maiores impressões de que tenho memoria. Aqui a registro, e á amisade confio a sua guarda.

Como disse, tocavamos o viso d'uma serra. Um nevoeiro cerrado e negro não deixava estender a vista ao largo, e fechava o horizonte a distancia d'um tiro de peça sobre uma cordilheira talhada a prumo, e composta de pequenos picos enramalhados de verdura e assentes sobre brava penedia. No fundo bramia o *Zezeze* nos reconcavos das penhas. Nós viravamos directamente ao Sul. Pelo lado esquerdo a cordilheira formava um semicirculo, variando sempre de incanto e magestade. Pelo direito entrevia-se o rio, que ahí faz uma especie de lago, d'onde se despenha mais violento a seguir a corrente. O valle por onde corre é tam estreito, que parece talhado adrede exclusivamente: é um immenso canal, cortado no d'alta montanha até uma profundidade que espanta. Não me cansava de o admirar.

Dessas nuvens que nos lemitavam o horizonte fuzilavam os raios de tres lados: a frente, o lado direito, e o esquerdo. Viam-se como que rasgar as nuvens e precipitarem-se depois em rapidos zigzags, semelhantes a serpentes de fogo. Os trovões estalavam bravos e frequentes, e alguns tam proximos, que parecia fazerem estremecer os montes. Por mais d'uma vez as bestas se nos espantaram, ou paravam atemorizadas. O almocreve, pallido e aterrado, descobria-se a cada instante, e lá consigo murmurava orações.

E eu sentia bater forte o coração no peito, aspirava a largos sorvos aquelle ar impregnado de enxofre, deixava-me embriagar na sublimidade d'aquella scena magnifica. E não me sentia acanhado e pequeno em face d'ella, como pensava me aconteceria pelo que geralmente ouvia dizer; pelo contrario. Fiquei tendo para mim, que é deante das grandes luctas da natureza que o homem é grande tambem e forte: grande porque as comprehende, porque se eleva á altura d'ellas, porque as domina; ainda grande porque sabe ler n'ellas—Deus e omnipotencia. E sente-se forte porque sabe encaral-as de rosto firme e animo quieto, por que cré que um braço poderoso o ampara; e descança sem medo no vigor da sua fé.

Foi-me pena que tudo aquillo durasse tam pouco: menos d'um quarto d'ora talvez. Mas foi um grande quarto d'ora, permitta-me a expressão. Todos os sentidos gozavam ao mesmo tempo, por todos ao mesmo tempo o espirito recebia impressões grandes.

Agora um caso raro. A tempestade que viamos desfazer-se defronte suspendeu-se alguns instantes em quanto nós passamos o rio; e depois de termos galgado a serra fronteira, olhando para traz, já a vimos na que deixamos: de modo que um quarto d'ora mais tarde, ou mais cedo de qualquer dos lados tinhamos chuva em cima, e assim passámos sem gota d'agua.

Cheguei depois a Sernache e fui recebido no Seminario com todas as etiquetas das grandes casas. A carta já vae estiradita, se não contar-lhe-ia tambem as cortezas do porteiro, os cumprimentos do senhor *Padre-Procurador*, e a final a recepção official do sr. Constancio, que tudo isso teve bastante de curioso. Deixemos porém.

Outro dia lhe direi da terra o que for sabendo ou julgando. Disse-lhe na minha ultima que era linda: mas d'ahi concluir que é boa não é consequente. Lindos são os sepulchros que se erguem nos cemiterios, e dentro encerram podridão e vermes. Veremos.

Sernache do Bom-jardim 12 d'Outubro de 1858.

J. SIMÕES FERREIRA

UM AMOR SEM ESPERANÇA

Continuado do n.º 17, tomo II.

II

Depois de a haver assim contemplado por alguns momentos, aproximei-me d'ella e perguntei-lhe com emoção.

—Que desgraça vos aconteceu, que dôr vos dilacera a alma, senhora?

E um momento de silencio se seguiu, sem que a infeliz desconhecida tivesse articulado uma só palavra: julguei-a victima d'um grande soffrimento. Suas mãos debeis e tremulas occultavam-lhe o bello rosto; copiosas lagrimas se desligavam de seus formosos olhos... até que por ultimo murmurou;

—Sou uma infeliz!...

—Senhora, repliquei eu, crêde que estou anciosa por saber a causa de vosso infortunio; talvez...

—Ah!.. é que me coube por sorte a desesperação com todos os seus horrores! Interessam-vos as minhas penas?... Pois bem, escutai-me.

E começou d'est arte:

—«Nascida d'uma familia illustre por seus gloriosos successos no mundo litterario, o infortunio me fez orfã na idade de 11 annos. Uma tia minha encarregou-se de me fazer educar; e bem poucos annos me bastaram para eu conhecer o mundo tão fallaz, como é. Minha tia era a melhor das mulheres; e, se a sua paixão pelo luxo a não dominasse

irresistivelmente, não teria, em seu abominavel procedimento, anniquillado seus brazões e dissipado por ultimo toda a sua fortuna...

«Uma manhã, acabava eu d'almoçar, o céu estava triste e pesado e parecia presagiar-me desastrosos acontecimentos, quando, no momento mesmo em que pensava na doença de minha tia, que se achava de cama havia dias, ouvi sua voz afflictiva, que resoou em toda a casa, como um grito de morte.

—Erestina, Erestina, acode-me!, me bradava ella.

«Corri veloz a seu quarto: estava agonisante... Ao ver-me, dirigiu-me as seguintes palavras com accento fraco mas carinhoso:

—Minha sobrinha, idolo de minha alma: não ignoras que toda a minha ambição era proporcionar-te um futuro risonho e feliz... Sei que amas excessivamente a Alfredo de Moura, e que és por elle correspondida... Eu havia-lhe promettido d'otar-te, quando elle me pediu a tua mão... oh! quanto isto custa a meu coração...: escreve-lhe, Erestina, faze-lhe saber que tua tia morreu criminosa... Mas não amaldiçoeis minha memoria... e que Deus vos abencoe a ambos, como eu vos abencoeo n'este momento...

«Foram estas as ultimas palavras d'quella infeliz.»

E a pobre menina estremecia ainda, experimentava as mais terriveis convulsões, sempre que lhe occorria ao pensamento a morte d'aquella, que Deus lhe havia dado como protectora de sua existencia.

III

—Senhora, lhe disse eu, é já tempo de terminardes com esse pranto, que me dilacera a alma...

—O pranto allevia as oppressões do espirito, e metiga-nos a dôr, que nos consome...

—Oh! eu o creio; sem motivo ninguem chora, e para chorar assim é preciso que uma grande pena vos opprima o coração.

—Não é só uma pena, que me opprima o coração... é o desespero que me tortura a alma, é o veneno, que me devora as entranhas...

—Que dizeis, desgraçada! que desespero é o vosso, para quererdes assim morrer na primavera da vida, quando todos os perfumes da juventude vos embalsamam a existencia?! Renunciai esse projecto, que só n'um instante de loucura podestes conceber. Vivei!..

—Já é tarde... não é possivel... Minhas entranhas estão queimadas... algumas horas ainda, talvez... e depois... deixarei de existir... qualquer soccorro seria inutil... Um punhal, continuou ella com amarga convicção, um punhal hervado, com o veneno, que corre em minhas veias, bastaria para dar a morte a milhares de pessoas... julgai, pois, do meu soffrimento e da inutilidade de qualquer soccorro...

—Oh! é horrivel! Vinde depressa, acompanhai-me a minha casa e talvez...

— Já vos disse, senhora, que não ha remedio que possa combater os effeitos d'aquelle veneno... Demais, não quero viver!.. E se o aspecto de minha desgraça, de minha pobreza vos inspira compaixão e respeito, deixai que eu exhale aqui meu ultimo suspiro e que este bosque me sirva de sepultura... Tinha uma esperança... e essa já não existe... Havia um homem, que eu adorava... e que poderia ter-me elevado ainda á altura de meu nascimento... Esqueceu-se de mim... porque, em vez de rica, como me suppunha, apenas podia viver da caridade dos outros... Oh! é que o ouro é só iman irresistivel, de que as do nosso fragil sexo podem dispor para attrahir as attentões, o respeito, o amor dos homens... a formosura, as perfeições de nosso espirito são uma mentira!.. Se fosse ainda rica... se passeasse pelas ruas nas carroagens, que os crédores de minha tia lhe pinhoraram depois... se ostentasse o fausto d'outr'ora... não me teria escarnecido de certo esse gentil mancebo, por quem, máu grado, ainda suspiro... Ah! é que nem por um momento eu pude ainda riscar de minha memoria, de meu coração a sua bella imagem!.. Elle tinha-me protestado um amor eterno, tinha-me revelado em suas palavras, em seus gestos uma paixão vehemente... Acreditei tudo! E agora despreza-me, por que sou pobre!.. Oh! meu Deus, como é horrivel um amor sem esperança!..

E a pobre Erestina soluçava de magoa, e capiosas lagrimas lhe inundaram de novo o rosto.

Depois, enchugando o pranto e tomando um ar resolutivo, acrescentou com um sorriso de amarga ironia:

— Tenho sido muito infeliz... muito! Não tardará porém o momento, que para sempre deva pôr um termo a todas as minhas desgraças. Oh! minha pobre tia, tu que repousas na feliz manção dos mortos— vê-a por mim n'este instante supremo; breve serei contigo...

A pobre menina tributou ainda d'esta vez cupiosas lagrimas á sua recordação: desfalleceram-lhe as forças e caiu por terra com bem poucos momentos de vida. Gemidos surdos lhe escapavam a intervallos do peito agonizante; uma pallidez mortal lhe enludou o formoso rosto, seus olhos encovados já não mostravam aquelle brilho que outr'ora os animava e lhes dava tanto encanto. Seus labios perderam todo o seu carmin, e suas faces sumidas annunciavam, que aquella vida, ha pouco tam vigorosa, lhe estava preza apenas por um fio...

Succedeu então um morno silencio, em que eu mal podia contemplar de assustada, e oppressa, tam tremendo quadro de desventura: então a morte se me representou com todo o seu sequito de horrores; amedrontada, corri a casa de meus paes, e contei-lhes tudo que acabava de acontecer-me, Quando elles poderam prestar os seus soccorros já a infeliz Erestina tinha perecido.

Eram 8 horas da manhã do dia seguinte: e

o sino grande da cathedral annunciava com seu agudo e plangente som, que o sópro das brizas levavam á povoação visinha, que mais uma alma tinha voado ao céo.

Tudo acaba na sepultura... ella é a suprema felicidade para os que assim soffrem na vida!

TRADUÇÕES OU IMITAÇÕES

OFFERECIDAS AO EX.^{MO} SR.

Dr. Francisco de Castro Freire

POR

Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro

7.^a

INFINITO AMOR

(Imitação de Béranger)

Á voz dos sabios desattenda embora!
Riqueza immensa desejára ter;
Aos pés d'aquelle, que meu peito adora,
Os meus thesouros quereria ver.
Então, cumprir o teu menor desejo,
Ó Julia fôra o meu prazer maior:
Os gozos nunca do avarento invejo,
Mas tenho na alma um infinito amor.

Se eu fosse poeta, e, p'ra immortal fazel-a,
Me viessem anjos inspirar canções,
Versos, nos quaes só pintaria a ella,
Dar-me-hiam nome, qual ganhou Camões.
Assim gozassem de eternal memoria
Os nomes de ambos, nosso mutuo ardor:
Eu nunca tive tanto amor de gloria,
Mas tenho na alma um infinito amor.

Se acaso a mão da Providencia um dia,
Dando-me um throno, me igualasse aos Reis,
No throno Julia seu lugar teria,
E eu sempre della obedecêra ás leis.
Luzida côrte juncto a mim quizerá
Para a seus olhos alcançar valor;
Em mim não julguem, que a ambição impêra,
Mas tenho na alma um infinito amor.

Porem, se Julia o meu amor compensa,
Que vão desejo importunar-me vem?
A fama, o brilho, uma fortuna immensa,
Meos ventura do que o amor contém.
Da sorte, pois, e seus vai-vens zombando,
Na dita posso confiança pôr:
Não tenho bens, reputação ou mando,
Mas tenho na alma um infinito amor.

20 de Agosto de 1860.

8.^a
AS DUAS IRMÃS DE CHARIDADE

(Imitação de Béranger)

Finada virgem, do Senhor esposa,
 Às largas portas encontrou do céu
 Mundana sylphide, elegante airosa,
 Que fez do Theatro o Capitolio seu.
 Ambas, crédoras de louvor, chegaram,
 Findos os dias de um viver feliz;
 Os anjos uma para Deus levavam,
 Outra, os amores, que por socios quiz.

São Pedro, à porta que incessante vela,
 Depois de um Ave pela Irmã rezar,
 À actriz falou desta maneira: «ó bella,
 Póde-se aqui sem confessor entrar.»
 A actriz exclama: — « Que importou ser boa?
 Meu corpo a custo sepultura achou;
 Mas, inda assim, meu coração perdoa
 Ao cura — um triste, que jámais amou.» —

— « Pelos palacios, pelo humilde tecto,
 Eu (diz a Irmã) por minhas mãos verti
 O mel, o balsamo, o piedoso affecto,
 Por sôbre as dores, que nos homens vi.» —
 — « Eu (diz a actriz) que a ostentação cercava,
 De quem os grandes recebiam leis,
 Por muitas vezes à indigencia dava
 Do gozo a taça, que invejavam reis.» —

— « Melhor ainda que o ministro sancto
 (Replica a pomba do Senhor, então)
 Aos homens fiz com celestial encanto
 Mais doce a hora da mortal paixão.» —
 — « Eu (diz a nympha) os que na terra amára,
 Fazendo em gratas illusões viver,
 Soube tornar-lhes a existencia chára,
 Que faz o gozo na ventura crêr.» —

— « Se às almas nobres dirigi meu rogo
 (Ajuncta a freira) com piedade igual,
 Do rico a esmola repartindo logo,
 De muitos pobres minorei o mal.» —
 — « E eu (diz a outra) pela sorte oppresso,
 Se o homem probro na mizeria achei,
 Dando-lhe o ouro, de caricias preço,
 Sua virtude ás tentações roubei.» —

— « Entrai (lhes diz o celestial vigia)
 Ternas mulheres, na manção dos céus;
 Foi-vos na vida a Charidade guia.
 Nem mais exige o Omnipotente Deus.
 Sempre ha de entrada conseguir no Empyreo
 Qualquer, que os homens consolou na dôr,
 Quer sob a c'roa de cruel martyrio,
 Quer sôb as flores, que tecem o amor.» —

1 de Setembro de 1860.

EXPEDIENTE

Testimunho de gratidão — Não contentaríamos nossa consciencia se gravassemos só no coração os nomes d'aquelles, que, na triste quadra, por que estamos passando, mais nos têm pinhorado com suas palavras de consolo, seus conselhos, seus offerecimentos e seus serviços em favor de nossos interesses. Não; é preciso mais: é preciso que n'este jornal, d'onde tantos apontamentos tiraremos um dia para nossa — *Vida de estudante em Coimbra*, os mencionemos todos. Que a modestia de nenhum se offenda; que é nobre e altivo o prestar culto à virtude!

Eugenio da Silva Torcato — *Mezão-frio*
 Hermenegildo Thaddeu d'Almeida — *Ourique*
 João Herculano de Moura — *Niza*
 Joaquim Alves Matheus — *Santa-Comba-Dão*
 J. Simões Ferreira — *Porto*
 José Augusto Braga e Sousa — *Porto*
 José Rodrigues de Figueiredo — *S. Pedro do Sul*
 Manoel Fortunato do Couto e Aguiar — *Caldas*.

Seminario de Lamego — Foram tantos alli os estudantes, que, com sua assignatura para nosso jornal, protestaram contra nosso infortunio, que nomeal-os hoje seria impossivel. Entre tanto escolheremos d'entre todos o Sr. *Prado d'Azevedo*, que abraçamos com toda a vehemencia de nosso reconhecimento, para que igualmente a todos abraçe.

COIMBRA

Albino Augusto Manique de Mello — *Estudante*
 Antonio Augusto Manique de Mello — *Idem*
 Henrique Nunes Teixeira — *Idem*
 João Antonio Franco Frazão Cast.º-Branco — *Idem*
 João Rodrigues d'Azevedo — *Idem*

Muitos outros, dignos igualmente de nossa gratidão, relacionaríamos hoje, se o espaço nos não faltasse. Continuaremos.

V. DA SILVEIRA

Fica novamente a cargo do redactor principal d'este jornal a administração dos *Preludios-litterarios*.

ASSIGNA-SE E PAGA-SE adiantadamente, no acto da recepção do 1.º n.º, EM COIMBRA, no escriptorio da redacção do mesmo jornal.

Preços

| | | | |
|--------------------------|--------|----------------|----------|
| 1.º vol. (brochado)..... | 1\$600 | | |
| 2.º volume | | | |
| Anno..... | 1\$210 | Anno..... | 1\$680 |
| Semestre..... | 660 | Semestre..... | 780 |
| Trimestre..... | 360 | Trimestre..... | 420 |
| | | Por mez— | 120 réis |
| | | Avulso— | 40 réis. |

COIMBRA — IMPRENSA LITERARIA

PRELUDIOS - LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

DUAS LINHAS SOBRE LITTERATURA

A litteratura é o bello ideal do mundo intellectual, assim como a virtude é o bello ideal do mundo moral. A litteratura é a expressão da sociedade, é o apanagio da civilisação; representa o homem e o seculo, symbolisando a sociedade, suas diferentes fórmas e suas diversas fazes. A litteratura, na sua accepção mais ampla, comprehende todo o vasto campo de letras e sciencias; no sentido mais restricto, em que aqui a considerámos, comprehende as bellas letras, como a poesia, a historia; e as humanidades, como a gramatica, a logica.

O estudo das letras é um doce folguedo do espirito, um suave enleio d'alma, um efficaz remedio do coração, um innocente recreio para a phantazia, e uma fecunda instrucção para a intelligencia. Modera e reprime a imaginação, purifica o gosto, apura a lingua, fórma o coração, enriquece o espirito, purga e aperfeicôa a linguagem, dilata a intelligencia.

Pelas letras é que o homem é conhecido e apreciado, ganha uma posição social, e grangeia renome e reputação. Pelas letras é que o homem pôde fazer serviços á sociedade, á patria, quer no parlamento, quer no fóro, quer no pulpito, quer nas escolas, quer nas academias.

Das sciencias ás letras é grande a distancia. As primeiras falam á razão; as segundas á imaginação: as primeiras seccam o espirito, matam a imaginação e fazem perder o gosto; as segundas vivificam a alma, apuram o gosto, e fecundam a imaginação.

Se tal é o fructo e proveito das letras, qual não deve ser o nosso empenho, o nosso interesse, a nossa dedicação em as estudar? Mas, em vez de estudarmos as letras estrangeiras, devemos de preferencia estudar as letras patrias, e consagrar-nos á lição assidua e reflectida dos nossos classicos.

São estes os que enriquecem e aperfeicôam a nossa lingua, purgando-a de gallicismos e barbarismos, e elevando-a ao grau de esplendor e pureza, em que hoje a vemos, legando-nos produções tão preciosas e de tamanho gosto. São estes eseritores, que nós devemos lêr, meditar e estudar para aprendermos a bem pensar e a bem falar, para

Julho — 1860

apurarmos o gosto, para formarmos o coração e para falarmos com correccão e propriedade.

J. A. DA CRUZ.

COISAS E LOISAS

ROMANCE ORIGINAL

Continuado do n.º 17 tom. II.

CAPITULO VIII

No qual, depois d'algumas bagatellas, se acaba o romance, e o author se despede com muita saudade.

Pedro Pereira entrou em casa pensativo, velou até alta noite, e dormiu pessimamente. Quando acordou era dia de Reis. Saltou cama fóra, lavou-se, vestiu-se, preparou-se, passou á casa de fóra e pegou n'um livro.

Abriu ao acaso e leu:

« O amor é sentimento puro das almas grandes, delicioso sorrir d'anjos que a existencia arroba, inspiração de Deus que a alma enleva. »

Tornou a fechar o livro. Fincou os cotovêlos sôbre a mesa, aninhou a cara entre as duas mãos, e pôz-se a sonhar:

Era um dia de sol esplendido, onze horas da manhã. Sôbre um carro descoberto, estofado de setim branco, mollas á ingleza, ia elle sentado com uma mulher. Essa mulher era formosa como o dia que estava, pura como o sol que os aquecia, amada como bem merecia. Com as mãos estreitadas, deixavam-se levar ao galope dos cavallos, como os antigos genios nas azas da viração.

— És feliz, minha bem amada? — perguntou elle.

A mulher olhava-o, sorria-lhe, estreitava-lhe mais a mão e respondia:

— Olha o que é a vida! Alem aquelle pobre, vergando de fome, mal pôde arredar-se que o não trilhe o nosso trem!

No mesmo momento parava o carro, aos pés do pobre cahia uma moeda de prata, e ia-se avante.

— Obrigado, meu anjo; devo-te mais uma acção boa.

VOLUME II

N.º 19

O carro continuava a toda a brida.

O nosso homem estremeceu, como se realmente fosse n'um carro e este impeçasse n'uma grande pedra. Aspirou com toda a valentia d'uns sãos e magníficos pulmões, passou a mão pela testa, e recabiu na mesma.

Agora foi outro sonho :

Era uma noite medonha de inverneira desabrida, Lá fóra zumbia o vento, a chuva cahia em jorros. Noite velha. Sôbre um leito de dor revolvia-se elle ardendo em febre. Uma compressa de fogo como que lhe apertava a cabeça com tormentos horroveis. Respiração curta e trabalhosa : palpitações agitadas e violentas ; os labios e guelas como se lhe mettessem brasas accessas. As horas tardavam, tardavam eternas, e o mal não cedia. Aquelle soffrer era de mais, era soffrer de condemnado, era soffrer que melhor era morte.

Um pensamento de maldição e impiedade o accommelia, que Deus não era justo atormentando-o assim.

De repente uma consolação ineffavel lhe torna vida, o arder da cabeça suspendeu-se um instante, sente humedecer os labios, abre os olhos.

A seu lado, de pé, uma mulher pousava-lhe a mão sôbre a cabeça, entornava-lhe nas guelas uma gota d'agua, e nobre e resignada, velando por elle, simbolisava-lhe a esperança.

Não quiz mais sonhar.

Ergueu-se e deu alguns passos pela casa. A cabeça tinha-a effectivamente a escaldar. Abriu a janella, e poz-se á janella. Era cedote para a estação ; quando muito oito horas da manhã. Tocava uma guieira fria que cortava. Tornou a fechar a janella, foi para o quarto, e vestido como estava tornou a deitar-se. Deu trinta voltas, não dormiu, sentou-se á mesa : escreveu.

Ora o quê, não sei.

E apesar de não querer que me chamem curioso, dava uma libra ao diabo para me deixar adivinhar.

E o diabo podia sem escrupulo aceitar a libra, que nem cruces tem.

Uma digressão. D'antes quando um enfatuado queria mostrar fanfarronadas de brio costumava dizer :

—Mande ao diabo o seu dinheiro, salvo as cruces!

Felizmente chegámos a tempo de poder mandar tambem o nosso dinheiro ao diabo, sem salvar nada. Foi muito bem entendido, porque aliás não saberíamos onde mettel-o, tanto abunda elle por ahi. E o diabo entra-lhe que é um gosto, e lá lhe sabe dar taes voltas, que é de ver e pasmar como se sóme e consóme.

E aqui me vem agora uma reflexão exquisita, que fiz comigo mesmo ha muito tempo, mas que estava capaz de não dizer a ningnem, se soubera que havião de tomal-a a serio. Ha gente que se impressiona por qualquer coisa, e eu quero a minha consciencia variada e aceada para a hora da morte. Se me promettem rir da exquisitice, chamarem-me

até retrogado e visionario, ou assim coisa semelhante, então digo-lh'a. Vejam lá se me comprehendem. Lá vae :

Não sei nada de historia, mas quando era mais pequeno, até na idade, que não sabia de latim, nem que existia, tinha incriveis desejos de saber o que significavam aquellas letras, que via em derredor dos pintos de velha memoria. Perguntei e disseram-me :

«Estas letras vieram do céu. Mostrou-as nosso Senhor a D. Affonso Henriques, quando lhe appareceu antes d'uma batalha muito grande, chamada a batalha de Ourique, onde o sancto rei venceu cinco reis mouros. E significam = *com esta bandeira serás vencedor* = referindo-se á cruz onde lhe appareceu. E em memoria d'isso todos os reis têm mandado conservar a cruz e a legenda no dinheiro. Foi com aquella bandeira que nós ganhámos a nossa independencia, que a sustentámos com valentia, que depois conquistámos os mares, nos fizemos admirar e respeitar em todo o mundo. Em quanto a tivermos e a seguirmos temos por nós a protecção de Deus, e não deixaremos nunca de ser um povo livre. Se um dia a perdermos é porque não somos dignos d'ella, é porque Deus nos desamparou.»

Fui crescendo e tornei-me menos pequeno. Entrei um dia em Sancta Cruz de Coimbra e vi essa tradição estampada em pedra. Acreditei n'ella em toda a candura de minha alma de então. Crença foi que me ficou gravada bem funda, e tanto, que me verteu sangue o coração, quando o braço robusto d'um homem grande me veio rasgar deante de tanta gente que lhe deu palmas.

Restava-me uma consolação. Esse homem era um bom portuguez, as suas intenções eram boas, o mal que me fizera era para me dar a verdade. E se esse homem apagava a origem do simbolo, não negava a sua verdade. Para elle tambem era crença em que na hora em que perdessemos a cruz de nossos maiores, não havia mais salvação para nós. Mostrou-o bem, indo elle só procural-a entre as ruínas dos conventos, hasteando-a só, defendendo-a só em grandes tempestades, até finalmente ganhar raizes.

Quando tudo isto se passava, a cruz continuava na moeda a perpetuar tres idéas : Deus, crença, independencia. Depois deu volta o mundo, a cruz desapareceu : iria com ella o que representava?..

Ora já basta de seccante. Felizmente acabou-se a digressão, e vamos ahi entrar pelo romance dentro com vento de poupa e maré boa, que aferramos n'um instante.

Em quanto Peixoto estava escrevendo, estava o sr. Cesario dormindo. As dez horas porém acordou, e d'ahi a vinte minutos ergueu-se.

Dirigiu-se ao espelho. Estava com umas olheiras tremendas.

Diabo, murmurou elle, estou famoso. Se assim continuo, bem posso dar baixa de posto.

Encheu a bacia d'agua fria, entornou-lhe den-

tro algumas gotas d'alcool, e banhou os olhos. Quando deu a ultima escovadella ao chapéu, estava outro.

Desceu a escada, e no patim fez reparo:

—Para onde irei agora? Maldito viver sem vida!

Era o segundo ataque de senso, que lhe tinha dado nesse dia.

—Vou ter com o Pedro á cama e contar-lhe...

Sorriu, puchou os bigodes e eil-o na rua.

Não bateu: subiu e abriu a porta sem mais cunprimto.

Como os leitores sabem, Peixoto não estava na cama. Ainda estava sentado á mesa, onde o deixámos.

Sentindo o ranger da porta, deu um pequeno estremecimento, fechou á pressa um livro em que estava lendo, e endireitou á visita.

—Venho dar-te uma novidade, Pedro.

O dono da casa não respondeu. Apertou a mão, que o outro lhe estendia e apontou-lhe uma cadeira.

Sentaram-se ambos.

—Diz lá: disse a final.

—Mas primeiro has de dizer-me o que tens hoje, que me parece anormal. Estás com tal aspecto, que dir-se-ia teres sobre as costas o peso do mundo.

—Enganas-te, meu caro. Estou como sempre. Que é o que tens para dizer-me?

—Já t'o não digo.

—Falemos d'outra coisa: para mim é indifferente.

O sr. de Sousa Paiva ficou desconcertado, ou para servir-me d'uma expressão d'um eloquente diabo, ficou desapontado. Queria, como se costuma dizer, vender o seu peixe, mas por bom preço. E tambem, verdade seja, desejava saber o incommodo do amigo. Instou pois:

—Ha de ser no que tenho a dizer-te, que hemos de falar, mas diz-me primeiro o que te afflige.

—Nada: pelo contrario. Estou para me casar.

Se uma bomba estoirasse n'esse instante debaixo dos pés do nosso janota, não o espantava a decima, a millesima parte, do que o espantavam aquellas poucas palavras. Arregalou os olhos até ao meio da testa, deixou cahir o queixo, e ficou-se parvo de todo a olhar para Pedro. Terminou com uma conscienciosa gargalhada.

Pedro continuava sério.

—Que achas tu para rir no meu dito, Cesario? — perguntou elle sem se alterar.

—O sério com que dizes isso, meu caro: respondeu o morgado rindo sempre.

— Pois eu não sei de nada mais sério na vida do que um casamento.

—Oh! lá isso é exacto. O casamento é uma grande coisa, retorquiu Cesario com affectada gravidade. E se não, basta ver que a natureza providente tem o cuidado de nos tirar o juizo nas vesporas de o celebrarmos. E quem é a feliz Amarylles dos teus encantos?

—Fallemos d'outra coisa, Cesario, se te apraz.

Não sei hoje afinar nesse estylo. Se podes ou queres mudar de tom, muito bem: se não, ponhamos pedra sobre tal coisa.

—Basta, Pedro: cá estou. Dou-te já os parabens.

Conversaram duas horas. Pedro Pereira confiecia bem aquelle homem, e sabia-lhe um excellent coração debaixo d'apparencias frivolas. Abriu-se com elle, e achou-o.

—E que certeza tens tu de que essa mulher corresponde ao teu amor? — proseguiu Cesario depois d'ouvir muito.

—Tenho toda. E por uma razão que parece um absurdo, mas a mim convence: nunca me disse uma palavra a tal respeito.

Basta. Um homem que se convence com absurdos não merece que gastemos mais tempo com elle. Sabei apenas, para concluir, que d'ahi a tres mezes estava casado com a Exm.^a Sr.^a D. Maria Amelia, que ao appellido de familia—Ribeiro — tinha acrescentado o de — Peixoto. Consta pelas vizinhas, que se dão como pombas. Que Deus os abençõe para bem do genero humano.

A menina Luiza Bebiana de Castro ainda está solteira. O ex-tenente, a sua ultima prancha de salvação, tinha tido outra assaltada de positivismo e calculo, que lhe tinha valido mais do que os capacetes de gelo da velha eschola. Resta-lhe para a consolar a boa Mathilde, que anda tratando de arranjar-lhe outro caosinho.

Aqui está em duas palavras o que Cesario tinha a contar. Este senhor continua na mesma. Come, dorme, passeia e fuma. Que lhe faça muito bom proveito.

E agora, meus senhores, está o romance acabado.

Para vós, minhas bellas, ainda não de todo. Só mais duas palavras d'amigo.

O sol é a coisa melhor que ha: ninguem repara em tal, porque todos os dias se nos está mettendo em casa, porque anda ahí ás vistas de todo o mundo. Sirva-vos de exemplo. Quem muito apparece muito aborrece: o que é facil não tem valor. Tambem vos puz para exemplo a menina Luiza, apesar de ser bem menos do que o Sol. Se quereis pois ter força, recatae-vos: se quereis casar não namoreis. Ahí fica em portuguez bem chão o resumo de todas estas *Coisas e Loisas*.

1860.

Fim.

J. SIMÕES FERREIRA.

CANDIDA

III

Elle por ella

Continuado do n.º 17, tomo. II

—Chegaste em fim, Julio... tinha murmurado Candida, cahindo-lhe nos braços.

Julio sentou-a juncto a si em um pequeno banco, e perguntou com voz enfadada:

— Mas que afflições são estas? para que são estas lagrimas? que tem agora a tua ida para Cintra?

— Que tem, Julio!... perguntas-me o que tem a minha ida para Cintra!... pois não sabes que te amo... não sabes que não posso viver longe de ti!... Ah! Julio, Julio, não te merecia isto...

— Sempre recriminações...

— E não tenho eu razão para ellas?... Vês que te sacrifiquei tudo, que te sacrifiquei até o amor do meu pae, e, na vespora de te deixar, dizes-me que enchugue as lagrimas, que diga á alma que não sinta, ao coração que se não queixe!... Ai, Julio, Julio, que amor é o teu?!

— Que amor é o meu, Candida?... Se tu o adivinhasses...

— Prouvera a Deus que o não soubesses.

— Não sabes, não; se comprehendesses como eu te amo, calcarias aos pés tudo que te prende ao mundo. Longe de todos seríamos só um para o outro, esconderíamos entre nós esta affeição, que a sociedade não é digna de conhecer, e viveríamos felizes.

— E meu pae, Julio?...

— Teu pae... pois não estou eu aqui, eu, que te amo tanto?... pôde o meu amor comparar-se ao de alguém sôbre a terra?...

— Calla-te, calla-te, não blasfemes: olha, lancemos-nos ambos aos pés de meu pae, confessemos-lhe o nosso amor: dir-lhe-hemos que não podemos viver um sem o outro, que nos perdôe, e...

— E depois, Candida?...

— Depois... oh! depois meu pae perdoar-nos ha...

— Louca! não sabes que teu pae amaldiçoarte-ha antes, e expulsará o homem, que ousou amar sua filha, porque esse homem é um desgraçado, cujo crime é o seu amor?! Não, Candida, não; que nos importa Lisboa, que nos importa o mundo inteiro?... depende a nossa felicidade d'outros alem de nós?... E demais, não sabes que brevemente serás mãe... E como occultarás então o fructo dos nossos amores?... Serás obrigada a desprezar teu filho, Ai! aqui espera-te o martyrio e lá... sorri-te a felicidade...

— Calla-te, calla-te, Julio, não me digas isso, que me matas!... Meu pae desprezar-me, amaldiçoar-me, envergonhar-se de mim, e eu ser obrigada a perder meu filho... porque eu vou ser mãe, não é verdade?... Oh! Julio... para que me desgraçaste?...

— E não me desgraçei eu tambem?... Não te ameie eu mais do que alguém pôde amar na terra!... e no entanto vejo agora que tu hesitas em seguir-me...

— Oh! tem dó de mim, Juliol!...

— Era a minha sorte, Candida; hoje que me espera alem da vingança de teu pae? Oh! mas essa esperal-a-hei resignado... e comtudo eu amava-te

bem!.. eis a paga de te amar tanto!.. Mas que vejo!.. alem, não vês luzes percorrerem as casas?... Teu pae deu talvez por a tua falta. Uma ultima vez, Candida, fujamos, fujamos para a ventura, que nos espera... Perlo d'aqui tenho uma carruagem prompta, e...

— É impossivel... meu pae... oh! calla-te, calla-te...

— Ah! recusas! eis o que era o teu amor!.. E devia eu acreditar nas tuas lagrimas... para que me chamaste ainda hoje?

— Julio, Julio!...

— Basta!... adeus, adeus para sempre... tu o quizeste... Ficarás perdida, desgraçada para todos; mas terás por companhia a minha sombra, por consolação o remorso da morte, que vas dar-me...

— Julio!.. piedade... não me desampares...

— E tens tu piedade para mim?... Oh! sinto passos proximos... é de certo teu pae... Quererás talvez ver-me assassinado a teus pés!.. E porque não?... terás assim a prova de quanto eu te amava... e comtudo podiamos ainda ser bem felizes...

— Oh! meu Deus, meu Deus... balbuciou a pobre, cahindo-lhe aos pés.

— Candida! exclamou elle, tomando-a nos braços; confias finalmente em mim?... Consentes em seguir-me?..

Mas ella tinha desmaiado completamente. Um sorriso diabolico animou então as feições de Julio: levantou-a, como quem levanta um cadaver, envolveu-a no seu comprido capote e murmurou com voz sumida e triumphante:

— Oh! agora principio a acreditar na vingança; já era tempo!..

Depois correu com ella nos braços, abriu á pressa a porta, por onde tinha entrado e sahiu. Ao fim da rua encontrou uma sege, que o esperava: meteu-se n'ella e disse para o holieiro:

— Depressa, a todo o galope, para onde tu sabes...

A sege partiu, tirada por dois possantes cavallos, e, passada meia hora de caminho, parou em uma rua deserta e em frente de uma casa solitaria e triste.

Era junto de Arroios.

Julio appeou-se e tomando nos braços a pobre creança, sempre desmaiada, deixou cahir na mão do cocheiro um punhado de ouro, dizendo-lhe em voz baixa:

— Agora, silencio! bem sabes, que a tua vida está nas minhas mãos...

O cocheiro recebeu o ouro e partiu logo a galope, murmurando:

— Pôde ficar descansado, serei mudo... bem sabe que não costumo faltar.

Julio, em seguida, abriu a porta d'essa casa, em frente da qual se tinha apeado: fechou-a sôbre si, entrou em uma sala triste e pobremente mobilada, esclarecida apenas por a luz baça e duvidosa de uma véla; depôz sôbre um sophá a po-

bre creança, ainda sem sentidos, e deixou-se cahir em uma cadeira defronte d'ella, exclamando com uma gargalhada horrorosa :

— Oh ! o que é um primeiro amor escarnecido ao pé de uma vingança completa !.. Mas coragem, a minha obra está apenas principiada ... o inferno me ajudará !

Neste meio tempo passava-se em casa do General St.* Barbara uma scena bem diversa, mas não menos interessante.

O general, depois que sua filha o deixára, tinha-se recolhido ao seu escriptorio para escrever e pôr as suas cousas em arranjo, para a partida do dia seguinte: ao ouvir dar meia noite lançou por acaso os olhos para a janella e descobriu o céu semeado de estrellas e a noite serena e linda.

— Oh ! teremos um bello tempo, disse elle consigo mesmo, e passaremos uma deliciosa vida em Cintra. E Candida ... pobre filha !.. que tristeza a perseguirá ha dias !... Aquella alegria de hoje era forçada, eu bem o conheci; mas que terá a pobre criança ?.. Não de ser os seus desenove annos, ha de ser esta bella estação das flores...

E insensivelmente o general foi-se aproximando da janella.

Ao lado do seu quarto ficava o de Candida, no qual havia duas janellas, que davam para a rua: o general lançou para lá a vista e viu as janellas abertas, sem luz dentro.

— Oh ! pensou elle, teria ella adormecido com as janellas abertas ! ...

E chamando uma criada perguntou-lhe :

— A menina já se deitou, Carlota ?

— Não sei, meu senhor, mas creio que sim.

— Vá vêr, ou se não ... espere; eu mesmo vou.

Carlota sabia que sua ama ficára de receber n'essa mesma noite Julio de Vasconcellos; lembrou-se logo de que estariam ainda no jardim, e em quanto o General se encaminhava para o quarto de sua filha, correu para o jardim.

Fôra n'esse momento que Julio tinha visto luzes moverem-se na casa e ouvira passos proximos a elle; se se tivesse demorado mais um instante ouviria tambem a voz de Carlota, que dizia :

— Menina ... menina ... seu pae chama-a ... ande, venha depressa ...

Mas Carlota deu uma volta a todo o jardim; não reparou na pequena porta, que ficára aberta, e julgou :

— Terá já voltado ... ainda bem ...

Ao entrar outra vez em casa encontrou o General com uma luz na mão e as feições demudadas.

— Carlota, perguntou elle, aonde está minha filha ? ...

O General ao entrar no quarto de Candida tinha encontrado a cama por desfazer e tudo no seu lugar; mas sua filha não estava lá. Em um momento correu toda a casa, chamou os criados, perguntou-lhes por sua filha, mas ninguem lhe soube responder. Ao descobrir aberta ainda a porta

da sala de jantar, que deitava para o jardim, perguntou com voz ameaçadora :

— Quem deixou esta porta aberta? quem abriu esta porta ... Depressa, tragam luzes ... quero saber de minha filha...

E correndo elle mesmo na frente de todos enfiou pela rua das acacias, ao fundo da qual encontrou uma capa, que Candida levára aos hombros. N'esse momento descobriu tambem aberta a pequena porta, que deitava para a rua e que nunca se costumava abrir.

Uma ideia infernal, espantosa, inacreditavel lhe passou pela mente ... sua filha podia ter fugido ! ..

Foi então que um dos criados lhe apresentou um papel, que apparecia em cima do mesmo banco, onde tinha encontrado a capa de Candida. O General abriu-o apressadamente e leu :

« General — A criança d'outróra é homem hoje, e, se não esqueceu as suas dividas, tambem não esqueceu os seus credores.

« Vós roubastes-me uma amante, despedaçastes-me o coração e fizestes de mim um perverso; roubo-vos agora uma filha, anniquilo-vos a honra e destruo a paz dos vossos ultimos dias.

« Ella por ella...

« E contudo é quasi a mesma cousa; a differença é que a criança de 1836 é hoje um homem de 40 annos, que aguardou uma vida angustiada e afflicta só para vos poder dizer, 20 annos depois: — Estamos quites ... não me deveis nada, General; roubastes-me uma amante, que idolatrava, calcastes-me aos pés um coração, que era joven e bom; fizeste de mim um homem perverso e mau ... roubo-vos agora uma filha, por quem morreis de amor; mancho-vos a honra no que de mais caro ella tem; anniquilo-vos a paz dos vossos ultimos dias de existencia ! ... Não nos devemos nada, Sr. O pobre Affonso da Costa pagou as suas dividas ao nobre General St.* Barbara, o esposo de Candida d'Albuquerque ... »

Acabando de ler esta carta o General estava pallido como um cadáver; uma espuma esbranquiçada lhe assomava aos cantos da bócca; os cabellos eriçavam-se-lhe, e um suor frio lhe escorria ás bagadas da testa.

Passado um momento d'aquelle espasmo horroroso, como se recuperasse o vigor dos seus primeiros annos, esmagou e apertou convulsamente aquelle papel nas mãos e gritou:

— Oh ! mas o General St.* Barbara vive ainda e não deixará impune um infame ... O General St.* Barbara pôde, sabe e quer vingar-se... E o General St.* Barbara ha de vingar-se, porque nem é um cobarde, nem um enfermo, que não possa já empunhar uma espada... Se não esmagou a vibora, que lhe rastejou um dia aos pés, pôde esmagal-a ainda...

E, dizendo isto, sahiu correndo, por onde um momento antes sahira sua filha nos braços do seu amante, ou antes do seu roubador.

(Continúa)

A. F. DE LOUREIRO

UM VOTO PELA ITALIA

Ao meu amigo V. da Silveira

Continuado do n.º 16, tom. II

O despotismo dos reis termina no dia, em que os povos, cansados de o soffrer, começam a trabalhar na obra da sua regeneração. Aos brados erguidos em nome da razão e do direito desmorna-se o imperio da oppressão e da prepotencia. Aos impetos violentos do tufão revolucionario cahê despedaçada a estatua do poder, que se sustinha em pedestal tincto com o sangue e regado com as lagrimas dos povos.

E nessas horas solemnes as bastilhas desabam em ruínas, as instituições barbaras desaparecem, e os ferros, que encadeavam milhares d'homens, convertem-se d'instrumentos do despotismo, que antes eram, em armas da liberdade. A sociedade, escorada na consciencia do seu poder, proclama então a inviolabilidade de seus direitos. E os povos, recordando magoados a historia dos seus infortunios e aviltamentos, votam á merecida execração a memoria dos tyrannos, que os opprimiram e flagelaram como rebanhos de mizeros escravos. A verdade vai calando nos animos, que a ella se têm mostrado mais adversos. As nações deixaram de ser propriedades *materiaes*, enfeudadas a uma dynastia, e adminstradas como uma *cousa*, que se transmite por herança.

O prestigio de uma raça, que os seculos viram decorada com o brilho da purpura, não tem já poder bastante para conter a voz e algemar o braço das nações. O throno dos reis já não pôde sustentar-se só na bayoneta do soldado, e na secure do carrasco. Se a liberdade e a justiça lhes não firmarem os degrãos, não tardará, que a tempestade se desencadêe sobre elles temerosa, e que o raio desça impiedoso sobre a sua cabeça, reduzindo a cinzas a corôa, que lá refulgira. As phases, que havemos observado na ultima lucta da Italia, fornecem-nos uma prova inconcussa da verdade de nossas asserções. Extorções atrozes e continuas, attentados violentos contra a propriedade, oppressão do pensamento escravizado por um poder brutal, sempre desconfiado e receoso; rebaixamento de um povo condemnado a vegetar sob a arma do soldado e os olhos do espião, uma prodigiosa mizeria physica, intellectuale moral eram males acerbos e dolorosissimos, que deviam alfim ter um termo. A arbitrariedade e a corrupção—eis as feições characteristics de governos costumados a desprezar o direito e a desacatar a moralidade.

Era funda a dôr, que se sentia ao contemplar um tal espectáculo: e mais recrescia ella, quando se recordava a antiga prosperidade e as espantosas creações do genio desse povo, suas longas e victoriosas luctas para manter illesa a sua independencia desde a liga lombarda ate aos derradeiros esfarços de Florença no tempo de Carlos v.

Ainda ha pouco a triste situação da Italia

causava impressões da mais viva mágoa nos amigos da liberdade. Os gemidos repassados de amargura, que se levantavam da terra de Petrarcha e do Danté, coaram intima dôr em todos os corações generosos. Ainda ha pouco não fulgia uma só luz de esperanza no horisonte cerrado e sombrio da desgraçada Italia. Ainda ha pouco nobres e valentes filhos d'essa terra, que dera o berço ao Tasso e a Miguel Angelo, d'essa terra cantada por Byron e por Stael, sepultados uns em lobregas masmorras, expirando outros no patibulo, comendo muitos o pão amargurado do exilio, padecendo todos a mais cruel e ignominiosa das oppressões, desesperavam já de quebrar o septro de ferro, que os avexava. De continuo chorava a patria martyres, que não trépιδavam ante o sacrificio heroico de morrer por ella. A providencia quiz alfim, que se não continuasse essa chronica de horrores, em que cada pagina era escripta com sangue de victimas. A liberdade, qual anjo exterminador, desprega as azas, levanta a espada flammejante, corta algemas, esmigalha sceptros, derrota cohortes, protege opprimidos, e salva povos. A liberdade opêra assombrosos prodigios! As nações, que muitos criam cadaveres em dissolução, animadas pelo seu halito vivificante, erguem-se com a energia da vida, com a robustez da mocidade. Verdadeira redemptora — ella spargê sôbre os povos os mais preciosos beneficios, que elles podem gozar na terra. Estudai a historia dos destinos da Italia, confrontae as epochas da sua decadencia com os tempos de sua florecencia e de sua grandeza; attentae bem na sua actual situação; lembrae-vos do que foi hontem, do que é hoje e do que poderá ser amanhã, e concluireis comigo, abençoando os fructos salutaes da liberdade, e os esforços generosos dos que trabalham por ella.

(Continua)

EPISTOLA

Illustre senhor Faustino
De Xavier e Novaes,
Herdeiro de Tolentino,
De Boileau e outros que taes,
Vou-lhe offerecer estes versos, (1)
Tristes farrapos dispersos,
Cinzidos sôbre o papel,
Apontoados ao talento
Definhado e macilento
Da minha musa cruel.
E que a doença da musa
Aos mesmos sirva de escusa!...
— A proposito de escusa!...
Terá sancta paciencia,
Se eu lhe não dou *excellencia*,
Como é hoje do bom tom!

(1) O volume das minhas *Novas poesias*, que então lhe enviei.

P'ra que a verdade lhe diga
 Eu sempre fiz uma liga
 A lérias de cortezias...
 Embirrei com as senhorias.
 Com *excellencias e dom*;
 Tal é a razão porque,
 Se lhe eu der *vossa-mercê*,
 A mal o não leve, amigo;
 Pois já vê que não consigo
 Atinar c'o tratamento!...
 Deito pois velas ao vento
 E na derrota prosigo,
 Atando o fio ao sermão...
 Mas... com licença... perdão...
 Que me lembra outra razão,
 P'ra lhe eu não dar *senhoria*,
 Ou *excellenciã* redonda;
 Pois espere qualquer dia
 Que o meu charo me responda;
 E como é muito cortez,
 E sempre agradar procura,
 Pagar-me-ia com usura,
 Dando-me *alteza* talvez:
 E eu ficava tão inchado
 Que, pobre de mim coitado!
 Dava-me logo um fanico,
 Com que assustava a familia!...
 P'ro livrar d'esta *quisilia*...
 Com licença... aqui me fico!...

Meu charo senhor Faustino,
 Muito devo ao seu ensino!...
 Pois outr'ora, — inda creança,
 Tambem me veio á lembrança
 Um dia o ser trovador;
 Falei muito de amizade,
 Versejei muita saudade,
 Ciumes, glorias, e amor:
 Fiz um incrível barulho,
 Cantei da selva o socego,
 Cantei as noites de julho,
 Os rouxinoes do Mondego,
 Pastores, gaitas de folles,
 Os pratinhos d'ovos molles...
 E... inda mais triste que Ovidio,
 E outros tristes animaes,
 Até cantei o suicidio!...
 Porém... n'isto haja segredo;
 Pois se a justiça me apanha
 Faz-me ir em papos d'aranha
 Rebolindo a Rilhafolles!...
 E por tanto sempre hei medo,
 E de tal não falo mais!...

Ora já vê o meu charo
 Que eu mettido n'estas danças,
 A falar com tal descaro
 Em paixões, em desesperanças,
 Em tristes sentidos ais,
 A chamar ás dores negras,
 Á desventura amarella,

Á aurora côr de medronhos,
 Azues e brancos aos sonhos,
 Ao soffrer côr de canella,
 E outras côres que taes—
 Dava por páos e por pedras,
 Falando a torto e a direiro,
 Dos soffrimentos do peito
 (Tosses, catarros e eguaes);
 Té que em breves audiencias
 Dava c'o caco em pantana
 Gastando a mim o miôlo
 E aos outros as paciencias:
 E alcançando gloria insana
 A final morria tollo
 Na lei dos sentimentaes! ..

Mas quiz minha boa estrella
 Que eu encontrasse os seus versos!
 Ri dos destinos perversos,
 Ao barco virando a vella;
 E, seguindo o seu exemplo,
 Do prazer entrei no templo;
 Tendo o vento pela pôpa,
 Levando maré de rosas...
 E nas caldeiras jocosas
 Fui tambem molhar a sopa!...
 Nem precisei muito estudo
 P'ra chegar a rir de tudo,
 Rindo até de mim tambem!
 Mandei á fava as tristezas,
 Os astros, brizas e anjos,
 Duzia e meia de bellezas,
 Mais vaporozas que o fumo,
 Mais gentis que fadas brancas;
 E, fazendo os meus arranjos,
 Fui mudando então de rumo,
 Co a tal musa dando ás tranças
 P'ro bello que a vida tem!...
 E dei de mão á desgraça,
 Porque, virando a casaca,
 Fui plantal-a então d'estaca
 No canteiro da chalaça
 A ver se pegava bem!...

Aqui tem, pois, o meu charo
 O muito que lhe devi,
 Pois c'o seu talento raro
 A rir da vida aprendi:
 Em camisa de onze varas
 C'os taes versos me metti...
 Chorei... carpi... fiz lamurias...
 Invoquei anjos e furias...
 Mas suas maximas raras
 Deram-me alento! vivi!...
 A chorar fiz muitas caras;
 Mas depois somente ri!...
 E agora, se estou curado
 D'aquelle velho peccado,
 Tão sómente o devo a si.
 Por isso desculpe a offerta,
 Que lhe vou hoje levar;

Pois que um medico que acerta
 Assim c'o mal do doente
 Merece ter um presente
 Que a cura lhe vá provar. (1)
 Do livro já vê no fim
 Que eu vou indo assim — assim!...
 E talvez lhe mostre em breve
 O muito que já lhe deve
 Minha saude poetica;
 Pois já estou livre da hectica,
 Que me estava a consumir;
 E, mais gordo do que um nabo,
 Mandei o pranto ao diabo,
 E a vida consumo a rirl...

Ora pois, Senhor Faustino,
 Se consentisse o destino
 Que eu receba lettras suas
 Em resposta a estas minhas,
 Mandava arear as ruas,
 Tocar sinos, campainhas,
 Armar portas e janellas,
 Embandeirar o telhado,
 E vestia o meu criado,
 Que é um redondo gallego,
 Com cazaca de morcego,
 De dragonas amarellas...
 E, entre tantas festas varias,
 Até punha luminarias!...

Já vê por tanto o festejo,
 Que eu faça á sua resposta,
 Que é de quem immenso gosta
 De ver cumprir seu desejo;
 E, como diz o ditado,
 — Quem espera sempre alcança —
 Eu sempre fico na esp'rança
 Do correio desejado,
 Que prove que o meu pedido
 Não ficou desattendido!...

Desculpe, pois, a massada,
 Que ao ler esta trapalhada
 O meu charo amigo tem
 Em nome de quem da fé
 De seu venerador timbra,
 E que reside em Coimbra,
 No bairro de S. José,
 E que se assigna gostoso
 Ser seu muito affectuoso
 A. M. da Cunha Bellem.

Maio de 1858

N. B. Esta epistola, que foi recebida pelo sr. Faustino de Novaes, nas vesporas de sua partida para o Brasil, teve em resposta uma attenciosa e

(1) Alludo á 2.^a parte das minhas *Novas poesias*, intituladas *Desenfados poeticos*, e moldada pelo gosto das poesias do sr. Novaes.

lisongeira carta em prosa, desculpando-se de não responder em verso, pela preocupação em que o trazia a sua proxima partida.

EXPEDIENTE

Testimunho de gratidão — Não contentariamos nossa consciencia se gravassemos só no coração os nomes d'aquelles, que, na triste quadra, por que estamos passando, mais nos têm pinhorado com suas palavras de consolo, seus conselhos, seus offercimentos e seus serviços em favor de nossos interesses. Não; é preciso mais: é preciso que n'este jornal, d'onde tantos apontamentos tiraremos um dia para nossa — *Vida de estudante em Coimbra*, os mencionemos todos; que a modestia de nenhum se offenda; que é nobre e altivo o prestar culto á virtude!

Em seguimento do numero 18

Adolpho Ferreira de Loureiro — *Figueira*
 A. M. da Cunha Belem — *Abrantes*
 Antonio Theodoro Taborda Pignateli — *Penamacor*
 Dymas Thaddeu d'Almeida — *Silves*
 Francisco Maria de Carvalho — *Lamego*

COIMBRA

Antonio Leite Monteiro — *Estudante*
 Augusto Curado de Campos — *Idem*
 E. A. de Barros Ribeiro — *Idem*
 João Carlos Valladas Mascarenhas — *Idem*
 Joaquim João Marreiros Netto — *Idem*
 José Augusto Franco Castello-Branco — *Idem*
 José Ayres da Silveira Mascaranhas — *Idem*
 José Luiz Champalimond Duff — *Idem*
 José dos Santos Duarte Pimenta — *Idem*
 Manuel Vicente Ribeiro — *Idem*.

V. DA SILVEIRA

Erratas — pag. 144, lin. 8 — lêa-se *chegavam* em vez de *chegaram*; na mesma pag.; penultima lin. — lêa-se *teceu* em vez de *tecem*.

A cobrança, em Coimbra, continuar-se-ha a fazer como antigamente; i. é, por trimestres ou semestres: a inefficacia da cobrança *por mezes*, ha pouco ensaiada, obriga-nos a voltar ao antigo systema.

Preços

1.^o vol. (brochado)..... 1\$600

2.^o volume

| | | | |
|----------------|-----|----------------|-----|
| Semestre..... | 660 | Semestre..... | 780 |
| Trimestre..... | 360 | Trimestre..... | 420 |

Avulso — 40 réis.

COIMBRA — IMPRENSA LITTERARIA

PRELUDIOS - LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

LEITURAS POPULARES

Continuado do n.º 15, tomo. II

XIV

Associação e Liberdade dissera eu serem essas duas idéas aonde se depara mais verdade e que, ambas fundidas em factos, podem dar fructo mais sasonado e proveitoso; o leito por onde placida pôde correr, demandando seu termo, a torrente — ora revolta e turbada por mil encontrados elementos que ahi se revolvem e guerreiam — da vida das modernas sociedades.

E como não seria assim, se, ramos frondosos de arvore, que no coração do homem tem fundas as raizes — a propria natureza, tem por fim, entrelaçando-se estreitamente e em mutuo amplexo apertando-se, ampararem-se e defenderem-se uma a outra, por que assim reciprocamente se protejam no crescer e no fructificar? Se são ara sacro-santa aonde os animos discordes em busca da verdade — mas que d'alma a buscam, tem de vir pactuar aliança, queimando ahi, em holocausto incruento, o fel de paixões ruins e desamoraveis; como poderão ellas, por estranho desapego e ingratidão mentir ao que, em nome de futuro melhor, nos promettem, e a que, na fé d'esse almejado futuro, prestamos crença e esperança illimitadas?

Não podem. Quando a intelligencia e coração do homem se revela uma verdade, tam rica de evidencia, tam promettedora de consolações, não pôde « *Aquelle* » que ao espirito a revelára deixal-a sem que pela evolução dos factos receba confirmação e com ella foros de inconfutavel.

Uma idéa assim nunca mente.

XV

Descendo das subidas regiões da abstracção ao campo mais arido e abrolhoso — mas porventura mais util, das realidades, da theoria aos factos; o livro, cujo bom espirito por todos quizeramos diffundido, como vaso de balsamo suave, que a todos vai unguindo e perfumando, apontando alvitres, que d'estes bons principios descendem, testemunhando não escasso cabedal de saber, — testi-

fica tambem aquilatado amor pela sciencia e pelos homens; que em muito conta o amor e o enthusiasmo para o descobrimento da verdade.

De tantos e tam bons alvidramentos, quantos o livro encerra, um ha que, como base de systema, os resume em si, d'onde todos descendem, ponto culminante, centro em volta do qual, satelites a lhe reflectirem o brilho, volteiam todos os outros, compartilhando com elle a verdade e prestimo com que é dotado.

É este o projecto das « Associações Agricolas ».

(Continúa)

ANTERO DO QUENTAL

EMILLA

Romance original.

CAPITULO I

Uma apparencia

..... passam como um sonho
Os prazeres do crime e o crime fica!

A. F. DE CASTILHO.

N'um bello dia de janeiro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus-Christo de mil oitocentos e quarenta e seis, que, segundo modernas e mais acertadas chronologias, corresponde ao de mil oitocentos e quarenta e dois da era vulgar, passeavam dois mancebos no Jardim Botânico desta antiga e sempre illustre cidade de Coimbra, cerca das dez para as onze horas da manhã.

Do que tudo dou fé, e como verdade reconheço sob o meu signal e sello.

É um dos tres mil modos de começar um romance, e, se não dos melhores, convireis que é original.

Podéra abrir-lhe a porta por uma descripção estirada e miuda de uma sexta parte do mundo, de que eu seria o Colombo, e que vós nunca chegarieis a conhecer — e é isto o mais commum; podia romper *ex abrupto* por um dialogo apimentado, que vos picasse o appetite e assoprasse a curiosidade — e isto já se encontra menos vezes; ou appresentar-vos sem mais nem mais em face

de uma scena tetrica, horripilante, agoureira e mysteriosa — como se faz annunciar o *Deus dis-põe*, por exemplo.

Não fiz assim : estava no meu direito. Bem ou mal, já tem principio.

Adiante.

Dissemos que passeavam no Jardim dois mancebos.

Pois não tinham mau gosto ... por muito que peze ao auctor da *Grangette*, que, se houvera estado em Coimbra, nesta mimosa terra dos verdores, teria modificado muito a sua opinião, e mesmo passaria muita vez, que não ha resistir-se á magia d'

« ... aquelles passeios

« Lá abaixo no *Salgueiral*

« Ou na *Lapa dos Esteios*

« Ou no fulgente *Areal*.

A passos lentos caminhavam os dois mancebos, gozando em cheio o incanto delicioso d'aquelle passeio matutino.

Um d'elles era baixo, um pouco trigueiro, com os beiços salientes e a cara redonda.

A figura não é lá das mais sympathicas. Paciencia, minhas bellas ; nem todos podemos ser como vós.

Apezar d'isso desde já vos posso declarar, sem comprometter o interesse da narrativa, que o meu heroe não era tolo nem nada d'isso tinha.

Qualquer dos meus queridos leitores que o visse, dizia logo ao primeiro relancear d'olhos — « aquelle é do outro mnndo... », isto é, do outro hemispherio.

O seu a seu dono. Não me tornem a culpa de fazer *mundo* synonymo de *hemispherio*, que, bem sabem, não é minha a lembrança, mas do dignissimo fundador da *Revista dos dois Mundos*.

Chamavam-lhe Honorato.

O outro tambem não era agora nenhum Poliphemo; mas era innegavelmente, um elegante moço.

Em altura pouco sobrelevava ao companheiro, de grossura não era tanto. Dotado porém de proporcional regularidade entre todas e cada uma das partes do corpo, era formoso em todo o rigor classico da expressão.

Rosto oval, testa proeminente, olhos do castanho puro e genuino da nossa raça, nariz bem lançado e bôcca pequena, eram os caracteres que mais lhe sobressahiam de legitimo portuguez.

O seu aspecto era serio sem ser carrancudo, e deixava transparecer a benignidade atravez d'um olhar claro, puro e affavel.

Tinha a honra de assignar-se de V. Ex.^{ta} respeitoso admirador — João Luiz de Sampaio.

Seguia-se dizer-vos como andavam vestidos ; mas para isso havia eu necessidade de procurar os figurinos d'essa epocha, que de tal nãoressa o precioso manuscripto (é de rigor) que me está servindo de texto á curiosa e interessante historia que vou narrar-vos.

Supponde-os, pois, trajados como melhor vos approuver com tanto que seja com gravidade e decencia, que do contrario era faltar á verdade e injuriar-me a mim, julgando-me capaz de gastar tempo com casquilhos, gente a mais aromaticamente embirrenta de todo o vasto mundo da parvoice.

Agora attenção, que vai fallar o senhor Sampaio.

— Palavra d'honra, Honorato; não te comprehendo. És um homem enigma. Que diabo te prende em Coimbra ?

— Algum cherubim da tua terra provavelmente — respondeu o patricio das bananas, sorrindo. E depois assumindo um ar desdenhoso e ironico continuou a meia voz :

— Tomára saber que se importa esta gente comigo ... Que cada um tomasse conta por si, era bem melhor, e incommodavam-me menos. Quando deixará a gente da tua terra de se metter com vidas alheias, João ? Eu bem sei que lhes dou no goto, mas isso para mim é indifferente.

— Pela parte que me toca agradeço, Honorato. Mas sempre direi que te enganas a meu respeito.

— Nem isto é contigo. Deus me livre de te offender. Mas revolta-me a bisbilhotice d'uma gentalha que por ahí vive de costa direita, fazendo vida da vida alheia, importando-se com tudo, mettendo-se em tudo e tudo commentando a seu bello prazer. E é de pasmar como as cousas se desfiguram, se transformam, vistas lá pelo prisma mentiroso das suas intenções corrompidas...

Por diante proseguia o filho da America, dirigindo d'aquellas amabilidades á boa gente da patria illustre do Sá de Miranda, quando, tendo alçado a cabeça, deparou com alguma cousa que o sobresaltou. Fez-se instantaneamente pallido, e sacudindo com força o braço do companheiro, perguntou com voz tremula :

— Tu conheces aquella mulher, João ?

Seguiram ao longo da gradaria pelo lado de dentro, e ao chegarem ao angulo do echo, entrava pela portá que faz frente para o Seminario uma mulher, cujos ademanos travessos e garrido trajar denunciavam uma filha de Cythera.

Fosse tenção formada, ou velleidade propria d'aquella gente, depois de ter dado dois ou tres passos em frente, rodou sobre a esquerda, e, apertando o passo, dirigiu-se para a estrada de serventia, encostada á matta, que nesse tempo estava em comunicação com o passeio, de modo que João já a não viu senão de costas. Esperou que chegasse ao angulo opposto, e então poude vela de perfil. Olhou-a um instante e respondeu :

— Eu não.

— Nem ainda a viste em Coimbra ?

— Não me recordo : talvez. Mas que interesse tens tu em saber quem ella é ?

— Eu ... interesse nenhum, respondeu Honorato. E que me fez voar agora o pensamento bem longe. Queres crer uma cousa, João ? Aquella mu-

lher fez-me um abalo immenso. Foi uma vida inteira que me trouxe ao pensamento.

Honorato voltou ainda uma vez os olhos para a mulher, que já lhe ia bem longe, e ficou por muito tempo silencioso. Deus sabe em que elle pensaria, que de quando em quando passava a mão pela testa e tirava-a alagada de suor.

No entretanto foram-se chegando para um banco e sentaram-se.

João Luiz de Sampaio não dizia nem uma palavra. Conhecia de sobejo com quem tratava para ignorar que, em taes alturas, não lhe perdoaria Honorato uma indiscrição.

Não era aquella a primeira vez que tinha sido testemunha de scenas semelhantes, e era isso que não comprehendia no character d'aquelle homem.

A final Honorato accendeu um charutó, deu outro a Sampaio e rompeu:

— Olha lá, João, não achas que eu tenho ás vezes momentos d'uma excentricidade exquisita?

— Mais do que exquisita, inexplicavel, direi eu.

— Pois sim, como quizeres: mas no fim de tudo isso sou um excellente moço... — replicou o primeiro em tom de comedia, ficando depois a olhar para o fumo do seu charuto, que subia em novellinhos, rarefazia-se pouco a pouco, até que se sumia de todo no ar:

— Ai Diogenes, Diogenes, proseguiu após alguns momentos, só tu soubeste o verdadeiro meio de viver no mundo! Se eu fora homem poderoso, erguia-te uma estatua. Quando deixará a nossa educação de ser enredada nestas malditas péas, nestas frioleiras de Deus, consciencia, vicio, virtude?

— Na vespera da dissolução ultima da sociedade: — respondeu Sampaio vagorosamente.

— Olha, meu caro Sampaio, talvez isso seja assim. Nem me importa. Has-de logo ir commigo a ver se encontramos por ahi algures aquella mulher, que me quero rir muito d'esta minha ridicula preocupação. É por ahi alguma miseravel, d'essa escoria vil de sevandijas, especie gangrenada, que nos faz envergonhar de ser parte do genero humano. Pregam-nos progresso e civilisação — proseguiu o senhor Honorato sacudindo a cinza do charuto com a ponta do dedo minimo, — e deixam-nos incommodar por essa relé, que não mandam para o inferno!...

E depois tomou uma *charutada*, recostou-se para trás e expelliu com força uma nuyem de fumo.

Sampaio tinha-o escutado até ao fim com as pernas encruzadas, o cotovello esquerdo sobre o joelho e a barba sobre a mão. Quando elle acabou, ergue a cabeça, levou a mão ao chapéu que tombou um quasi nadinha para traz, e pôz-se a olhar muito attento para Honorato.

Este continuou, franzindo a testa:

— É celebre!... Se um demonio podesse pa-recer-se com um anjo, havia de dizer... E que tenho eu que seja ou não seja, que se pareça ou não pareça?... Anda d'ahi, João, vem girar.

E por um movimento nervoso levantou-se, trazendo comsigo o companheiro, e ambos continuaram no passeio.

João Luiz de Sampaio caminhava cabisbaixo, calado e meditabundo. Passados alguns instantes, começou como em continuação de cogitações intimas:

— Tens estado hoje muito bom, Honorato: tens fallado ricamente, dito mesmo bocadinhos d'ouro. Não te despeças d'essa linguagem, que te acredita. Se podesse crer que o cynismo é mais do que um desejo, uma aspiração do crime, dir-te-hia cynico.

— Pois enganavas-te, meu caro, desgraçadamente. Demos mais algum tempo, e talvez lá chegue. Porora, quando muito, estou indifferente. E tambem te digo que se o cynismo fosse cousa que se comprasse, dava de boamente metade da vida por elle.

— Quer dizer que davas metade da vida por tocar o ultimo extremo de degradação a que um homem pôde chegar.

Tudo isso é excellente, magnifico.

— Outro engano da tua parte. O cynismo tam longe está de ser o ultimo periodo de degradação, que é o estado habitual das sumidades sociaes.

Aquelle argumento não tinha réplica.

Sampaio calou-se. O nosso irmão de alem mar accressentou:

— Sabes tu o que é estar cynico? É rir sem remorsos sobre toda a vida espirital; é esmagar debaixo dos pés, sem nos doer, o passado inteiro, e sobre as ruinas da consciencia adormecer descuidado; é ter força para ver d'olhos enxutos as injustiças cruas, as torpes vilezas de meia duzia d'agiotas, que tomaram a si o governo do mundo; é encarar o futuro sem tremer, sem que inquietações nos venham atormentar! Já vês que tem grandes vantagens o cynismo! Mas a que vem agora tudo isso? Mudemos de rumo. Que rico dia que está hoje!

— Tens razão, Honorato. Admiremos o tempo e deixemos correr o mundo.

A conversação passou a futilidades, e cada um procurou esquecer o que tinha havido.

CAPITULO II

Uma como ha muitas

E a qual desses amantes de um momento
Seu fado escuro importa?

A. HERCULANO

Nós, tu, leitor, e eu, que não somos tam indifferentes como o senhor Honorato, vamos ver para onde vae aquella mulher, que, apesar de tudo, tambem é filha de Deus.

A mais candida das minhas leitoras pôde vir

tambem comnosco, que não ha de ter de que envergonhar-se.

Se formos depresso, ainda a encontramos a entrar n'uma casa de modesta apparencia, para não dizer outra cousa, na rua de S. Jeronymo, mesmo na esquina que volta para a viella, beco, travessa, ou o que quizerem, menos rua do Coto-vello.

Subiu o primeiro lanço de escadas, abriu uma porta á direita, e eil-a em sua casa.

A mulher, em geral, tem uma propensão innata para o aceio e conchego domestico, que não perde ainda no charco de depravação, para onde nos divertimos de atirar com ella nos nossos momentos de enôjo. Ha excepções; tão vergonhosas, porem, como raras.

Entrae em qualquer casebre d'uma d'essas infelizes que a nossa virtuosa sociedade despreza e avilta, e reconheceréis commigo o que acabo de dizer-vos.

Ahi não haverá senão uma bilha com agua e umas palhas podres: mas a bilha ha de estar a um canto, as palhas juntas, e o chão, embora terreo, estará varrido.

E esse aceio, e esse arranjo é ainda uma revelação natural de que para mais subidos destinos, para misteres mais uteis e proveitosos, que não para ludibrio de nossas paixões, creara Deus um ente tam ricamente dotado.

Se eivado não estiverdes do escrupulo social, se as reflexões que acabo de fazer vos occorrerem, e com ellas vos calar n'alma o dó e a compaixão, dignai-vos manifestar á pobre dona d'essa casa, de qualquer modo que seja, que vos agrada aquelle arranjo, e de contentamento puro vel-a-heis sorrir-vos, e com a vossa approvação dar-se por bem paga.

A casa onde entrou a nossa heroína era das melhores no seu genero. Tinha tido antes do marquez de Pombal vidraças nas janellas, cujos caixilhos ainda lá existiam; mas o desastroso terremoto havia-lhes feito os vidros em estilhaços, e pela grande razão de economia preventiva, entendera o senhorio que melhor era substitui-los com papel pardo untado de azeite.

Talvez tivessem sido brancas as paredes; mas ninguem tal o diria, encrustadas como estavam de fumo e humidade.

O solho era uma calçada de madeira de diversas qualidades, que debaixo escondia o pavimento primitivo, como que envergonhado de sua idade avançada.

Toda a mobilia, isto é, uma enxerga rachitica sôbre dois bancos carunchosos, uma mesa de tres pés e meio, duas cadeiras velhas e um lavatorio azul, deixava perceber que a fome bastas vezes tinha por alli morada certa.

Havia ainda mais dois trastes que merecem honrosa menção no inventario—o espelho, e um Crucifixo, que estava sobre a tal mesa quasi quadrupede, coberto com uma cortina de gaze.

O primeiro denunciava a mulher com todas as suas vaidades, garridices e bagatellas; o segundo a Magdalena com todas as suas lagrimas, dôres e arrependimentos.

O espelho e o Crucifixo eram uma antithese, 'naquella casa,

Vejamos agora a inquilina desta morada—typo.

Apenas entrara havia ella fechado a porta, e sentou-se, ou, antes, deixou-se cahir n'uma cadeira, que rangeu confrangida, mas ainda se susteve.

Deixou pender a cabeça sobre o peito, e assim se conservou alguns minutos.

Lagrimas a lio lhe escorregavam pelas faces desbotadas, e iam sumir-se na camisinha do seio.

Depois ergueu-se, tirou o capote, mirou-se um instante ao espelho, e parece que lhe tocou um vislumbre de satisfação. Mas foi um relampago.

Era uma mulher que devêra ter sido muito bella, a julgar por alguns traços, que o vicio ainda não tinha apagado de todo.

Era alta, bem talhada, e d'uma regularidade de feições não vulgar. Tinha olhos pretos, bellos, bem que um pouco amortecidos, bôcca pequena e dentes de jaspe.

Teria os seus vinte e quatro para vinte e cinco annos, e representava ter mais, e bem mais de trinta.

Quanto se sabia d'ella é que se chamava Olympia, morava ali havia quasi um mez, e não estava ainda despicienda.

E tambem ninguem se importava com mais nada.

Que ella houvesse sahido da ultima classe popular, ou que tivesse cahido d'uma posição superior; que a falta de educação, deixando livres os instinctos animaes lhe preparasse aquelle viver, ou que desastrosa necessidade a tivesse impellido ao abysmo; que o seu rit estouvado fosse verdadeiro e real ou mentiroso e apparente, e só um remedio forçado para afugentar recordações d'outras eras; que a entrada para o crime houvesse sido desmoralisação prematura, consequencia de uma educação negativa, ou fome e lagrimas que o mundo escarneceu; nada d'isso passava pela idéa indagar a quem entrava em casa d'essa infeliz.

O que se queria era que risse e se mostrasse satisfeita, alegre e contente num momento dado; o mais, passado e futuro, pouco lhe importava.

E o passado talvez contivesse uma tragedia bem pungente!

E o futuro?..

Esse todos o sabem... Uma enxerga por caridade num hospital, e depois uma gargalhada sôbre o cadaver!

Olympia tinha pensado n'isso mais de uma vez, e bem quizera fugir-lhe.

Propôz-se firmemente mudar de vida e pediu trabalho: mas quem lhe daria que fazer, a ella, pobre, desconhecida e desacreditada?

Tres dias fecho a sua porta á deshonra, e a fome correu prestes a tomar-lhe o logar.

Nem por isso amaldiçoou os homens. Deixou-se

de utopias e continuou a trilhar a senda que lhe dava pão.

Por uma reacção necessaria trabalhou d'ahi em diante por apagar os ultimos reflexos de consciencia que ainda lhe restavam, ja agora inuteis, e só tractou de embrenhar-se no embrutecimento, e arrojarse, impunhando a taça das bachanaes, na embriaguez do vicio, até ir perder-se no turbilhão de infamias, onde delinham tantas desgraçadas como ella, a que a sociedade chama — *as suas fezes!*..

E estamos no seculo das luzes, e dizemo-nos um povo civilisado!!

Pobre civilisação, como andas degradada e mesquinha no pensar d'essa gente! Não podendo elevar-se a toda a altura da ideia, que condemna o vicio e acolhe o criminoso, tentam rebaixal-a ao nivel da sua pequenez presumpçosa e ridicula, que insulta o criminoso e pratica o vicio!

Dancemos a polka, e viva o progresso!—como dizia Almeida Garrett.

Como iamoz dizendo, Olympia entrou para casa muito triste, e depois de olhar para o espelho pareceu ficar melhor.

Pois é cousa de que a visinhança não se lembrava, o vel-a triste.

Seria que o remorso lhe tornasse a mostrar o fundo negro do seu abysmo, para novamente a tentar para o arrendimento?

Duvido.

O que era mais provavel, é que estivesse ainda em jejum, e a bolsa com o fundo para o ar.

Depois que tirou o capote, foi á gaveta da mesa, abriu uma caixa de papelão, já muito estragada, e ficou-se a olhar para o quer que era que tinha dentro por largo tempo

O seio arfava-lhe com precipitação, as lagrimas corriam como punhos pela cara abaixo, parecia soffrir immenso, e apezar d'isso não tirava os olhos da caixinha. Prendia-a um incantamento irresistivel.

Bateram á porta.

Olympia estremeceu, como se tivesse acordado d'um sonho.

Fechou á pressa a gaveta, limpou a cara, compôz o semblante e appresentou-se que parecia nadando em contentamento. Eram-lhe facéis aquellas transfigurações que muita vez lhe tinham matado a fome.

Abriu a porta.

Era a servente, especie de planta parasita, exclusiva de Coimbra, inimitavel no seu genero; aggregado necessario de estudantes e mulheres de má vida, de quem foram, as mais das vezes, antecessoras no mister; typo requintado de impudencia, grosseria, estupidez, e muita cousa mais, que daria materia a largas dissertações de fisiologista curioso e em disponibilidade.

A senhora Joaquina era uma mulher alta e esmagriçada, com a classica rodilha assente na cabeça e um cesto no braço.

Entrou sem mais cerimonia, deu os bons dias a Olympia, e foi pouzar o cesto a um canto.

Tomou depois uma enorme pitada de simonte, sorveu-a com toda a pachorra, e perguntou a final:

— Ha de querer alguma cousa da praça, menina?

Olympia suspirou e respondeu:

— Hoje não, senhora Joaquina; obrigada.

A servente estranhou a resposta e olhou para ella. Estranhou-a tambem, e perguntou com interesse:

— Que tem a menina hoje?

— Nada.

Naquelle tempo ainda não eram moda os calimbargos, e que o fossem, o senhora Joaquina era a menos competente para perceber que Olympia fallava verdade, mentindo. Continuou, pois na melhor boa fé do mundo:

— Mas está tão triste?

— Eu ... triste?! quem se lembra de tal?!

E tentou um sorriso. Que importou? A servente não se illudiu.

Bem dizia o Bocage:

« Os labios mentem

« Os olhos não.

— Eu bem vejo que a menina não está boa...

— proseguiu ella. Mas seja la o que fôr. Eu não sou curiosa. Quer a meniua saber uma cousa? A Rosita do senhor doutor, pôl-a elle no meio da rua, sem mais nem mais.

— Qual Rosita?

— Nem a menina agora conhece outra cousa... Aquella rapariga que morava lá em baixo, e tinha uma venda...

— Ah! ja sei. E elle deu-lhe alguma coisa, ao menos?

— Dar!.. só se fosse com a bengala; disse a senhora Joaquina em tom de mofa; e depois, encrespando o sobrolho, ajuntou:

— E fazia-o, se a pobresita não foge tam depressa; o patife, pedaço d'um bregeiro, que é o que elle é. Mas antes isso. Que lhe podia elle dar, que não fosse mais um insulto? Pagar a deshonra com dinheiro é ao crime juntar o escarneo. Se eu vestisse calças assim como visto saias, eu o ensinaria a seduzir raparigas, e depois atirar para ahi com ellas como quem atira com um prato á rua.

— Coitadita da pequena! Mas isso não podia ser assim: elle não a puuha fóra sem ter razão. Alguma lhe pregou ella...

A servente soltou uma gargalhada convulsa e sardonica, como só no inferno ririam as furias, se no inferno houvesse riso, e respondeu com voz cava:

— Razão?.. Para elles a unica razão é o fastio. Olhe, menina Olympia, a razão sci-a eu, mas não lh'a digo...

Olympia sorriu tristemente. De mais o sabia ella. Estava-a, porem, interessando a linguagem da servente, e para a ouvir, continuou:

—Mas, senhora Joaquina, parece-lhe crível que um homem educado, que occupa um brilhante lugar na sociedade, se exponha assim ao descredito e ao stigma de quem o conhece, sem ter tido um motivo forte, e bem forte, que o levasse a tania-nha velhacaria?

—O que me parece não sei... O que sei é que quem não tem vergonha todo o mundo é seu. Que se importa quem o conhece com cousas d'essas? A esta hora já toda a cidade o sabe, e elle não só passeia desassombrado, senão que continúa do mesmo modo, e talvez com mais agrado, a ser recebido e visitado pelos seus amigos, que ainda em cima lhe dão os parabens!

—E a mãe?

—A mãe esteve quasi a morrer de desgosto quando lh'a roubaram e mais de oito dias nem soube onde ella parava: mas agora já se ia resignando. Que lhe havia ella de fazer?!

Calou-se a senhora Joaquina, e Olympia meditou por alguns instantes.

—E não terá remorsos esse homem?—murmurou ella.

—Remorsos!.. Para ter remorsos é preciso ter consciencia e temor de Deus: e quem tem consciencia e temor de Deus não vae assim arrancar ao seio d'uma familia uma donzella, só porque lhe agrada, para lhe estampar na fronte o sello da infamia e deixal-a depois desamparada á beira d'um abysmo porque o seu appetite desgastado lhe requer sempre fazenda nova em folha!

—E então que ha de ella agora fazer?

A senhora Joaquina embatucou. Nem era para menos. Naquelle caso não sei o que responderia o grande luminaria da moral, o sabio, prudente e antigo Larraga, sem comprometter os seus principios.

A boa da mulher contentou-se com anathematisar com a auctoridade com que fungava... o seu simonte todos os capas-pretas, e quantos á sombra d'elles fazem diabruras d'aquellas.

—A minha pena é não ser eu homem, menina — continuou ella com os punhos fechados e os olhos a faiscarem: — que se o fosse, elle tinha a estas horas os ossos num feixe e a alma no inferno. Só assim fartava a minha raiva. Pobre pequena!

Não quer nada, não? Pois então fique-se com Nossa Senhora, e até logo se Deus quizer.

A servente sahio, e Olympia tornou a fechar a porta e foi sentar-se ao pé da mesa. Sobre ella firmou os cotovellos e a cara sobre as mãos, e assim esteve por algum tempo.

Depois cabiu de joelhos em frente do Crucifixo e orou com fervor por largo espaço.

Quando se ergueu, parecia perfeitamente socogada: só lhe brilhavam os olhos com fulgor extraordinario.

Sentou-se novamente, e começou a escrever com frenetica rapidez.

Era noite quando largou a penna.

Abriu um pouco a janella, olhou de relance para o ceu, onde algumas estrellas já vinham apparecendo, e foi sentar-se sobre a cama murmurando uma palavra:

— Finalmente!..

(Continua)

J. SIMÕES FERREIRA

O HOMEM DE ALLEIA

(abortosinho de um romance)

I

Dizes que é.....casta abjecta
Fructo d'inxertos vis... irral! tu mentes!
Vae-lhe ver os papeis! são descendentes
Do solar de Hidalcao por linha recta!
BÓCAGE

O heroe da minha historia chama-se Francisco... e é parvo!..

Este começo já promette e muito!..

Com effeito, pelo que respeita a chamar-se o heroe Francisco, não vejo n'isso o menor inconveniente! Não tem havido muitos Franciscos, que têm sido uns grandes heroes? Não é Francisco o imperador de Austria? não o era tambem o rei de Napoles?... Não nos apresenta o *Flos-sanctorum* e o calendario das folhinhas e almanacks tantos Franciscos, sanctos de pólpá, com os sobrenomes de Caraciolo, Xavier, de Sales, de Assis, de Paula ou de Borja? que admira pois que o meu heroe seja Francisco?

Agora em quanto ao ser parvo, leitor, não cuidas que é isso mau para elle... não por certo! parvos são os pobres de espirito e delle é o reino do céu... assim pois certissima tem o meu Francisco a bemaventuranca... e falta-lhe só conquistar o reino da terra!... o que tambem não é muito difficil aos parvos!

Assim pois, leitor pio e benevolo (que talvez nem benevolo sejas, nem pio!) vou-te apresentar o homem da minha historia.

Francisco presta culto ao genio tutelar das bagatellas, cujo reino o immortal author do *Hyssope* collocou. — «*Nos vastos intermundios de Epicuro.*»

Francisco só de vaidades se alimenta, gaba-se quando o não gabam (e n'isto se parece elle com muita gente boa!); ama os aromas de lisongeiro incenso, e, com protectoral amor, retribue alheios encomios! Adora todas as mulheres e nenhuma jámais o amou! é satyro nos seus ardores e quer fingir de Adonis; não sabe occultar os seus affectos e dirige a todas taes requebros, que, a não gelarem a chamma do peito mais ardente, fariam rebentar de riso os labios mais sisudos!..

Não me pergunteis, leitores, pelo seu appellido! Eu podéra buscar-lhe um nome de familia euphonico, illustre e retumbante!.. podéra fazel-o descender de um «Albuquerque terribil, Cas-

tro forte e outros em que poder não teve a morte»: podéra dar-lhe um brasão onde por timbre se visse um leão rompante ou aguja armada de ouro!! Mas o que lucraria com isso o meu romance? Não pôde o meu heroe calçar alto cothurno, embora seja nascido em berço humilde e emballado pelas mãos do povo? Quem dissera ao marinheiro Edmundo Dantés que chegaria a ser Conde de Monte-Christo, depois do salto mortal que deu no Castello de If, dentro do funereo sacco (em cuja possibilidade nem eu nem o leitor acreditamos)? Quem dissera a Jacques Artevelle, o fabricante de cerveja, que viria a ser rei de Flandres; ou a Murat, o soldado de Napoleão, que chegaria a rei de Napoles?... quem ao proprio Bonaparte... ao artilheiro de Toulon, prognosticaria que o esperava o throno da França e quasi o sceptro de toda a Europa?... (e lá n'isso creio eu e o leitor, que uma vez compulsou a historia verdadeira, severa e impeccavel — ás vezes)!!...

Ora pois, e á vista d'isto, acredite quem se dêr ao instructivo trabalho de lèr esta monstruosidade philosophica do romanticismo, que o meu heroe recebeu o ser de um pae honesto, mas pobre... honrado, mas descendente desse grande gigante, a que se chama — *povo* — que por indolencia já quasi sempre deitado, soffrendo paciente as offensas com que o martyrisam, mas que se ás vezes acaso se ergue de pé então mostra bem frisantemente a força collossal do seu herculeo poderio...

N'estas circumstancias mal quadrára ao meu heroe um appellido que tivesse cabida na nobiliarchia...

Fique pois o homem só Francisco, que eu tambem aqui ficarei em quanto ao capitulo primeiro d'esta muito verdadeira historia, que em veracidade e bom gosto sobreleva a da carochinha.

II

E finalmente depois

.....
Entrou na patria vaidoso
C'o sello das suas cartas.
MALHÃO.

O immortal, cantor de Adosinda e D. Branca quasi não escreveu cousa, em que não figurassem frades! e como poderia deixar de ser assim se elle descrevia as scenas do tempo em que vivia, onde os frades eram mais frequentes do que os habitos de Christo na cõrte do Brasil, quando lá esteve o nosso rei D. João VI; ou do que os bachareis formados o são n'este nosso tempo em que vivemos? O proprio Garrett dá algures esta desculpa da tanta superabundancia de frades, que se encontra nas suas obras... que não é lá qualquer cousa! n'algumas chegam até a figurar conventos inteiros!

Ora como deixarei eu de introduzir n'esta e em todas quantas chronicas escrever, pelo me-

nos a sua meia duzia de bachareis, se elles tanto abundam n'este, cada vez com mais justa razão, chamado o grande seculo das luzes?...

Irá pois aqui figurar um bacharel formado... que assim o manda a veracidade dos factos, e assim o revela o seguinte dialogo, que entre Francisco e seu pae se dava uma bella tarde de verão.

— Anda cá, rapaz! tu queres-te formar?

— Quero, sim senhor!

«Ut post formatus doctor foret honra parentum», dizia o author do Palito metrico.

— E estás decidido a estudar?

— Como um bruto, meu pae! — respondia o caloiro em perspectiva.

Esta resposta agradou ao velho, que, virando as costas a seu filho, ia a resmungar por entre dentes:

— O rapaz é fino!... mostra talento e vontade: toca a fazel-o homem de letras!

Desde esse dia começaram os esforços do bom do homem a convergirem todos nos meios empregados para levar o seu Francisco á cathedra de Doutor.

Em fins de Setembro do anno da graça de 184... e tantos, beijava, entre soluços, Francisco a mão de sua mãe, e bifurcado na azemola classica, cuja só espinha ao ver-se «*cortabat fios almae*», partia para a terra historica dos palitos e das tigelinhas de manjar-branco, saudoso das patrias batatas e dos feijões amigos de infancia.

Seu pae dissera-lhe á despedida:

— Rapaz! Sabes os sacrificios que faço para te mandar para Coimbra? vou-me limitar a comer todo o anno treplos e espigos (assim se chama na Beira, donde era o meu heroe, aos grelos de nabo e de couve) só para juntar algum vintem para te mandar! Por isso é preciso trabalhares para seres homem!

Asneira!.. que a esse tempo já o nosso Francisco era homem, que até namoriscava as cachopas na fonte: nem consta que ninguém fosse a Coimbra para mudar de sexo e fazer-se homem!

Mas, admittindo a phrase consagrada pelo uso, prosigamos...

Farei tudo isso meu pae, e ate hei de ser premiado! — respondeu Francisco com as lagrimas de separação a borbuharem-lhe.

Aqui tambem os olhos do pae se arrasaram de agua, e eu e o leitor, por não chorarmos tambem ao ver tão tocante scena, desviámo-nos um pouco, deixámos partir o caloiro, e vamol-o encontrar, tres dias depois, em Coimbra.

O rapaz matriculou-se e estudou a ponto que, com o seu limitado talento, alcançou nõ fim do anno um *accessit*... Logo que tal mandou dizer para a terra o pae habou-se de gosto; a mãe quasi teve um faniquito, e correu logo á janella a chamar a primeira pessoa que passava na rua, que por infelicidade era um barbeiro, para lhe dizer que o seu filho tinha apanhado um *accescimo* em Coimbra; ao que o erudito filho espurio de Es-

culapio respondeu muito prompto, que para *acrescimos* o melhor era quina!...

Francisco veio a ferias, Francisco voltou para Coimbra... tornou a vir, tornou a voltar, e no fim de cinco annos era doutor, sem que a sua vida academica offerecesse nada de notavel; porque elle foi d'aquelles que, na sua carreira litteraria, nascem, vegetam, e morrem quasi inglorios!...

Eil-o, pois, na sua terra... elle que sahira humilde e pequenino, que só ás bellezas de calcanhar rachado podia offerecer os seus requêbros... eil-o agora bacharel formado; vaidoso só da lata das suas cartas, que trazia a tiracolo, pendente de bellos cordões escarlates; authorisado de continuo a apontar para a sua gravata lavada, quando d'antes, ao pescoço, só usava o triste marotinho azul; e podendo entrar nos circulos da melhor sociedade da sua terra e vomitar ahi nauseabundas finezas a todas as madamas!...

(Continua) B.

PRANTO NO MAR

Bem vindas, minhas lagrimas, bem vindas!
Precisava de vós, tardaveis tanto!...

A. F. CASTILHO.

Sôbre as ondas orgulhosas,
Que se arremessam vaidosas
Contra os rochedos erguidos,
Vai meu pranto misturar-te,
Vai á corrente juntar-te,
Vai escutar-lhe os rugidos:

Vai, que ninguém adivinha
O tormento que definha
Nest'hora o meu coração;
Que a minha dôr vive occulta,
Como lagrima sepulta
Das aguas no turbilhão;

Que a turba surri e passa,
Sem reparar na desgraça
Que esse sorriso causou;
Que o mundo corre zombando,
Com sarcasmos insultando
Quem d'ha muito o desprezou!

Ninguém sabe quando eu scismo,
Quando sosinha me abysmo
Em secreto padecer!
Que, em apparentes folguedos,
Do meu soffrer os segredos
Poucos sabem comprehendêr!

Quantas vezes eu sorrindo,
Mil alegrias fingindo,
Quero sómente chorar!
...E lá entre a sociedade.

Invejam-me a f'lecidade,
Desejam como eu gozar!!!

Corre, meu pranto, não temas;
Que rijas, feras algemas
Não podem prender-te agora;
Que o furacão que alem grita,
A corrente que se agita
Nunca dirão — ella chora!!

Do mar os roucos accentos
Nunca dirão os lamentos
Que junto delle soltei!
Que elle, o soberbo gigante,
Jámais parou um instante
A saber por que chorei!!

Que elle, incessante bramindo,
Vai ávante proseguindo
No fado que o céu lhe deu!
Do seu abysmo profundo
Com desprezo olha p'r'o mundo,
P'ra quem vive ou quem morreu!

É indifferente... mas calla,
Ouve — escuta — mas não fala,
Não vai dizer o que ouviu!
É feroz, não quer fingir-se;
Mas d'ironia sorrir-se
Da desgraça — ninguém viu!

Por isso, por confidente
D'acerba mágoa pungente,
Que vive em meu coração,
Quero o mar embravecido,
Do vento forte o rugido,
— Por amiga — a solidão — !!

Figueira da Foz, — junto á Montanha do Farol,
9 de Outubro de 1859.

AMELIA JANNY.

EXPEDIENTE

Agradecimento — Aos srs. assignantes, que, sentindo nossas necessidades, nos mandaram pagar e repetir sua assignatara — damos nossos mais sinceros agradecimentos.

Erro — Por descuido — deixámos publicar o n.º 19 d'este jornal datado de Julho. Os n.ºs 15 a 18 — foram datados de Maio e Junho, em vez de Novembro e Dezembro, por pertencerem a um trimestre, cuja importancia já havíamos recebido.

PRELUDIOS - LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

EMILIA

Continuado do n.º 20

CAPITULO III

Uma como ha poucas

É uma d'essas raras mulheres que enchem o coração de ternura e a cabeça de orgulho.

C. CASTELLO-BRANGO

Alguns annos antes da epocha a que se referem os acontecimentos da nossa historia vivia no Rio de Janeiro um respeitavel ancião com uma filha unica, fructo de virtuosa esposa que chorava perdida.

Bemquisto de quem o conhecia, rodeado de respeito e attensões que lhe grangearam suas virtudes, tanto moraes como sociaes, o senhor José Moniz de Figueiredo disfructava uma ditosa e tranquilla velhice, que só é dada em premio do concerto da mocidade, e bendizia a Providencia que lhe havia dado um anjo para velar carinhosamente a seu lado, e na hora inefavel do passamento lhe apontar para Deus na eternidade, e cerrar depois, piedosa, as palpebras já sem vida.

Asua filha era o seu encanto, o enlevo de seus olhos, o sol que lhe aquecia os ultimos dias da vida.

Era gosto ouvir o ancião quando fallava da sua Emilia. Não havia epitheto de carinho, affecto e ternura que lhe não desse o bom do pae.

Os seus extremos para ella não tinham medida. Amava em sua filha o espirito do Deus de bondade, que com tal mimo lhe adoçara os amargores da velhice, e a imagem da sua bem amada que lá do céu lhe sorria atravez de indizível saudade.

Não tinha poupado cuidados ou diligencias para dar-lhe uma brilhante educação; tinha-a visto medrar em saber sem desmerecer um til da angelica innocencia que a caracterisava, e agora revia-se nella com uma doce satisfação, com um gozo e contentamento intimos, que só um pae sabe sentir.

O unico mal que temia era perder a companhia de sua querida filha. Era este receio que aguava em certo modo a sua felicidade, que perfeita não ha nesta vida. O dia em que se achasse no mundo sem ella, era a vespera da sua morte.

Emilia tambem, pela sua parte, não cedia em ternura ao auctor de seus dias.

Embalava-lhe a vida em amorosa sollicitude nunca desmentida, que se traduzia na desvelada constancia com que lhe procurava todas as comodidades possiveis; no estremecimento de coração com que lhe adivinhava e prevenia os mais insignificantes desejos; na condescendencia, tam grata aos velhos, com que lhe satisfazia os caprichos mais pueris; numa palavra, em todas essas mil delicadezas subteis do carinho feminino, que são um segredo exclusivo das mulheres, e fazem desta vida um paraizo de venturas celestes.

De manhã era ella quem primeiro lhe vinha dar os bons dias; quem lhe abria as janellas do quarto; quem lhe perguntava, com aquella voz tam meiga, se estava bom, se tinha passado bem a noite; quem lhe ministrava por sua mão um cordial mimoso e substancial que nunca lhe esquecia; quem depois ao almoço vinha ainda fazer-lhe companhia.

Ao jantar sempre lhe havia de ter prompto algum acepipe predilecto, alguma surpresa de gosto e delicadeza, que ordinariamente preparava ella mesma.

Todos os dias á noite rezavam juntos por alma do ente saudoso, cujos carinhos ambos haviam perdido, e quando o anjo dos sonhos lhe vinha cerrar as palpebras, era a voz de Emilia invocando o nome de sua mãe o ultimo accento que o senhor José escutava.

Deste modo esta mutua correspondencia de dozes affectos, de ternas e innocentes meiguices, de carinhos e desvelos tinha identificado as duas existencias e creado uma necessidade de viverem um para o outro, que já nada podia destruir sem comprometter a vida ou saude de qualquer dos dois.

Linda como a estrella da manhã, meiga como a rolinha da selva, mimosa e delicada como a bonina do prado, pura e candida como o anjo da graça, Emilia era não só o encanto de seu pae,

senão também a boa fada de quem tinha a ventura de a conhecer.

Nunca desgraçado se lhe chegara, que lhe não mimorasse ella o padecer. Dia em que não houvesse sido allivio a dores extranhas já o não passava contente.

Viam-na os mancebos, e admiravam-na, que a mais se não atreviam. Parece que exhalava de si um perfume de innocencia tam puro e celeste, que esvahiia pensamentos profanos.

E, todavia, Emilia nada tinha de agreste. Ninguém mais tractavel. As suas fallas eram do mesmo bom agrado para todos, o seu sorriso não se recusava a ninguém. Não precisava resguardar a sua virtude, falso colorido de um falso pudor; a sua consciencia innocente nem lhe deixava adivinhar a possibilidade de um desaeato. Parece que a toda a gente mettia no coração, que a todos captivava a sua affabilidade.

A sua conversação era rica, variada e fluente, mas simples e sem affectação; revelava um espirito são e cultivado, que prendia irresistivelmente as sympathias, sem esforço, sem mesmo intenção da parte d'ella. As suas graças eram todas naturaes, e 'nisso estava o segredo da sua força.

Não se ataviava com arrebiques, desconhecia as pomadas e os perfumes, e por isso a sua belleza brilhava singela, e era de arrebatár.

Estaria, porem, o seu coração ainda adormecido, virgem ainda de outro sentimento, que não fosse a amizade de seu pae? Nos seus sonhos de vinte annos não haveria uma imagem feitiçeira que lhe apontasse risonha para outra vida de venturas desconhecidas?

Havia, havia. E qual é o coração de mulher onde as não ha?

'Naquelle tempo... não sei.

Hoje, ainda ao collo da ama, já ellas lhes veem fazer festinhas, prometter bolinhos, bonecas e casamento; palavra magica, que as nossas meninas já comprehendem por uma antecipação admiravel, maravilha do nosso seculo, e lhes faz dar pulinhos de contentamento, bater as palminhas e agitar com delirio a roquinha de lata.

Appello para a consciencia das minhas bellas leitoras, e até as despenso de o confessar de rijo, que lhes não quero ver de carmin os rostinhos feitiçeiros.

Em Emilia, porem, essa imagem era apenas uma aspiração poetica, um devaneo de donzella, talvez uma recordação, mas d'ahi não passava.

Se em lindas noites de maio a lua, sorrindo-lhe com meiguice, lhe surprehendia um suspiro mais ardente, envolto fugia nas auras da noite, e só Deus poderia testificar que o coração nessa hora lhe batia mais forte.

As vezes, nas noites vagarosas do inverno, esquecia horas e horas a contemplar o céu scintillando de estrellas ás mil, a espraiair a vista ao largo nesse espaço sem limites, elevado até ao

infinito como o seu pensamento, puro como a sua alma de archanjo: de repente sentia-se estremecer, uma lagrima de fogo lhe vinha escaldar a face, e fugia, fugia sem saber de que, com o rosto escondido entre as mãos, a buscar repouso e socego aos braços do pae.

Era então de ver como o olhava terna e melancholica, como entre as suas abrazadas lhe apertava as mãos já enrugadas e frias.

Os pensamentos, porem, que em momentos d'esses lhe esvoaçavam na mente, nunca a ninguém os dissera. Occultava-os com empenho na fibra mais recondita do seu coração de virgem, e nem a si mesma ousava formulal-os em voz baixa.

Tinha resolvido dedicar-se inteira ao auctor de seus dias, com elle viver só, e por isso não alentava amor inutil.

Nunca se perdoaria a louca vaidade de um ephemero galanteio, e de casamento não tinha tenção nem lembrança em quanto visesse seu pae.

Outros eram, todavia, os pensamentos do senhor José Moniz de Figueiredo.

Os annos iam-lhe pesando; lembrava-se que não podia já demorar muito por esta terra de desferro, e desacompanhada lhe ficava 'numa idade perigosa a filha que idolatrava. Cuidava, pois, em deixar-lhe arrimo seguro, um esteio firme que á sua sombra protegesse do sopro ardente das paixões aquella planta fragil e mimosa.

Em breve a Providencia, que pelos seus vela, lhe preparou ensejo facil de realisar o seu plano. Um amigo seu, homem já de idade séria, veio, quando menos o pensava, pedir-lhe a filha em casamento.

— Mas haveis de viver em minha casa.

— Não ha duvida nenhuma nisso.

— Pois então...

Abraçaram-se os dois, e o futuro de Emilia ficou, desde logo, assegurado.

Contente ficou o senhor Figueiredo, que assim via dar fim a seus cuidados. Nem se apartava mais da sua querida filha, nem ella corria risco de ficar a sós no mundo. Todos os interesses se harmonisavam, todos os receios punham termo, realisavam-se todas as esperanças e ambições de felicidade. Amanhecia-lhe no horisonte a aurora de um novo dia, que vinha desfazer inteiramente as nuvens do seu porvir.

Restava consultar a vontade da filha; mas parece que não podia ella reguitar, senão acceitar com jubilo, proposta tam vantajosa, e tanto do agrado de quem mais estimava no mundo.

Estava o pae tam convencido d'isso, que mais como participação de boa nova do que como consulta disse-lhe um dia que a tinha promettido em casamento, e que muito era do seu empenho vel-a receber com satisfacção o esposo que lhe destinára, a todos os respeitoos digno de consideração e estima.

Bem ao contrario, porem, do que mais era de suppor, Emilia desmaiou até á pallidez, e duas

lagrimas rebentaram espontaneas, antes que a sua vontade podesse reprimir-as.

O ancião ficou surprehendido, que não atinava com o motivo de tal cousa. A caprichos de donzella a attribuiu, e, para combatel-os, exaltou-lhe a necessidade e vantagens d'aquelle casamento.

Passado o primeiro sobresalto, Emilia pediu algum tempo de espera para, dizia ella, se costumar a essa idea. Passaram, porem, oito, quinze e vinte dias, e a sua indecisão não era menor.

Pae extremo e prudente, não queria o senhor Figueiredo impor-lhe vontade, e valer-se da sua authority para arrancar um consentimento forçado, que iria levar para sempre a infelicidade a uma vida que tanto prezava: mas por outro lado bastante o magoava deixar pela primeira vez a sua palavra sem cumprimento, e malograr-se tambem uma união tam vantajosa por qualquer ponto de vista sob que se encarasse.

Pelo que diz respeito a Emilia, alguma cousa havia, e não de pouco momento seria ella, que a embaraçava de acolher de boamente a vontade de seu pae, que tanto respeitava, e, ainda a custo de algum sacrificio, realisar os seus desejos.

Bem via que aquella irresolução havia necessariamente de acabar mais cedo ou mais tarde, e, ou acceitava e ia sujeitar-se a um viver para onde o coração lhe repugnava, ou não acceitava e ia dar desgosto ao bom do ancião, a quem devia tanto amor, o que não lhe custava menos.

Bem quizera que cada dia durasse seculos, e ao contrario parecia-lhe que o tempo voava com velocidade cem vezes mais rapida.

Um dia, bem cedo, o senhor Figueiredo mandou-a chamar ao seu quarto. Sentira-se incommodado e não tinha por isso sahido da cama.

Emilia sentiu como que um véu de tristeza envolver-lhe o coração. Um vago presentimento lhe fazia temer aquella entrevista com seu pae. Não obstante isso, não demorou um instante em ir sentar-se-lhe á cabeceira. Beijou-lhe a mão, e esperou silenciosa as suas ordens.

José Moniz de Figueiredo tomou-lhe as mãos entre as suas, achegou-as ao peito, e fitou-a com um olhar indizível de ternura. Viu-a pallida, convulsa e abatida, e arrazaram-se-lhe os olhos de agua.

Emilia olhou-o tambem, e, vendo-o chorar, não poudo mais suster-se. Encostou a fronte á cama e deu curso livre ao pranto.

Seguiu-se prolongado silencio.

(Continua)

J. SIMÕES FERREIRA

Nunca em corações generosos a virtude perde os quilates que teve nos progenitores.

AMADOR ARRAIZ

CANDIDA

(Continuado do n.º 19)

IV

Resignação

O General St.* Barbara errou perdido pelas ruas da cidade todo o resto da noite; logo que amanheceu correu a casa do chefe da policia, homem, que por felicidade era seu conhecido e lhe tinha em tempo devido favores, para saber o que seria feito de Affonso da Costa, filho de um antigo procurador, que morrêra cerca de dezanove annos antes.

Affonso da Costa era creatura, que ninguem conhecia.

Depois de miudas indagações veiu a saber-se, que esse rapaz tinha sido por muito tempo um dos mais assíduos cuidádos da policia. Educado com todo o esmero, filho de um homem tido por todos como verdadeiramente honrado, fôra estudante da Polytechnica; mas, principiando uma carreira distincta nas aulas, terminára por se fazer turbulento, desinquietao e por fim até falsario. Debutára em uma vida cheia de crimes por se entregar ao deboche e embriaguez, e roubára seu pae, subtrahindo-lhe até papeis de importancia, que elle, como procurador, possuia no seu cartorio, fazendo com elles transacções e negocios, que iam comprometendo o depositario d'elles. Passando alternativamente por jogador de profissão, cavalheiro de industria e desordeiro, acabára por ser mettido em um processo sobre notas falsas e firmas contrafeitas, o que tinha feito com que se refugiasse para o Brasil, d'onde não constava ter voltado. D'ahi por deante perdiam-se os seus traços e nada se sabia.

Carlota tendo contado ao General as relações de sua filha com Julio de Vasconcellos, aquelle pôz-se logo em busca d'este novo desconhecido, que não duvidou um momento fosse Affonso da Costa; porém nenhum indicio poudo colher do conductor de sua filha. Carlota levava as cartas de Candida, mas deixava-as em uma loja, aonde Julio não era conhecido senão por o muito dinheiro, com que pagava aquelle serviço, indo elle mesmo recebê-las e não revelando nunca a sua morada. Depois do desaparecimento de Candida ninguem mais o tinha visto.

O General, no entanto, acabava-se a olhos vistos; ao principio a sua energia fizera-o pôr assim dizer remoçar; mas as infructuosas indagações a que procedia affligiam-no tanto, que ia perdendo uma a uma as forças e esperanças, que o tinham animado naquella sancta excitação.

Cançado e gasto por fim retirou-se ao centro de sua casa e enterrou-se vivo no meio das reliquias de sua filha, julgada para sempre perdida. Principiou a não viver com pessoa alguma, e a

não querer ver ninguém; as suas janellas jamais se abriram, e além dos poucos criados que conservou, ninguém mais penetrou n'aquella casa, que parecia amaldiçoada e deserta.

Seis mezes se tinham passado, e o pobre velho contava apenas por as suas lagrimas os momentos que vivia. Caduco e encanecido aos cincoenta annos, que tantos elle tinha, o seu passado pintava-se-lhe como um sonho, e pedia a hora em que a sua alma podesse despir o involucro de miseria e soffrimento que a prendia, para voar livre ao paiz do repouso eterno. Amarrado sempre á ideia triste de sua filha deshonrada e servindo de instrumento a uma vingança tão vil como miseravel, chorava por ella, e nem a recordação da curta ventura passada, nem a das suas victorias e campanhas bastavam a distrahir-o da agonia que o ralava.

N'este meio tempo Candida não era mais feliz.

Ao acordar na prisão, em que a deixámos desmaiada, olhou em volta de si e achou-se em uma casa descouhecida completamente para ella e alumiada por uma fraca luz.

Que se teria passado? como se achava alli?.. Não se lembrava de cousa alguma.

Fechou os olhos como se acordasse no meio de um sonho mau, tornou a abril-os passado um momento, e pareceu-lhe então ver diante de si Julio com os olhos fitos sôbre ella, um sorriso ironico a errar-lhe nos labios e um rubor afogueado a animar-lhe o pallido das feições. Candida ao ver aquella sombra diante de si fechou os olhos outra vez, passou a mão por a testa e balbuciou:

— Meu Deus... meu Deus, aonde estou eu... que visão!..

Continuou depois a ver a mesma figura escarredora e fria diante d'ella e murmurou ainda:

— Piedade, meu Deus, piedade!..

Tentou erguer-se no sophá, mas as forças abandonaram-na e continuou com voz desfallecida:

— Que visão... que visão infernal... meu Deus!.. onde estou eu?..

— Aonde estás?! interrompeu uma voz que a fez tremer e erguer-se rapidamente: não te diz o coração aonde estás, Candida? não te diz elle que estás ao pé de mim, que te amo tanto?..

— Julio, Julio! exclamou ella, responde, por piedade, como estou eu aqui?.. e meu pae..

— Não o adivinhas, Candida?

— Não, não, Julio... mas dize, que se passou? fala, responde; por alma de minha mãe t'ó peço...

— Tua mãe... atalhou elle ameaçador, tua mãe!.. Oh! tua mãe era uma sancta; não profanes a sua memoria, invocando-a agora. E um rir prolongado fez tremer a desgraçada, que apenas achou forças para perguntar:

— E meu pae?.. quero vel-o, Julio!..

— E quererá elle ver-te, a ti que o abandonaste?

— Oh! quer, sim, quer... meu pae pordoar-nos-ha.

— Enganas-te; elle agora é morto para ti, assim como tu vives só para o nosso amor. Olha: não vês como os nossos paços são alegres, como aqui se respira a felicidade?..

E Julio apontava sorrindo para o pequeno quarto triste e pobremente mobilado. Depois:

— Vamos, continuou elle, porque choras? És uma criança; o teu primeiro amor, o mais sancto, o mais puro por ser o primeiro, foi-te partilhado; porque choras então? Não me tens juncto a ti, não te sentes tão joven e formosa, tão bella e meiga, tão amada e feliz como ha perto de vinte annos conheci tua mãe?..

— Tu, Julio!.. conheceste-a?!...

— Se conheci...

— Então por a memoria d'ella, que não cheguei a conhecer, tem compaixão de mim...

— E queres que te fale n'ella? continuou elle sorrindo: bem vês que sou quasi um velho. não me julgavas tão velho, não?.. e não te horrorisas com os meus quarenta annos?..

— Não, Julio; mas fala-me em minha mãe, tem dó de mim; quero o perdão de meu pae, quero o seu amor, quero ao menos vel-o uma vez...

— Descança; elle sabe a tua sorte. Oh! deve conhecer-me bem...

— A ti?!

— Sim, a mim... hei de contar-te tudo; mas agora tenho de te deixar por um momento: olha, este quarto é o teu palacio. Não deve ser bella a vida passada aqui, sempre aqui, e a sós com o nosso amor?

— Assustas-me... não sei o que queres dizer?

— Que principiou a nossa felicidade, não o adivinhas?.. mas adeus.

— Julio, deixas-me só? queres matar-me?

— Eu?... matar-te?..

— Julio, Julio, piedade!..

Mas elle já a não ouviu; desapareceu por a porta, que se abriu por um momento apenas, e Candida sentiu a chave correr na fechadura por a parte de fóra!

Com uma força sobrenatural correu á porta, abalou-a com a energia da desesperação, gritou com o desespero do susto, mas nem a porta se moveu, nem um echo respondeu ás suas vozes.

Estava definitivamente presa e só!

Ao ver-se assim, uma ancia atroz lhe affogou a alma; quiz chorar, mas não achou uma lagrima; quiz chamar, mas fugira-lhe a voz; quiz mover-se, mas as forças tinham-na abandonado.

Cahi de joelhos, ergueu as mãos e orou, orou por muito tempo com essa oração, que sobe da alma aos pés do Eterno, que não tem palavras que a traduzam, expressões que a possam definir.

Quando se levantou, passado um momento, parece que das suas feições transpirava a tranquillidade e resignação e que um balsamo tinha descido ás suas feridas.

E é assim; o desgraçado, por mais desgraçado e só que se veja no mundo, por mais pesada que sinta

a sua cruz, por mais cruel que se lhe affigure a sua sorte, tem sempre um balsamo inextinguível na oração. Acolhido sob as sanctas azas da religião, vê em tórno adejar-lhe a fé, scintillar-lhe a luz da esperança e, para quem pôde *esperar*, nunca a desgraça se pôde considerar irremediavel.

Candida *esperava* pois, porque accreditava em Deus, e a religião sãra e suavisa as chagas do espirito.

— Principia hoje a minha expiação, exclamou ella por fim, não lavam por ventura as lagrimas?... não pôde o soffrimento remir a culpa?... não é o arrependimento que purifica a alma?... Oh! bem hajas, meu Deus, bem hajas que me quizesse dar a resignação.

(Continúa)

A. F. DE LOUREIRO.

O HOMEM DE ALLEIA

(Continuado do n.º 20)

III

Venha ver qualquer idiota,
Que o destino tornou rico,
Tentar já metter o bico
Onde, reinando a decencia,
Só bebêra a intelligencia.

F. X. DE NOVAES

Effectivamente o bacharelado é para muitos o Potosi dos antigos, ou a California dos modernos!. Para trepar pela escala social como trepa o macaco por longo mastro, vae o agallegado minhoto para o Brasil negociar no branco marfim ou no preto escravo, e de lá regressa á patria mais carregado de contos de réis, do que o ouriço de maçãs; mas o beirão, mais amante de consideração, do que de dinheiro, vae para Coimbra... e forma-se!...

Pelo amor das riquezas deixa aquelle as patrias versas, e este, por amor da sciencia, abandona a amiga broa!...

Isto é natural!... naturalissimo!...
Vê-se todos os dias! nem eu sou de Balzac, posto que muitas vezes desejasse poder, como elle, amarrar os meus heroes ao póste do ridiculo... para depois os zurzir,ahi com o azorrague de uma critica severa e inflexivel!...

É que o meio mais obvio de elevar um protagonista, de o fazer chegar (além da carreira da magistratura — por onde pôde ir até presidente do supremo tribunal de justiça) a administrador de Concelho, a cavalleiro de Christo, ou, para variar, da Conceição; de o habilitar a pretendente de uma cadeira de deputado, de uma farda de Governador Civil, de um titulo de barão... que sei eu!... de uma pasta de ministro, — é começar por dar-lhe o grão de bacharel!

E quando á borla universitaria se ajunta o bar-

rete ecclesiastico?... isto é: quando antes ou depois do baptismo nas aguas lustraes do Mondego, que dão o bacharelado, se conferem ao heroe as sacras ordens de presbytero!.. isso então é que é ouro sôbre azul!.. então é que é vel-o pertender uma pingue abbadia na sua terra! uma cadeira de conego na Sé mais proxima da aldeia natal... uma mitra no ultramar ou mesmo no continente... um barrete cardinalicio no sacro collegio... em fim, um papado sôbre o throno do successor de S. Pedro!..

N'uma palavra! a pedra angular de tão grandes destinos... o germen de tão elevadas distincções futuras é a cousa mais simples e a que todos chegam... é um bacharelado!..

Ora todo este arrasoado trouxe eu aqui para mostrar aos muito benevolos leitores quanto o meu heroe perdeu, renunciando ao sacerdocio, a que, desde a infancia, fôra destinado por seus paes para logo que se formasse.

— E que motivo teve Francisco para assim renunciar á vida ecclesiastica? — pergunta, com interesse, a muito amavel leitora

— Eu digo a V. Ex.ª, minha senhora.

O bom do nosso moço sentira, desde a mais tenra infancia, muito exaltada no coração a sensibilidade para o bello sexo; de modo que o terrivel preceito do celibato, a que a Igreja sujeitou o clero catholico, atterrou-o a tal ponto que por causa d'elle desistiu de ser ministro do Senhor!

Se Francisco houvesse nascido na Grã Bretanha, no seio da igreja anglicana, estava a estas horas padre... mas nascido n'uma pobre aldêa do muito catholico Portugal, forçado ou a renunciar ao sétimo Sacramento por causa do sexto, ou a este por causa d'aquelle... na collisão, não hesitou em decidir-se, e preferiu ás ordens o matrimonio.

E não teria o homem razão?..

Pôde haver maior sacrificio do que abjurar para sempre aos affaveis carinhos da mulher, que Deus fadou para nossa companheira inseparavel nas horas do soffrimento ou do prazer?..

O meu heroe, pois, imbuído na muito natural idéa de que, assim como o pae Adam pedira no paraizo terreal uma companheira ao creador, elle tambem n'este valle de lagrimas pediria a sua Evá á sociedade, resignou gostoso todas as dignidades que lhe poderam trazer essas cerimoniaes solemnes desde a *prima tonsura* até as ordens de presbytero.

— E o caminho das honrarias, que lhe apresentava aberto e seu grão de bacharel, percorreu-o elle? — pergunta ainda a leitora.

— Pelo menos que eu o saiba, minha senhora! Francisco, dominado da sua monomania amatoria, não se serviu das suas cartas de formatura senão como passaporte do seu coração na alfandega do coração das bellas.

É que um doutor sempre impõe na sua terra para ser o idolo das raparigas solteiras.

E o nosso bacharel seria feliz nos seus amores?..

Eentre as bellezas, que adorava, encontraria a sua Eva?

Vel-o-hemos.

(Continua)

IMPRESSÕES

I

A saudade

Longa, contínua Saudade
Ora, doce, ora cruel
Opprime co'a mão de ferro
O meu coração fiel.

A. F. DE CASTILHO — *Amor e Melancolia*

I

Sinto-me definhado por vivissima saudade, pendido para o desalento, como as plantas indefesas, quando as pende o sopro do deserto.

E converso com a natureza, porque ella fallame na minha dor.

Bemaventurado quem á lua, ás estrellas, ao céu, ás plantas diz seus queixumes, porque na natureza — como n'um templo perfumado e suavissimo — a alma desprende-se do soffrimento, para ir depôl-o no infinito das harmonias; e, deixando ao mundo o que é do mundo, voa immaculada na sua essencia á patria da promissão, reino de Deus!

A lua percorria a orbita inalteravel, que lhe marcára o auctor da creação; princeza das noites, o seu brilho empallidecia as estrellas.

E eu disse á lua: «tu que das alturas illumina a terra, e espelhas nos mares a tua face pallida, sabes tu da minha dor?»

Porque eu amo perdidamente; mas a florinha, a que eu dei abrigo na intimidade do meu coração, vive n'outros campos e aspira outros ares; e eu vivo desconsolado, como orphão sem mae.»

E a lua me segredou: «ella vive e suspira por ti.»

E eu disse ás estrellas: «vós, que brilhaes na abobada celeste, como os olhos da Divindade. vós que tudo vedes desde a humilde planta, que ras-teja no pendor das collinas, até o alteroso cedro, que no tope da montanha se ostenta, sabeis vós da minha amada?»

E as estrellas me segredaram: «ella vive e suspira por ti.»

Uma nuvem alvissima caminhava do sul, e eu lhe disse: «tu, que vens dos sitios da minha amada, trazes tu noticias della?»

E a nuvem, baixando dos espaços aereos, me segredou: «ella vive e suspira por ti.»

E minha alma, que era afflicta e oppressa, sentiu-se alliviar pela esperanza de ser correspondida na sua cruel amargura.

Bemaventurado quem diz á natureza suas magoas, porque ella faz baixar do céu uma nuvem diaphana em que se envolve o anjo da consolação para suavisar os infortunios.

II

Quem não vê em sonhos aquella, a quem rendeu a vida?

Oh! quem muito ama vê-se a todas as horas.

Foi sonhando que eu vi o meu anjo.

Passeiava sobre um lago em graciosa cimba, e eu assim acompanhava os seus pensamentos:

« Não me desampares, anjo do céu, entregue aos vendavaes d'um atroz destino; porque tu, mulher dos meus sentimentos, és a deusa da minha religião, a luz do meu espirito, o alento do meu coração, o encanto dos meus olhos, a vida e movimento do meu ser todo.

O teu nome é poderoso talisman que me enfeitiça em cada uma das suas letras magicas; com elle nos labios exporia minha vida para salvar-te.

As tuas palavras são o Evangelho do meu espirito; os teus labios harmoniosas cordas d'uma harpa mysteriosa; a tua voz o canto, que anjos entoam na celeste morada ao receberem as almas bem fadadas para a virtude, teus pensamentos a poesia etherea, inaccessivel e infavel, do bello, só vulgado aos eleitos do Senhor!

Os teus olhos—raros prodigios da natureza!—brilham não com essa luz vivida e scintillante, que cega e tortura, mas com essa luz vaga, indefinida — luz de poesia! — que attrae e enleva, chama uma e muitas vezes, e no reclamo irresistivel me seduz e faz morrer d'amores ao pé de ti, mulher incomparavel!

As tuas lagrimas, ao deslisarem-se-te nas faces pallidas semelham fios de perolas, encantadoras a mais não poder ser.

Ah! permite, que te ame, anjo do ceu; não me desampares, porque sentiria fenecer-me sem ti pouco e pouco, até exalar o último alento.

Porque não ha existir sem ti; contigo me identifiquei; com tua alma se prendeu meu pensamento, se vinculou meu coração eternamente.»

E ella ouviu-me, e n'um sorriso inebriante me cortou a voz.

Bemaventurado quem sonha, que lhe apparece a luz da sua existencia, como a estrella d'alva assoma graciosa, quando se levanta sobre as alturas do horizonte purpureo, annunciando as primicias das graças, que o dia rende ao Creador.

III

Era a noite sombria e carregada, quando uma ave d'azas negras passou por sôbre mim, intimidando-me.

Porque a negrura das suas azas era fatidica de más novas.

Um abalo inexplicavel, um aperto d'animo me tomou.

Porque eu não soffro só a saudade; mais além vae minha dôr.

Empoz a dura ausencia vem o ciume, que estorce, consome e queima a victima, em que lavra.

Quem sabe, se agora estará em braços d'outrem aquella, a quem consagro o mais subido preço do meu pensamento?

Oh! melhor me fora morrer!

Eu diria como Job:

«Porque não morri eu no ventre de minha mãe?

Porque não veio no meu nascimento o sopro arido da morte queimar o meu ser?

Melhor fôra que os peixes me devorassem; antes minha sepultura fosse a vastissima extensão dos mares.»

Porque o ciume é a desesperança, e esta a morte da alma.

Bemaventurado quem o ciume não tortura, porque os seus dias são sócegados, como os da estrella, que em remanso passeia as campinas esmaltadas do céu.

IV

Vós, que, sentados nos banquetes lautos, fazeis brindes á vossa ventura, passae e deixae-me,

Vós, que tanto vos arrobaes ao ouvir as festivas musicas, onde se celebram vossos freneticos delirios, passae e deixae-me.

Vós, que corréis os espectaculos e applaudis quem se combina com a vossa expansão de felicidade, passae e deixae-me.

Porque eu sou qual moribundo, que me sinto morrer na viuvez e forçada soledade, a que me condemna a sorte avara.

Esvoaça em torno a mim o genio da fatalidade e da desgraça; com elle respiro, sinto e penso, com elle adormeço, e é elle ainda, que me inquieta o somno e me abre as palpebras com torvo aspecto.

Bemaventurados os que não soffrem a saudade e o ciume, porque a vida não lhes corre agitada como o rio, que se despenha de catadupa em catadupa, mas em socego como a limpida e suave ribeirinha de um ameno valte.

V

Eu amo o enjeitado, que é baldo de familia, amigos, nome e amparo bemfazejo, e que se vê em meio de povoado como arvore solitaria em deserto secco e tetrico.

Eu amo a viuva, flagellada pela injustiça e pela força, e o orphão, que esmola o pão negro de estranhos de porta em porta.

Eu amo todos os desgraçados, porque elles formam comigo associação e irmandade na dor.

Bemaventurado quem ama os filhos da desgraça, porque será consolado, assim como elles o serão nos céus.

VI

E uma voz interior e occulta assim ouvi:

«Ergue-te, coração, á esperanza; confia no Senhor, que é pae, que é amigo.

Abriga em tua intimidade esse amor, que te aviventa e opprime, que é tua vida e tua morte, tua ventura é tormento; vive, coração, nos braços da esperanza.

Um dia has-de lograr os mimos, que a tua adorada te prepará e guarda, e os seus encantos quebrarão a espada cruel da desventura.»

Assim me bradou uma voz amiga e eu comecei de chamar á vida todos os sentimentos d'amor, que desmaiavam oppressos ante a dôr, como as estrellas se esvaem peraute o sol soberbo.

E eu comecei de viver.

Pois se é morte o isolamento,

Se arrefece o pensamento,

E se ás trevas nos conduz,

Não hei-de buscar a vida?

Alentar a flor pendida,

Dando-lhe o vigor e a luz? (1)

Viva pois o meu ser, esperançado no porvir.

Bemaventurados os que aniam, e nas angústias da saudade se erguem á luz da esperanza, porque um dia lhes apparecerá o astro fagueiro e bonançoso, que lhes abrilhante o espirito e coração com o irradiar da felicidade.

1859

JOSÉ M. DA C. SEIXAS.

(1) E. Marecos, *Harpa do Mondego*

O NOVO MARTYR

Á MORTE DE JOÃO BROWN

— Voyant la quatrième partie
de mes semblables changée en
bêtes, pour le service des autres,
j'ai gémi d'être homme,

ROUSSEAU. — *Nouv. Héloïse.*

Que estranho horror o coração me enlucta!
Despetoso furor me arde na mente;
E as vozes d'alma, que romper anheião
Do peito entristecido, atropelladas,
Sem força, á lingua inerte vem prender-se...

America infeliz!.. Que atroz ferrete
De déspotas brutaes a mão nefanda
Na envilecida fronte te assignala!..
Creada fôras pela mão do Eterno,
Ao doce abrigo de teu céu formoso,
Para em teu seio placido accoitares,
Embalados nos braços da ventura,
Homens, que livres fossem, livre houvessem
Sempre a voz, sempre a mente a erguer-se prompta
Da verdade a favor, do grande e justo;
Mas interesse vil, ambição crua,

Estúpida indiff'rença, impia soberba
 Com empéstado sopro, os tenros gommos
 De tão mimosa esp'rança te murcharam.
 Debalde ardente, generosa flamma,
 Em raros, nobres peitos accendida,
 Sobre ti disparziu seu claro lume:
 Quão rápida luzio! Foi qual meteoro,
 Que abrindo o cego horror de escura noite,
 Breve os olhos deslumbra; e logo volta
 Mais negro o susto das espessas trevas.
 America infeliz!... Abaixa os olhos,
 Que bruto véu cegou! — Nas mãos, infames
 De pesados grilhões, a fronte occulta!
 De livre, oh, não blazones. — Insensata!
 E ousas, sem pejo, preferir o angusto
 Nome da sacro-sancta liberdade?
 Entre algozes crueis, ebrios de sangue,
 De sangue fraternal! — Que aos pés calcando
 Piedosas leis, que de seguir se ufanam
 Com hypocrita audacia; não contentes,
 Com impudencia atroz ao mundo ostentam
 O mais negro espectaculo, que hão visto
 Tuas ferteis campinas, dès que um bando
 De carnicieiros monstros, sequiosos
 De sordidas riquezas, te levaram,
 Em dom fatal, mil horrosas mortes,
 Crimes, torpezás, mil que em todo o tempo
 Hão-de o mundo cobrir de horror perennel.. (1)

Essas praias, co'sangue outr'ora tinctas
 Do Americano ingenuo; essas, que ouviram
 Seculares florestas os gemidos,
 Entre seus ramos expirar, do povo,
 Que á sua larga sombra se criara,
 Profanal-as podestès co'arruido
 Medonho d'armas vis, enfurecidas
 No sangue do opprimido?... Alevantae-vos!
 Miseros servos, que adubaes a terra
 Co'sangue inulto vosso; e a mão armada,
 Co'ferro da vingança, córte impavida
 Essa hydra impura, que o universo ultraja!

Cuido que ouço os clamores lamentosos
 Das innocentes victimas, que exangues
 Cáem sob o ferro atroz de impios algozes:
 Cuido que vejo o heróe, que á liberdade
 Sem custo dera a vida, manieatado
 Com pungentes grilhões; roubado á morte
 Gloriosa dos combates, para em torpe
 Cadafalso esse sopro, que lhe resta
 Tenue de vida ir entregar, e as iras
 De seus verdugos saciar cruentas!

Ao feio aspecto de tão negro quadro,
 O anjo da humanidade, compungido,
 De horror torcendo a vista, e os olhos turvos
 Das lagrimas recentes, encobertos
 Co'a doirada madeixa; as niveas azas
 Soltou, e as alvas nuvens dividindo,
 A acoitarse voou aos pés do Eterno.

(Continúa)

J. C. LATINO DE FARIA.

(1) Allusão á conquista do Mexico e Perú pelos Hespanhoes.

NÃO CREIO

Eu não creio n'esse frio,
 Que diz tem no coração.
 Não creio; que amor é brio
 Nem d'elle a julgo isenção.
 A mulher que diz não ama,
 Inspirar amor — só trama,
 Ou de amores se fartou;
 Ou quer despertar a chamma
 Ou em si já a apagou.
 A mulher mais inexperta
 Sente amor, amor desperta,
 Que p'ra amar Deus a fadou:
 Um secreto impulso a inspira
 A sentir d'amor a ira,
 A sentir-lhe a vibração.
 Confesso, Leonor, não creio;
 Que nos olhos eu lhe leio
 D'amor a terna expressão;
 Até mesmo fôra insulto
 Se a julgasse fria — má;
 Embora amor inda occulto,
 Mas no peito tem-no já.

Esse puro, dôce affecto
 Que outra vida á vida dá,
 A mulher ha de sentil-o;
 Que isso escripto por Deus 'stá;
 Embora a amar se negue
 E os olhos em Deus prégue,
 Deus a amar ensinará.
 E, Leonor, que fôra a vida
 Sem amor no peito haver?
 Uma cadêa seguida
 De profundos soffrimentos,
 Toda espinhos e tormentos
 Impossivel de soffrer,
 Um escarneo permanente,
 Um insulto irreverente
 Feito a Deus e á mulher;
 Tempestade revoltante,
 Augmentando a cada instante
 Mil tormentos sempre a flux;
 A tormenta sem bonança,
 Desespero sem esp'rança,
 Era o mundo sem ter luz.

Ai, Leonor, embora o negue,
 Em seu peito amor senti;
 O disfarce não empregue
 É já tarde — amor ha ahí.
 O contrario já não creio;
 Que em seus olhos amor leio,
 E no peito já lh'o li.

NORONHA.

PRELUDIOS - LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

EMILIA

CAPITULO III

Uma como ha poucas

(Continuado do n.º 21)

O arrehol da manhã dava ãe chapa nas vidraças viradas ao nascente, e filtrado através das persianas projectava no quarto uma luz esverdeada e amortecida que dava um aspecto grave e magestoso áquelle quadro íntimo de familia.

Havia um não sei que de vago e mysterioso na posição reciproca destes dois entes, que lhes dava um interesse do mais subido quilate. Um e outro desejavam retardar uma explicação indispensavel, que ambos receavam. E nessa explicação talvez estivesse o socego para ambos. Os lances mais difficeis da vida desfal-os, ás vezes, uma bagatella.

Em momentos d'aquelles a fantasia apraz-se de avultar as difficuldades, que, semelhantes ás larvas do remorso, tornam-se em nada, se temos animo e resolução de as approximar.

As commoções fortes não duram. O senhor Figueiredo pôz termo a este anceiar.

— « Não é por mal que te queira, Emilia, principiou elle profundamente commovido, que insto pelo teu casamento: pelo contrario, bem o sabes. Se foras mãe, avaliarias então d'outro modo o meu proceder. Se viras a vida caminhar rapida ao seu fim, ir esmorecendo gradual e constantemente, sem esperanza de sustel-a; e a alma a comprimir-se de saudade por um ente querido, pelo mais querido dos entes, por um filho a quem a morte ameaça roubar-nos, sem deixar a esse ente uma posição determinada, que lhe garanta os mimos e as commodidades que nós lhe davamos; se noite e dia essa ideia se tornasse inseparavel dos sonhos e das vigílias, da dor e do prazer, da solidão e do tumultuar da vida, em toda a parte e debaixo de todas as fórmias, mas sempre baças e assustadoras; se tu com os teus vinte annos comprehendesses o que são estas cousas aos setenta... de certo, Emilia, agradecias-me ainda o mal que, contra minha intenção, te causei! Não me queiras mal se

Janeiro — 1861

te magôo, que o meu muito amor só é causa de tudo!

E olhava-a com uma tal expressão de amisade franca e desinteressada, que Emilia sentiu-se atrahida a fazer-lhe a vontade. Quiz, todavia, tentar ainda um ultimo recurso, e respondeu passados alguns instantes:

— Mas não vivemos nós tam felizes, meu pae? Que nos falta mais? Para que mudar de vida?

— E se eu te falto, Emilia, quem te será amparo neste mundo? A vida é um sonho de que se acorda quando menos se pensa, e sempre mais cedo do que se quereria. E tu não tens mais ninguem.

Emilia suspirou e não respondeu. Se o respeito a não tolhesse; se em vez de pae fosse mãe a quem fallasse, que podesse seguir sem constrangimento os impulsos do seu coração, não hesitava, dizia um nome, ainda que as faces lhe queimasse o pejo, e tudo ficava explicado, lagrimas e irresolução.

Mas como receberia o ancião esse nome agora que estava compromettido?

Temia o resentimento d'elle, se manifestasse em materia de tamanha importancia vontade ou desejos que não fossem os seus.

Pensou que seu pai só queria o seu bem, que, melhor do que ella, conhecia o mundo e os homens, e que talvez o seu coração a enganasse, mostrando-lhe pelo prisma doirado das illusões digno do seu amor quem realmente o não era: não quiz fiar-se em si, nova e inexperiente.

Resolveu-se a final, e acceitou o esposo escolhido por seu pae, a contra-gosto seu, mas sem a menor repugnancia.

Cuidava Emilia que a consciencia de ter cumprido o dever de boa filha era bastante a dar-lhe força para cumprir tambem o de esposa fiel.

Costumada a adormecer sob a sua vontade o amor nascente que lhe assaltara o coração virgemo não sabia que na proporção das difficuldades medram as paixões, e que o amor é d'ellas a mais teimosas.

— Que importa que agora me custe alguma cousa — pensava ella alguns dias depois do matrimonio — se fiz a vontade a meu pae, talvez a ultima? E depois, quem sabe? — Se com o tempo não vier a ter amor a meu marido, sempre lhe

terei respeito e amizade, e isso basta para vivermos todos bem e contentes. Quantas ha por ahi casadas contra vontade, que nem ao menos têm para desculpar-se a vontade respeitavel de um velho pae? E todavia não parecem arrependidas. Sejamos forte no nosso dever e Deus proverá.»

Assim ia minorando o desprazer que a principio tivera, e a paz de espirito ia pouco a pouco recuperando seus foros.

Não escaceavam da parte do marido mimos, cuidados e atenções; o pae parecia ter remoçado vinte annos, e a vida dos tres desenrolava-se bonançosa 'num porvir risonho de esperanças. Sem remorsos pelo passado, descuidosos do presente, novas venturas lhes promettia o futuro.

O ancião anhelava ainda estreitar em seus braços o fructo primeiro d'este consorcio abençoado, que seria o continuador do seu nome e de suas virtudes, e as scenas mais intimas de familia se lhe debuxavam na mente, ineffaveis de sentimento e poesia.

Um innocentinho, lindo como um anjo do ceu, adormecido ao collo da mãe, que o cobria de beijos, que a si o achegava carinhosa para escutar-lhe o coraçãozinho a palpar e a revelar-lhe vida que ella dera, que era sua, no seu filhinho, que era o primeiro; vel-o depois acordar pelas caricias maternas e passar para seus braços, já cançados e tremulos, a deixar adivinhar 'num primeiro sorriso a ventura dos bemaventurados, e vir-lhe afagar com aquellas mãosinhas de neve e rosas as cãs venerandas; e estas scenas a reproduzirem se todos os dias sempre variadas de novos encantos; que mais poderia elle desejar para corôa de satisfação nesta vida?

E toda esta perspectiva se lhe antolhava infalivel, se Deus o não chamasse antes a reclinar a cabeça no tumulo de seus paes.

O seu viver era simples e regulado. A sua sociedade limitava-se a alguns amigos velhos ou experimentados, que vinham compartir o gozo de paz e alegria serena que se respirava no seio d'aquella virtuosa familia. Afóra isso, quasi que não tinham communicação com o mundo.

Emilia, porem, tinha vinte annos; e esta vida parecer-lhe-hia por ventura monotona e vazia. Nesta idade o coração requer mais alguma cousa, e a imaginação vòa longe a doirar no futuro festas, bailes, folganças e animação.

Não o deixava todavia transparecer no exterior, se é que tal sentia: nunca um suspiro indiscreto viera turvar o remanso d'aquelle viver de bonança.

Foi decorrendo o tempo, e Emilia começou a achar-se visivelmente incommodada.

O que é a felicidade neste mundo?.. Brilhante meteoro que rapido foge, deixando após dissabores sem par!

Oito ou dez mezes haveriam passado depois do casamento, quando, alta noite, a vizinhança acordou despertada por grande motim e brados de af-

flicção em casa do senhor José Moniz. Quem lá entrou veio contar que vira um cadaver, um louco, e nada mais.

Desde então nunca mais se soubera de Emilia.

(Continua)

J. SIMÕES FERREIRA

CANDIDA

(Continuado do n.º 21.)

V

Martyrio

São apenas sete horas da manhã de um dia carregado e feio. Um vento áspero e frio vem açoutar as vidraças da prisão de Candida. Dentro, em um quarto, aonde mezes antes a vimos entrar, trazida desmaiada nos braços de Julio, arde, sobre uma banca, uma luz, que tremula, vacilla e mal dessipa as trevas, que a cercam. Dir-se-hia semi-morta lampada mortuaria, derramando claridade sobre o que exhalou o extrema sôpro da vida.

Junto á banca, sentado em uma poltrona, está um homem com a fronte reclinada em uma das mãos: a sua magreza é horrivel, e, em quanto um tremor lhe faz contrahir os labios e uma forte crispção nervosa lhe enruga os musculos, uma alegria feroz lhe brilha nos olhos.

A um canto do quarto jaz um leito, e, de sob um montão de roupas desarranjadas e revoltas, sobressahe uma figura, que poderia bem tomar-se por um cadaver. Dir-se-hia que a pelle lhe assenta sobre os ossos. O nariz extremamente afilado, os labios brancos, os cabellos dispersos e eriçados e os olhos baços e torvos, já cercados de um roxo pronunciado, — tudo accusa a morte proxima.

Aquellas feições demudadas e gastas mostram ainda um resto de formosura pouco vulgar.

Sombra triste de Candida, aquelle corpo parece preso á vida por o extremo fio: immovel sempre, apenas um leve tremor o percorre de vez em quando, e os olhos se lhe aviventam um pouco, para se fixarem em uma imagem do Crucificado, que se destaca na parede fronteira, e se amortecerem e embaciarem logo, em quanto os labios parecem mover-se balbuciando uma oração.

Um silencio funebre reina entre os dois actores d'aquella scena muda de tristeza: passado um momento ouviu-se uma voz sumida murmurar:

— Agua... quero agua... Oh! que eu morro... agua, por piedade!

Julio approximou-se então de Candida e apresentou-lhe um copo, que ella não teve força para sustentar.

— Aqui tens agua, Candida; não quero que morras... preciso que vivas ainda...

E ella bebeu sofregamente a agua enregelada, que lhe apresentava, e balbuciou:

— Quando findará este martyrio, meu Deus?!.. que fogo que me devora!..

— Então soffres? perguntou Julio impassivel.

— Se soffro!... perguntas-me se soffro e não queres acabar com o meu martyrio..

— Não quero! pois tenho-te eu desemparado um momento, dize?... Ha seis mezes que aqui entrámos e ha seis mezes que tenho vivido arrastado á tua sina. Vê, Candida, vê o que é um amor verdadeiro.... Que nos importa a luz do dia, que nos importa o brillantismo do sol, que nos importa a frescura da primavera, que nos importa o mundo inteiro, se temos vivido isolados de todos, mas acompanhados sempre do nosso amor?... Olha: o mundo execrou a tua memoria, como a da filha, que abandonou, no ultimo quartel da vida, o velho, que a idolatrava; mas eu continuei a amar-te... Teu pae mesmo amaldiçoou-te, esqueceu-te talvez como indigna; e eu amo-te mesmo assim, amo-te como no primeiro dia em que te vi innocente e formosa, casta e feliz. Olha o que pôde um amor quando é nobre, quando é verdadeiro, como o que nos une!..

E Julio dizendo isto ergueu-se da cadeira, passou agitado no quarto e parou, passado um momento, em frente da desgraçada, que, inerte e na mesma posição, parecia apenas conservar a vida no olhar.

— Candida, exclamou então, comprimindo um sorriso triste e ao mesmo tempo ironico, como estás mudada!.. quem diria que o teu viço se havia de murchar tão breve, a formosura fugir tam cedo?!.. Não me vês a mim hoje, sêcco, difinhado e velho?.. E ha vinte annos ainda a alegria me transluzia da fronte, a côr da juventude me animava as faces, o amor me pulsava no coração... E eu então era feliz, feliz quanto um homem pôde sê-lo na terra... tinha esperanças... tinha crenças... Perderias tambem tu a esperança? Porque a não pedes a tua santa mãe, que repousa no ceu?...

E uma gargalhada enterrompeu aquella ironia pungente, em quanto Candida pedia com voz supplicante.

— Piedade, Julio, piedade!.. mata-me antes, mas não te rias assim... E que mal te fiz eu, que mal te fez minha pobre mae?..

— Que mal me fez tua mãe? que mal me fez ella?.. interrompeu Julio; depois encolheu os hombros e continuou semelhando indifferença:

— Nenhum... oh! nenhum... e a ti, dize, Candida, que mal te tenho eu feito senão amar-te muito?..

Depois deu mais algumas passadas, rapidas e agitadas, pelo quarto e foi sentar-se outra vez na poltrona, cahindo tudo no mesmo silencio sepulchral.

Passado tempo ouviu-se um ai de Candida e a sua voz pedir ainda:

— Agua... agua... tenho sede...

— Soffres ainda?... continuou Julio: olha, conversemos, sim?... fallemos do passado; è tam bom recordar o passado... Fallemos primeiro de ti, queres? Nascestes na primeira sociedade, Candida: eras idolatrada por teu pae; tinhas quanto pôde fazer julgar feliz uma creatura humana; o futuro sorria-te rico de esperanças; o presente corria-te feliz, o passado esquecia-te no gôzo de tantas venturas. È tu desprezaste a felicidade, em que o acaso te fez nascer; desprezaste o pae, que te estremecia; desprezaste o futuro, que te esperava; desprezaste a tua honra; desprezaste o nome illustre de tua familia; desprezaste a memoria sagrada de tua mãe e entregaste-te ao primeiro que amas-te!.. Era um primeiro amor o teu, Candida... Olha o que pôde um primeiro amor!..

Um suspiro quasi imperceptivel e agonisante veio interromper Julio na sua horrorosa recordação do passado.

— Tens agora saudades desse passado, continuou elle, d'esse passado, que tu mesma engeitaste?... Não o deves fazer; não deves ser ingrata para mim: quando todos te esqueciam, ou desprezavam e amaldiçoavam o teu nome, eu amava-te sempre... Não é verdade que te tenho amado muito?... Queres agora que te conte tambem a minha historia? Falla; responde...

— Piedade, murmurou ella, piedade... mata-me antes!..

— Pois não é bom recordar o passado!?... não é elle o causador do presente, o espelho do futuro? Coragem pois, e ouve-me; quero que me vejas qual eu fui, qual eu sou agora. Olha que a minha historia é uma historia feliz... Has de vêr tambem o que poude um primeiro amor...

— Agua... agua... tenho sede...

— Pois bem, vamos, refaz as tuas forças; são-te ainda muito precisas... Oh! continuou elle em voz mais baixa, se me ouvirá... se terá ainda força para tanto?..

Depois ergueu-se, approximou-se d'ella e parece que tentou medir com o seu olhar ardente o resto da vida, que a animava. Uma ancía, uma duvida atroz o parecia então dilacerar; dir-se-hia a fêra que vê escapar-lhe a prêsa innocente, cujas ultimas gotas de sangue quer esgotar, cujo derradeiro sôpro de vida quer beber.

— Candida, proseguiu elle com voz mais animada, então?... coragem!.. Tenho até escripta a minha historia; não vês?... è apontava para uns papeis sôbre a mesa. Quero legal-a a teu pae, para que veja bem o homem, a quem sua filha se sacrificou... perdoar-nos-ha depois... E dizendo isto principiou a leitura seguinte.

(Continúa)

▲ F. DE LOUREIRO.

O combate dos Horacios e Curiacios

Roma, a rainha das nações, sequiosa de sangue, devorada d'ardente sede das conquistas, in-

gulo quasi todos os estados do mundo. Logo nos principios da sua fundação, auspiciou os altos destinos, para que a fadara a providencia.

Ainda não contava um seculo de duração, já os povos cricumvisinhos, Veientes, Crustuminos, Antemnates, Fidenates e outros, vencidos e subjugados, lhe prestavam preito e vassallagem.

O seu fundador, curando de engrandecer por meio das armas o edificio, que acabava de fundar, criou um povo de guerreiros e conquistadores, e ingrossou Roma com immensas conquistas.

Ao rei belligero e conquistador succedeu o pacifico Numa Pompilio. Este, trilhando uma senda mui outra da do seu antecessor, deixou esfriar os brios dos Romanos, desprezou a guerra, applicou-se com o maior empenho ao serviço da religião, e consolidou com boas leis e instituições o grande edificio, que Romulo lhe legára.

O terceiro Rei de Roma Tullo Hostilio, tractou de ampliar e aperfeçoar por meio das armas o legado, que herdara de Numa Pompilio. Foi no seu reinado que Alba foi destruida e arrasada por meio do famoso combate dos Horacios e Curiacios, o qual vamos descrever.

Alba, visinha e rival de Roma, tolhia o seu engrandecimento, e por tanto era mister conquistá-la e arrasá-la. Tullo Hostilio empenhou n'isso os brios, e apercebeu-se para a conquista com demaziado ardor e afínco. Os dois povos, olhando-se com vista torva esanguinosa, apprestavam-se com a maior força para o combate; as hostes achavam-se já em campo, as espadas iam a desembainhar-se, e abriga ia a começar cruel e renhida bastante, quando Mecio Fuffecio, creado dictator em logar do rei dos Albanos, Cluilo, que fallecera nos arraiaes, rompe d'entre as fileiras, apresenta-se no meio do campo, pede uma conferencia a Tullo Hostilio, e dirige-lhe as seguintes palavras: «A querella de sangue, que aqui nos occupa, tem por fundamento a sêde das conquistas e a ambição do imperio. Qualquer que seja a sorte do combate, eu estou certo que ha de ter desastrosos effeitos e mui funestos resultados. Nas nossas costas está o valente, poleroso inimigo Etrusco, que pôde muito por mar e por terra, e que está aguardando resultado d'esta briga, para nos accessar e perseguir. Além d'isto os vinculos do parentesco, amizade e alliança, que nos prendiam parecem dissuadir-nos da guerra, e desarmarem os nossos braços homicidas. Por tanto, será mais conveniente aos dois exercitos traçarmos um meio de decidirmos a querella, sem virmos ás mãos e despargirmos o nosso sangue.» Tullo Hostilio annuo a isto, e convieram que decidissem o debate seis campioes, tres dos Romanos e tres dos Albanos, com a condição do partido vencido ficar ás ordens do vencedor. A sorte quiz que a querella fosse confiada aos Horacios e Curiacios, que, a despeito dos vinculos do parentesco e amizade, sacrificando o bem particular ao geral, de bom grado acceitaram o desafio.

No dia, hora e logar aprazado apresentaram-se na arena os seis campioes, cheios de brios, offerecendo um spectaculo nimiamente interessante e gusinar. Era mui digno de vêr brigar os seis guerreiros, parentes e amigos uns dos outros, em campo, á vista das legiões, com maior bravura e denodo: vêr o empenho e interesse, que os dois campos punham no cambate; porque do seu desenlace dependia o anniquillamento e dissolução d'um dos povos e o engrandecimento d'outro.

A fortuna favorecendo pouco os Horacios, dois d'estes succumbiram na briga, restando um só, que era casado com uma irmã dos Curiacios. Este, considerando-se mui fraco para todos os tres Curiacios, e mui forte para cada um de per si, recorreu á estrategia: voltando as costas aos inimigos, começa a fugir, quando, olhando para traz, vê que os inimigos o perseguiam com intervallos desiguaes. Cahe sobre o primeiro e mata-o. Em quanto os dois exercitos accendiam os brios dos seus heroes com strepitosa vozeria e clamor, já o esforçado Horacio tinha dado cabo do segundo que o perseguia. Restava-lhe o terceiro; mui facil foi vencel-o.

Marchava na frente das legiões Romanas o strenuo Horacio, coberto de louros, carregado dos despojos e insignias dos Curiacios, quando a sua irmã Camilla, esposa d'um dos Curiacios, lhe sahe ao encontro, e depara com as insignias, que decoravam os hombros de Horacio, que ella tinha feito por sua propria mão, e com que tinha brindado o seu futuro esposo. Desgrenhados os eabellos, derretida em lagrimas e pranto, toldava toda a alegria publica e eclipsava o triumpho de Horacio; quando este, increpando-a ora com palavras ora com ameaças, traspassa-a com a mesma espada, com que tinha traspassado o amante.

Tão atroz attentado affeiu toda a gloria e triumpho de Horacio. O proprio Tullo não tendo podêr bastante para absolver-o de tamanho crime, para dar uma solução a tão intrincoado problema, elegeu os Diumviros.

Horacio ia a ser punido pelo inexoravel jury dos Diumviros com pena de morte, e expiar com a vida o horroroso crime do fratricidio, se não fôra a clemencia do povo Romano, e as lagrimas e supplicas do velho Oracio, seu pai. Pezou mais na balança do povo Romano a victoria e addição d'um imperio, que o crime de Horacio; e assim foi absolvido.

Admiremos aqui o poderio das leis Romanas. Tullo Hostilio não teve força bastante para livrar a Horacio, e subtrahil-o ao poder da lei; foi mister que um povo todo intercedesse a prol do réo, para não ser punido.

Foi com leis assim rígidas e inexoraveis, que o povo rei medrou, chegando a esse excelso gráu de gloria de dominar o mundo.

Mal d'um estado, quando a lei não é inexoravel, deixando campear o crime solto e impune-

IMPRESSÕES

II

O preço das lagrimas.

As lagrimas são do homem,
Por privilegio lhas tomem,
Que se a luz dos olhos somem,
Tambem nellas brilha luz.
JOÃO DE LEMOS.

I

Era uma d'essas noites, em que o philosopho desperta das abstracções metaphysicas, e se agita nelle interiormente a alma do poeta, para se embeber, a largos tragos, da poesia, que o Creator com mão profusa semeou na natureza, obra sua.

Então a intelligencia, cansada de pensar, de raciocinar sôbre as causas dos séres e suas relações, cede o passo ao sentimento; porque o homem é crente por indole propria, e quando o raciocinio perturba o espirito sem illumina-lo com a luz divina da verdade, soccorre-se o infeliz á fé, como taboa de salvação.

A alma humana á como uma harpa, que difere diversos sons, conforme o movimento, que se lhe transmite: dous motores a incitam, a dominam, a chamam a si, a intelligencia e o sentimento: mas é certo, que estes elementos tendem a harmonisar-se, esclarecendo-se o sentimento á luz da intelligencia, e inflammando-se esta ao fogo d'aquelle.

Mas, quando a intelligencia fatiga e estorce a alma nos equileos da dúvida, então é que o sentimento se apodera da alma com toda a força, e a faz arrobar-se nas inebriantes harmonias da natureza.

Desapparece o philosopho, e começa o poeta a deliciar-se no murmuro suavissimo das aguas, no gemer das selvas, na placidez do ceu, no scintillar das estrellas; e sente-se como que erguido pela mão da natureza ao mundo ideal, que elle imagina e cria.

E o infinito o attrae com força magnetica e irresistivel; não esse infinito, que o philosopho chama ao tribunal da razão, atribulada pela dúvida, mas aquelle infinito, que os poetas, por graça especial da Divindade, contemplam; aquelle infinito, que animava Petrarca, malquisto da sua patria, que Camões e Bernardim Ribeiro sonharam, chorando em versos impereciveis os seus infortunios.

É que os poetas são dotados d'um sexto sentido que lhes patenteia o invisivel, e os enleva, de arrobo em arrobo, áquelle Deus desconhecido, que sonhára a patria de Homero, e que bem se deixa traduzir na terra por o que nella existe mais gracioso e terno, mais suave e harmonioso, mais bello e encantador, mais brilhante e attractivo.

E o infinito dos poetas é Deus revelado á natureza pelo coração sensitivo da mulher.

Da mulher, que é arca da alliança de todos as gerações, que em si toda a belleza, harmonia, fé, esperança, amor e o porvir do homem substancia.

Da mulher, que nas aras purissimas d'um affecto candido e generoso inocola no homem a religião do amor pelo espirito e pelo coração.

Da mulher, que é divino alaúde, que nas suas e mysticas harmonias d'uma inimitavel musica, ergue o homem á vida energica dos sentimentos elevados.

Da mulher, que é sacerdotiza d'um templo, em que se sacrifica á poesia dos affectos, e que, representante de Deus na terra, é (diz um philosopho contemporaneo) o Evangelho do homem!

Assim é que elle, guiado pelo braço apparentemente debil da mulher transpõe a immensidade, que o separa de Deus, e, abraçando-se á mulher n'um extase profundo, se despe de tudo o que é terreno.

Então o gemer das selvas, o despenho das aguas, o cicio das auras são para o homem a musica harmoniosa entoada em dias de festa nas moradas do Increado: então o homem sente-se poeta, e acha pequena, para seus grandiosos anhelos, a immensidade!

II

Irresistivel é para o homem o amor da mulher, porque invencivel é a seducção e attractivos desta; poderoso se apresenta ao acceso imaginar o mundo novo e sublime que ella suspende n'uma das mãos, e a luz de eterno fulgir, que lhe irradia na outra.

Mas as azas, com que eu desejara transpôr este mundo de miserias, queimaram-se-me no cadinho profundo da desgraça; e o meu leito é como o de Procusto, pois a experiencia me ensina, que nasci emballado pela dor e afilhado da desesperança.

Na luta, que empenhei com a desventura, fui vencido, quando, ao fim de lidado afan, caminhando de esperança em esperança, envidava todas as forças, e encontrei, em vez de esmaltado campo de flores, intransitavel bosque de inhospitos espinheiros.

Felizes aquelles, que no festim da vida não são atormentados, como Bathasar, pelas letras de fogo, que genios do mal desconhecidos com mão de ferro lhes insculpem na fronte!

Os felizes levam descuidosamente a vida, sem que uma só nuvem de tristeza lhes empane os olhos.

Esses, se alguma vez o genio da desventura, perpassando rapido, lhes toca nos cabellos — creanças não aclimadas no paiz da dor! — eil-os, que vovem presto á serenidade da satisfação, derramando os infortunios em suaves lagrimas...

Lagrimas...! pia lembrança dos anjos, dadiva mimosa do ceu n'uma hora de verdadeira condolencia pelas angústias do homem!

Lagrimas... bebida dos infelizes, orvalho da consolação!

Lgrimas, reflectis a dor e sois mensageiras da piedade.

Umhas ha, que queimam as faces; outras, que refrescam e suavizam, como as da aurora, quando pousam por sôbre as flores.

Mas ou o pranto seja de desesperança ou de resignação, quem pôde chorar é devedor de mais um hymno de gratidão ao Creador.

As lagrimas são filhas da consolação e esta é filha de Deus.

No dia, em que o primeiro homem, afadigado de trabalho, prostrado em terra, afflicto com as privações, cruzou os braços, immovel perante o infortunio, enviou a Providencia ao homem o anjo da consolação; e uma voz interior disse ao infeliz:

« Reclina, filho do infortunio, a cabeça no seio da mulher, que é rica de thesouros inexgotaveis de consolação, e acharás minorado o teu mal, senão desvanecido. »

E o homem procurou a mulher; e foram deramadas as primeiras lagrimas, bafejadas pela mulher no altar do amor.

III

Lgrimas, vós sois allivio do «delicioso pungir de acerbo espinho», que se baptisa com a melodiosa palavra: saudade!

Sois o refugio das filhas da desgraça, que os vicios da sociedade precipitaram das altezas da poesia aos abysmos doloridos da miseria e do peccado! que recebem dos seus semelhantes, egoistas vis e torpissimos, em vez do esforço da virtude, que as habilite a regenerarem-se, em vez do amparo, que as auxilie a carregar com a cruz pesada da vida, imposta ás infelizes pela imperfeição social, o sorriso insultuoso do cynico, o vilipendio do egoista, a impiedade dos viciosos e fallidos de coração.

É diario o pranto d'essas desgraçadas, que sendo primeiro trahidas por um seductor, cruel e immoralissimo, são depois despenhadas d'um throno d'amores e felicidade ao medonho abysmo da corrupção: desgraçadas, que a sociedade despreza e cospe, deslembrada de que o abysmo chama o abysmo, como diz a Escripura: desgraçadas, que sahindo d'esses festins horriveis, onde as levam irresistivelmente a fome e a miseria — horriveis conselheiras! — entram em si mesmas, e não achando uma só mão amiga sôbre a terra, porque até a familia perdem pela força das cousas buscam o Pae divino, unico a amparal-as, chamando-as a si, porque essas pobres duram pouco: matam-se a si proprias!

E as lagrimas correm em taes faces todos os dias, todas as horas, fio e fio.

Eas lagrimas foram a salvação de Magdalena, que debruçava para a terra o polluido corpo, e erguia ao ceu um coração, ainda inflammado pelo fogo d'um amor, puro, elevado e reparador.

Choremos pois todos os que desejamos ser consolados nas doloridas horas de infortunio, em que a dúvida comprime a alma, e a angústia o coração.

1 de Janeiro de 1860

JOSÉ M. DA C. SEIXAS

O NOVO MARTYR

A MORTE DE JOÃO BROWN

(Continuado do n.º 21)

Por entre as alas de apinhado povo,
Com denbado vulto, vem rompendo,
Para o supplicio infame, o heroico martyr.
Seguem-no os ais da esmorecida prole,
Que em tão acerba dor, não se lastima
Pela desgraça propria e indignos ferros,
Que os innocente pulsos lhe roxeam:
Só sente não lhe seja concedido
Accompanhar o martyr, e co'extremo
Suspiro seu ligar flébil suspiro!

Rebanho infame! Embrutecido povo!
Que, indifferente á dor, a derradeira
Agonia lhe esp'raes, — vede-o quão firme
Vos cerca audaz co'a sobranceira vista,
E em pé no cadafalso, em voz terrivel,
Com alfoito semblante, assim vos brada:
« Impios, que os ferros ensopees traidores
No coração da patria!.. Que é da herança
De virtuoso valor, que vos legaram
Nobres, singellas mãos?.. — Com brutas manchas
De nunca extincto horror a enxovalhastes!
Torpes escravos! (1) Que é dos pendões feros,
Com que briosa a liberdade ingenua
A seus heroicos filhos acenava
No campo das victorias? — Infamados
Jazem no pó do aviltamento vosso!
Em troca alevantastes o estandarte
Do mortecinio atroz, que as vidas pede
Innocentes. — Ess'arvore mimosa
Da independencia altiva, que regada
Fôra co'sangue dos maiores vossos,
Em magnanima lucta; emmurhecida
A cóma triste abaixa, que ultrajaram
Vossos flagicios crus, torpe egoismo.
Disgraçada nação! Debalde ufana
A fronte ré entonas, e insultuosa
Co'dedo infame apontas as riquezas,
Que sordida cubiça te amontoa!
Cedo vereis a tempestade infrene,

(1) Talvez me estranhem esta denominação de escravos. Mas digam-me se um governo, que protege a ambição e o interesse de seus membros, á custa da liberdade, e dos gemidos de uma grande parte de seus irmãos, merece a denominação de governo liberal? E o cidadão, que olha indifferente o supplicio immerecido de um homem da sua patria, e nelle vê a sangue frio o quebrantamento de seus proprios direitos, será homem livre?

Que as incautas cabeças vos ameaça,
Sobre ellas estallar com furia insana :
Cedo o vereis !.. Que o nosso sangue, que ora
Sem tino derramaes, frumento é válido,
Que ha de estes campos alastrar vaidosos
Co'as ubertosas, fecundadas messes
Da independencia austera e da egualdade!

« Vós, tristes homens, que de culpa isentos,
Do patrio ninho ao longe derramados,
Faltos da luz celeste e brando ensino,
Com ingrato suor volveis os campos,
Para fartar mil déspotas, captivos
De estúpida ambição (mais lastimosa
Servidão, do que a vossa !) esse baldado
Pranto enxugae, que as faces vos enrugá :
Despertaes d'esse somno, que esquecido
Os animosos brios vos quebranta !
Ha n'essas mãos esforço, que sem custo
Valente quebre esses grilhões infames !
Que vos demora ? — A patria, que perdida
Sem remedio choraes, mais carinhosa
Haveis de achal-a aqui. A nova patria,
Que o seio vos offrece, e anciosa brada,
Ao vosso nobre esforço, que a resgate
Do torpe vilipendio, que a enxovalha !

« Aqui, em paz, nos braços da inteireza,
Á sombra das victorias alcançadas,
Surrir-vos-hão, ermos de susto, os dias.

« E vós, nações da Europa, que indiffrentes
Vêdes tamanho horror ! que negligencia
Vos ata a voz e os pulsos, que não corram
A partir despejados as cadeias,
Que irmãos vossos avéxam ? — Extinguiu-se
Da humanidade o lume em vossos peitos ?
Ou interesse vil a alma vos rende ?
É assim que cumpris co'a sancta alliança,
Que haveis jurado, por vingar os fóros
Da lésa humanidade, e o bemfazejo
De civilisação almo frumento
Nos campos semear d'Africa adusta ?
Porque impunes deixaes que tantas quilhas,
Que o horror e o crime levam amiudadas
As incautas cabildas, se aventurem
As ondas a sulcar do vasto Oceano ?

« Tu, Inglaterra vil ! que te empavónas
De guarda ser dos mares, teu officio
Quão nobre o desempenhas ! — Oh pudessem
As aguas d'esse mar dizer ao mundo,
Em seu feroz rugido, as mil rapinas,
Que sem pudor executar te hão visto,
De tua prerogativa á sombra infame,
Interesseira guarda ! — A narrativa
D'esses flagícios teus poder teria
Para fazer córar tua propria face !
Nação sem fé, nem lei ! Nação escrava,
Que luxu insultador, miseria hedionda,
Prendes com ferreo nó, e dentro abrigas !
Oh ! quebra a vã suberba : accode attenta
A reprezar (se é tempo !) a insana furia

Do medonho vulcão, que em tuas entranhas
Muge co'a voz potente da natura
Ultrajada e queixosa... Oh ! tarde accodes !
Teu culpado desde trahiu-te... E a lava
Do popular rancor ha de os teus crimes
De teus senhores affogar no sangue,
E o mundo vindicar de tuas affrontas !

« E ha de o exemplo fatal d'essa Bretanha
Influir nas mais nações ?! — Por todas falle
Tua bocca, oh França, que da gloria tua
Assim te esqueces, e somente guardas,
Por distinctivo proprio, essa leveza,
Que ha sempre extinto o brilho das virtudes,
Que luziram em ti. — França enganosa !
Que á liberdade acenas, e a attraçoas,
Para entregal-a inerte e descuidada
De um déspota nas mãos ! como pudera
Mover-te a nossa dor ? — Tu, que murmuras
Da tua rival, e a mesma esteira segues,
Aquelles avéxando, que zelosos
Nossa causa defende, e affeitos cumprem
Com inteireza a fé e os sanctos pactos ! (1)
Nem, satisfeita com o crime, para
A tua audacia ahi ; mas, desprezível,
Vertes a affronta em rostos, que não podem
A offensa resgatar. — Nobre heroismo !
Que outra nação não buscas, que mais digna
De tuas injurias, as receba humilde ?
França cobarde ! Esse labéo infame,
Com pejo salutar deslembra e risca !
Recorda os dias teus, quando o teu povo
Magnanimo os pendões alevantava
Da briosa independencia ; (2) e os velhós thronos
Na carcomida base estremeciam
Ao som da tua voz. — Erga-se a chamma,
Que no teu seio dorme ; e propagada,
Em corrente veloz, té nós espalhe
Seu vívido calor ! — Oh ! se o meu sangue
Perdido não ficar... E na memoria
Cravaes attentos, com lembrados olhos,
Meu desditoso fim... Contento morro !
Prompto a apertar-me, heide encarar sem susto,
Na crua mão do algoz, o laço infame !
E á cova desprezada hão de os meus restos
Tranquillos descender, se o vosso pranto
Os houver de orvalhar, e em nobres hymnos
Fizerdes inda reviver meu nome !

(1) Oxalá que assim fóra ! Perdoem-me esta mentira necessaria (na poesia, se entende) e que desculpa o amor nacional. — Com que pezar me vejo obrigado a escrever esta nota, e me envergonho de um elogio não merecido, dado a Portuguezes ! Mas era-me necessaria, aqui, esta desaffronta ; porque o poeta poderá mentir, mas o homem de caracter, não. A justiça de Deus, que sempre véla, nos tem ido castigando, por mão dos Francezes da nossa má fé, em perseguirmos os navios de negreiros, e consentirmos a escravidão em nossas colonias d'Africa. E fallamos dos Inglezes ! É pouco ainda quanto soffremos. E que não se ufanem de poderosas as mais nações : o dia da ira ha de chegar a todos.

(2) Revolução de 1848.

Se d'este povo, um dia, o brado ingente,
Unido á vossa voz, alçar o grito
De universal resgate, e as puras aras
Da ingenua liberdade erguer eternas!
Então, por milhões d'echos repetido,
Qual nume tutelar, ha de o meu nome,
Das palmas da victoria coroado,
Com luz saudosa reluzir sem termo!.. »

Deu fim o martyr. — E do algoz o pulso
Présto cortou-lhe, na garganta anciada,
Co'ultimo alento a voz. — Povos da Europa!
O encargo recebei, que vos confia.
Reparae o descuido d'onde mana
A fonte d'esse horror, que ante olhos tendes:
Da humanidade o lume os raios forje
P'ra os impios, que a profanam. — Recordae-vos
Que sois christãos; que copiosa messe
Tendes, com que augmentar o grão celleiro
Do agricultor celeste. — Envergonhae-vos
Que, de Jesus em nome, impios se atrevam
Seus roubos a cobrir, crimes nefandos! (1)
Abrindo-vos o seio, a Africa vêde,
Que o pão celestial vos pede anciosa,
E não cadeias! — Preenchei seus votos.
Do céu as benções mil hão de cobrir-vos,
E o vosso ardor c'roar com fama eterna.
Janeiro 1860.

J. C. LATINO DE FARIA.

(1) O desfaçamento dos mercadores de escravos chega a afirmar, que é uma obra meritoria, e de grande caridade, o trafico da escravatura; que não ha meio mais seguro de civilisar os negros, e de brutos, que são, eleva-os ao grau de homens e de christão! Com meus ouvidos o tenho escutado.

NO TUMULO D'UMA CRIANÇA.

(De Victor-Hugo)

Virentes, frescas relvas, heras, c'rolas,
Sagrado templo em que a alma a Deus contempla,
Insecto, que murmuras em segredo
Ao ouvido do pastor, nas flores sopito,
Palavras inefaveis;

Ondas e ventos, hymno da tormenta,
Hymno e coro sem fim, vozes sem conto,
Selva, que a meditar convida o sábio,
Fructo cadente, estrellas que rolaes
D'um céu misterioso;

Passaro trinador, onda chorosa,
Reptis, pelas ruinas escondidos,
Planicie que bafejas sôbre as ondas,
Mar, aonde a pérola desabroxa
Terra, que gera a espiga;

Natureza, que tudo traz á vida,
Natureza onde tudo cahe de novo,

Folhas, ninhos... silencio em volta á campa!
Deixae, deixae dormir o pobre infante,
Deixae chorar a mãe!

ANTERO DO QUENTAL.

EXPÉDIENTE

A todos os Senhores assignantes, que tiveram a bondade de subscrever ultimamente para nosso jornal por um trimestre, a contar do n.º 15, — lembrámos que o mesmo trimestre termina com o n.º 23; e pedimos que, no caso de quererem continuar, o que esperámos de sua obsequiosa dedicação, se sirvam repetir sua assignatura, com pagamento adiantado, como é costume, até á entrega ou remessa do dito n.º 23.

Como a publicação d'este jornal termina com o n.º 36 — decidimos incluir no ultimo trimestre, para os que se acharem no caso acima mencionado, mais os 4 numeros, que vão do n.º 33 a 36 inclusiveis, vindo assim a receber 13 n.ºs em vez de 9. O custo d'estes 13 numeros será, para Coimbra — 480 réis; para fóra de Coimbra, com estampilhas — 600 rs.

Aos Senhores assignantes porém que, por suas circumstancias, não poderem continuar com sua assignatura — pedimos o favor de nos divolver os numeros, que individamente lhes forem enviados por esta Redacção.

Para facilitar a aquisição dos numeros do 1.º e 2.º volume, que faltarem aos Senhores assignantes, para completar suas collecções—e sendo-nos preciso abandonar Coimbra dentro de poucos mezes, acabámos de reduzir o preço dos mesmos numeros pelo seguinte modo:

Numeros a vulso, pertencentes ao 1.º vol., que custavam 60 réis—30 rs.

Numeros a vulso, pertencentes ao 2.º vol., que custavam 40 réis—30 rs.

1.º vol, brochado, que custava 1\$600 réis — 1\$440 rs.

Advertimos que, do 1.º volume, só possuímos 22 exemplares, e que do n.º 23 do 2.º vol. em diante — só tiraremos tantos exemplares, quantos forem os Senhores assignantes, e mais tantos quantos forem os exemplares do 1.º vol., que possuímos na occasião de cada tiragem.

V. DA SILVEIRA

PRELUDIOS - LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

UM VOTO PELA ITALIA

Ao meu amigo V. da Silveira

(Continuado do n.º 16 tom. II)

O que bem attentar nas variadissimas scenas desse grandioso drama, de que a Italia tem sido ha pouco theatro, não pôde contêr um brado d'espontaneo enthusiasmo e de admiração sincera pelos vultos illustres, que n'elle figuram como primeiros actores.

O grito de liberdade, que em 1847 eccoára como cantico de alegria em todos os angulos da Italia, morrêra abafado sob a metralha dos canhões estrangeiros. Os patriotas, para quem a liberdade era uma crença robusta, a independencia uma esperança querida, o jugo de ferro, imposto por poderes tyrannos uma ignominia intoleravel; e a regeneração da Italia uma nobre ambição identificada com o amor ardente da patria, passaram pela mais amargosa decepção, que podem soffrer peitos d'homens, onde florescem puros os grandes sentimentos, onde vivem arreigadas as aspirações generosas.

Tempestade temerosa acastellára nuvens negras no céu da Italia, onde tam puro e tam formoso refulgira o sol da liberdade. A revolução inaugurada em nome dos sacrosantos principios, que devem estreitar em leal abraço irmãos, que devem ser amigos, povos que deviam unir-se guiados por um só pensamento, enfraqueceu-se e deshonrou-se pelas tristes discórdias, pelas pequenas ambições d'aquelles, para quem o promover a ordem, e fazer sacrificios era o primeiro dever. A estatua caduca do despotismo vacillou por um pouco em seu pedestal violentamente açoutada pela vaga revolucionaria. A cegueira da intelligencia, as inspirações do calculo e o influxo de más paixões arrastaram Italianos degenerados, que ajoelham abraçados, como vis escravos, ao pedestal de essa estatua, que por interesse commum devia cahir em pedaços, para nunca mais se levantar.

E chamaram e auxiliaram o braço do estrangeiro, e venderam-lhe sem remorso a terra da patria, que era seu dever amar; mas que preferiram ver angustiada e agonisante sob sceptro pesado, que lhe opprimia e esmagava o collo. Os

filhos da Italia começaram por entoar ferventes hymnos de jubilo, vendo, que pé inimigo não pisava já os plainos da Lombardia. Era a victima, que respirava, pensando que a não esperava já no alto do patibulo o vulto sinistro do carrasco. Rebentou então uma tal explosão d'enthusiasmo e de prazer, e tam brilhante, e tam subita, como vivo clarão de relampago, que em noite tenebrosa allumia por um instante a terra, que fica logo envolvida em manto d'escuridão. Começou para acabar logo.

Desenvolveu-se uma ardencia de patriotismo, que se tornou uma febre que tocou a exaltação do prazer e delirio, que só pôde bem avaliar-se, comparando-se ao de condemnado, que sepultado no inferno, onde mora a noite, o soffrimento e o sempiterno horror, visse abrirem-se-lhe de repente as portas do céu, onde resplandece a luz e a habita a felicidade.

Carlos Alberto, indciso e vacillante em principio, não pôde resistir aos brados harmoniosos e aos rogos reiterados de milhares d'homens, que viam n'elle uma esperança e um abrigo, um amparo e uma bandeira, que reunindo em torno de suas pregas a todos os Italianos, salvasse a Italia das mãos da prepotencia e do despotismo. Aos seus braços, como aos de filhos queridos, se atirou elle com o coração commovido por sentimentos, a que não podêra resistir, tam altos e tam nobres, tam justos e tam sanctos eram elles! Prodigios de valor e dedicação não salvaram a causa, em cuja sustentação o immortal rei da Sardenha havia empenhado a sua honra e os seus hrios. Em vão correu o sangue nos campos da batalha, em que tantos martyres deram, em prol da liberdade e da patria, o mais que podiam dar-lhe: — a vida.

As nações livres, que podiam e deviam amparar o estandarte tricolôr, rasgado pela mão do despotismo, contemplaram de braços cruzados a lucta heroica de um povo, que combatia e morria, para ser livre. Os sonhos fagueiros, em que se embalava já a pobre Italia, fatigada de trazer encravada nos hombros a cruz da escravidão, dissiparam-se como o fumo. A esperança, que inspirara alento, succedeu pungente, cruel desgano, que se traduziu em angustia suprema. Um punhado de bravos podia continuar a bater-se

com denodo, succumbindo com heroismo; mas prostrar na arena a massa enorme de um numeroso exercito era humanamente impossivel. Seria um esforço magnanimo; mas era inutil.

A historia gravava nas suas paginas o acontecimento, admirava a abnegação do soldado e do patriota, cobria de viçosos loureiros os nomes dos valentes e dos heróes, levantava contra os assassinos de um povo uma voz de maldição, e mais nada. Foi preciso curvar a frente innegrecida pelo fumo das batalhas ante o espectro terrivel da necessidade. Carlos Alberto abdicou. Sem ambição—não lhe custou esse sacrificio. Quem pela Italia arriscara a vida, não duvidava largar a corôa.

Ainda bem, que appareceu braço valente, que em dia propicio soldou a lamina da espada, partida contra peitos inimigos. Ainda bem, que as Thermopilas de Custoza e Novára avivaram em corações Italianos a memoria dos martyres, que já deixaram as cinzas, e com ellas o sentimento doloroso de uma affronta, a humilhante idéa de derrotas, que só esquecem povos degradados.

Victor Manuel respeitou, como bom filho, e como verdadeiro Italiano a herança do Martyr illustre, que morreu ralado de angustias e de saudade, vendo mortas as suas esperanças. No animo magoado radicara-se-lhe um pensamento: esse pensamento, que o atormentava, que o acompanhava sempre, era o dever sagrado de lavar a nodoa, que cahira sobre o pavilhão da liberdade.

Dotado de uma alta intelligencia, de uma prudencia consummada, e d'indomavel coragem, a Providencia destinara-o para grandes empreendimentos, para gloriosas empresas. Esperou pelos acontecimentos; não quiz precipital-os. Devotando-se com o desinteresse da abnegação ao pensamento representado pelos mesmos, entrou na scena, quando descobriu ensejo opportuno, e deu, como rei e como soldado, um espectaculo surprehendente, que assombrou e commoveu a quantos o presenciaram.

Primeiro cidadão de um paiz livre todos os cidadãos são para elle irmãos e amigos. O sceptro, que elle sustêm com mão firme, é symbolo d'intima alliança, que estreita, que identifica n'um sentimento unico — a magestade da soberania, e os direitos do povo.

A Italia ama e venera o Monarca, porque o Monarca sabe amar e defender a liberdade, e é o primeiro e o melhor campeão da sua independencia.

É por isso, que Victor Manuel é hoje na Europa o rei mais querido e mais respeitado. Ha homens, que venceram para realizar os designios de Deus sobre o destino das nações. Convencidos da verdade d'uma idéa, que profundamente se lhe encarara no espirito, não a abandonam nunca; trabalham por ella com amor, sustentam-na com valentia sanctificam-na com o sacrificio, morrendo ainda abraçados com ella, e misturando com o

derradeiro suspiro prece fervorosa a Deus, para que a proteja e lhe dê novos defensores. Resumindo em si as tendencias de uma época, as aspirações de um povo, a esses homens são ás vezes os anjos bons da humanidade.

A historia, que conscienciosa e magoada vê depotas em quasi todos os reis, ha de parar jubilosa e fascinada deante d'esse, que do bom desempenho da laboriosa missão de rei tem sabido dar brilhantes documentos.

Tam illustrado para aproveitar os manejos interessados da diplomacia, como valente para combater em favor de sua causa, Victor Manuel tem demonstrado como politico e como soldado, que lhe não escassêam os predicados indispensaveis para levar a cabo o grandioso plano da emancipação da Italia.

Quando viu, que era chegada a hora, não lhe intimidaram mais o animo os enredos tenebrosos e ameaçadores de gabinetes desaffeçados, nem o aspecto imponente de grandes e aguerridos exercitos. Deixando os regalos e os mimos da côrte, depõe o sceptro e maneja a espada; despe a clamyde e enverga a farda; desce do throno e marcha á frente dos seus batalhões. Que grandeza e que heroismo a d'esse rei, que supporta com a mesma serenidade d'espirito as lides trabalhosas da guerra; que se expõe com intrepidez aos lances mais arriscados; que se arroja denodado ao mais ardido das batalhas!

As palmas colhidas em Palaestro e salpicadas com sangue inimigo consagraram mais uma vez a corôa, que a Providencia, para bem da humanidade, lhe pôz na cabeça.

Não admira, que a Italia cubra de bençãos o heróe, que com taes actos sabe provar-lhe o amor e o interesse, que lhe merece a sua causa. N'essa lucta gigante, n'esse duello de morte entre o despotismo e a liberdade surgiu ao lado de Victor Manuel um homem, que por suas proezas tem enchido d'espanto a Europa e o mundo.

Esse homem é um dos obreiros, que mais pedras têm carreado para o edificio da independencia e unificação da Italia.

Esse homem é um dos soldados, que mais louros ceifou nos campos da batalha.

Esse homem é um patriota ardente e apaixonado, para quem a causa da Italia se tornou o pensamento de todas as horas, que domina, que absorve todas os outros pensamentos.

Esse homem é um bravo d'alma generosa e de coração sensível, em que as agonias e as lagrimas da Italia derramaram com as impressões excruciantes de uma dôr immensa, o amor da patria e o odio a seus oppressores.

Esse homem é o filho de um pobre e obscuro marinheiro de Niza; é o marinheiro, que logo na infancia começou a brincar com as vagas do mar, e a tostar as faces ao sol do meio-dia; é o caudilho desinteressado da liberdade em toda a parte, em que tremula por ella uma bandeira.

Esse homem, cujo nome vos esvoaça já pelos lábios, que com alegria se desfranzem para o pronunciar, é Garibaldi.

Todas as tintas são descoradas, todo o pincel é rombo, todo o quadro é pequeno, quando se tenta esboçar essa figura verdadeiramente homérica, que transcende a todas as personagens, as mais exaltadas ahí pela historia.

Que é deante de Garibaldi a valentia de Annibal, o desinteresse de Cincinnato, a audacia de Cesar, e a firmeza de Catão?

É uma gloria, que eclipsa as glorias mais brilhantes; é uma grandeza, que torna pequenas as maiores.

De Garibaldi pôde bem dizer-se o que ácerca de O'Connell dizia Balmés: Garibaldi é a Italia; sim a Italia opprimida e aviltada; a Italia odiando despotas, que a avexam, lidando pela liberdade, que lhe roubam; a Italia padecendo amargas provações, e cançada de tragar o fêl da dôr, da humilhação e do opprobrio.

Garibaldi é a Italia com os seus votos, com as suas esperanças. Só encarado assim pôde avaliar-se e admirar-se devidamente o quadro, em que elle nos apparece como um dos maiores, um dos mais bellos vultos.

(Continua)

(M)

HYMNIA

CAPITULO IV

Recordações

(Continuado do n.º 22)

O remorço é o ultimo dom que á despedida nos deixa, quando se vê obrigado a desamparar-nos, o anjo que desde o berço tomou conta da nossa vida.

A. GARRETT.

Perdôe-se-nos a digressão, e voltemos á nossa historia.

Os dois mancebos já nossos conhecidos não se demoraram muito no Jardim.

Honorato não pôde, com todos os seus recursos de indiferença em vespersas de cynismo, afastar de si lembranças que lhe despertára aquella mulher e que elle suppunha para sempre affogadas em cognac, ou evaporadas d'envolta com a fumaça dos charutos e dos ponches.

Ainda por alguns instantes ostentou, como vimos, presença de espirito; mas a amostra era o avêssô de que lá lhe ia por dentro. Sustentava uma lucta de gigante com uma idea fixa, que se lhe prendera ao cerebro d'um modo invencível, e que o estava dilacerando horrível e incessantemente, como o abutre de Prometheu.

Era uma ideia extravagante, quasi impossivel; mas não havia lá supplantal-a por isso mesmo.

Perdido no cego redemoinhar d'esta vida do aventuras, o homem pode lograr esquecer um passado menos lisonjeiro, até criminoso: um momento chega, porem, em que um brado intimo sôa mais alto do que todo esse ruido, e, mau grado esforços, não ha em nós dominal-o.

A consciencia pode adormecer; pode assistir ao auto-de-fé da virtude, honra, dignidade, de todos os nossos sentimentos bons, e ficar alim sepultada debaixo das cinzas, sem alento e impassivel; mas não morre: e quando desperta, ai d'aquelle a quem ella remorde!

Desassocegado e descontente comsigo, Honorato desejava apagar o sol, subverter a terra, confundir num cahos tanta belleza, que tudo lhe parecia um escarneo amargo ao que elle padecia.

É que o homem até no soffrimento é egoista.

Era quasi meio dia. O sol ia chegando ao zenith, e radioso e brilhante. Nem a mais leve aragem se percebia, que distrahisse de seu destino ineffavel o tributo de fragrancia que as flores elevavam aos pés de Deos; incenso campesino, homenagem d'ellas ao Soberano Senhor de toda a formosura.

Tudo era silencio e encantamento.

Era uma d'essas manhãs com que Deos mimoseia esta abençoada Coimbra, raras de belleza, inebriantes de poesia, que nos enlevam, endoidam, magnetisam cabeça e coração; que nos repassam d'um prazer intimo e indefinivel, suave e intenso, que se goza, mas que é impossivel exprimir.

Paralisam-se os sentidos num doce lethargo, e o espirito, solto pelo espaço sem fim, vôa alem deste mundo buscar outro a que aspira e que o deve satisfazer.

Manhãs são essas em que dão treguas impiedade e descrença; que não comportam pensamentos que não sejam bons e generosos.

Quando Deos se digna manifestar-se d'um modo tam arrebatador nas suas obras, malvados não ha, não ha atheus, que resistam á acção magica de taes argumentos.

O criminoso ama o tumultuar frenetico d'um viver em delirio; detesta e foge dos affagos brandos das virações campestres.

Dificil e penosa se tornara a conversação para os dois mancebos. Ambos estavam mais ou menos embaraçados. Olhavam distrahidos para tudo, e não tinham nem força nem vontade de quebrar o silencio.

Não tinha escapado a Sampaio a perturbação e o soffrimento de Honorato, que não são cousas essas que se possam esconder á vista cuidadosa d'um amigo; era todavia bastante delicado, já o disse-mos, para aventurar perguntas que bem podiam ser tomadas por indiscretas, e ir talvez ferir d'algum modo a susceptibilidade d'aquelle homem. Esperava.

Honorato esteve por vezes tentado a desabafar com elle franca e lealmente.

Inquietava-o, todavia, um vago receio.

Apenas o conhecia de dois annos, ou nem tanto, e, sempre cauteloso, não lhe deixara nunca ver o seu passado. Tinha-se-lhe apresentado como um ente commum, cujo preterito não teve incidentes, o presente é esteril, sem horizonte o futuro. Receiava, pois, que menos lhe quizesse, talvez o despresasse, se realmente o conhecesse.

A desconfiança é filha do crime.

Honorato sentia-se requeimado de angustias, sentia que o suffocava a ancia do soffrimento, anticipava neste mundo o tormento dos condemnados, e não ousava nem sequer pedir á amisade uma gotta de orvalho que um instante o refrescasse; não lhe era dado acolher-se a um peito amigo, onde echoasse o brado intimo da sua afflicção — condoe-te de mim que sou desgraçado!

Amisade, sancta e doce amisade! Sem ti o mundo seria um ermo, a vida um impossivel!

Es tu que ao justo revelas Deos, que ao infeliz salvas d'um crime, que ao criminoso lembras o perdão!

Es tu que adoças o fel d'esta existencia de egoismo, que aplanas as agruras d'este caminhar em espinhos, que dás alento ao espirito da descrença fanado, ao coração retalhado de soffrimento!

Amisade, dom celeste, és o bom anjo da terra!

Percebendo que a sua presença incommodava o seu companheiro, João pretextou uma visita e despediu-se.

Honorato ficou só.

Machinalmente se veio dirigindo para a cidade, e entrou em casa. Morava na couraça de Lisboa, quasi ao fundo.

Era simples a sua habitação. Uma saleta quadrada de vinte pés, apenas caiada, com duas janellas e um quarto pequeno, antes alcova, sem luz propria, e onde só cabia a cama e uma mesa.

As alfaias resumiam-se 'numa secretária de noqueira no intervallo das duas janellas, um canapé em frente e seis cadeiras de palhinha ordinarias, derramadas aqui e alem em redor da casa.

Um unico livro se via sobre a secretária. Era um pequeno volume, nitidamente impresso que se intitulava — *Epicos Brasileiros* — e comprehendia o *Uruguay* e o *Caramurú*.

Mappas geograficos dependurados na parede, já muito desbotados, indicavam mudos que o habitador não tinha pelo estudo das boas-lettras especial cuidado.

Sorumbatico e tristonho, Honorato pareceria outro a quem o visse sahir pela manhã descuidoso e folgazão.

Foi direito á campainha do tinteiro, e agitou-a com violencia.

Appareceu um rapaz de dez ou doze annos, unico folego vivo que tinha de portas a dentro.

— Já veio o correio? — perguntou elle com voz forte.

— Ainda não vi, meu senhor.

— Nem me procurou ninguem?

— Tambem nao, meu senhor.

— Está bem. Podes retirar-te.

Era o dialogo de todos os dias. Só agora acrescentou quando o rapaz ia a virar cosias:

— Olha, ouviste? Não estou em casa para ninguem. Entendes?

— Sim, meu senhor.

— Vae com Deus.

E com um aceno despediu.

Honorato tinha-se formado em Coimbra havia quatro ou cinco annos. Regressára á patria depois, onde demorou pouco tempo. Por motivos que n'nguem sabia e ninguem indagava, apesar de cuidar elle que era o alvo da curiosidade de todos, viera estabelecer-se outra vez na Lusa-Athenas, e renovara o viver escholastico.

O seu character, porem, tinha-se resentido muitissimo da viagem.

De mancebo descuidoso, franco e ingenuo que aqui era, voltára homem reservado, contradictorio, indefinivel.

A sua vida visivel era passear, jogar e, sobre tudo, beber. Havia noites em que não sabia do botequim senão pela madrugada. Tinha dias inteiros que levava na cama, e a ninguem consentia entrada no quarto: outros parecia possessor de frenezi divertido. Mas estes eram raros, e só quando estava em grande reunião.

Como homem social, ninguem mais apreciavel: servia a todos e sempre de boa vontade.

Convivia com muita gente, com essa muita gente que ahi por Coimbra passa o tempo entre um baralho de cartas e uma garrafa de champagne, para todos ria, com todos fallava, mas em ninguem tinha um amigo.

Elle bem sabia que essa gente não serve para amisade.

E todavia um não sei que trahia 'nelle, ás vezes, um aborrecimento invencivel por aquelle viver sem vida. Bem se via que era forçado o papel que se imposera na sociedade, que até o incommodava: mas parece que uma força maior o impellia, mau grado seu, a quanto mais o aborrecia, mais 'nelle se entranhava.

Sampaio era o unico homem com quem tinha uma convivencia mais aturada, posto que sem intimidade, porque morava paredes meias com elle.

Honorato estava agora 'num dos seus momentos negros.

Tendo despedido o rapaz, fechou a porta e foi, a passos lentos, sentar-se no canapé. Encostou-se a um dos braços e ficou-se a olhar fito para a janella. Tornou a feril-o o mesmo contraste, que já no Jardim lhe fizera mal. O sol tremulava nas vidraças e lá fora os montes sorriam-lhe nos seus primeiros arrebentos.

Não pôde supportar aquella vista. Correu a fechar as janellas e nem o minimo raio de luz deixou penetrar no quarto. Depois foi ás apalpadel-

las sentar-se sobre a cama, e abysmou-se inteiro no seu passado.

Esteve, esteve, e sosinho, em face de Deus e da sua consciencia!..

Estremeceu... e de um pulo ficou de pé sobre a casa, immovel e extatico...

Atterrava-o o silencio, que lhe deixava escutar a voz interior, e essa voz condemnava-o!

Olhou em volta e entrou em medonha convulsão. Via fantasmas a surgirem ameaçadores de todos os cantos da casa, parecia-lhe que aspirava cheiro de sangue de mistura com aromas finos, figurava-se-lhe ouvir gemidos suffocados e gargalhadas roufênhas... andava-lhe a cabeça 'num rodomoinho...

Estava 'num martyrio doloroso e horrivel!

Os cabellos aprumavam-se hirtos na cabeça, os olhos giravam rapidos nas orbitas, as ventas, descommunalmente abertas, resfolgavam a custo e precipitadas, braços e pernas tremiam de metter medo.

Levou as mãos ambas á cabeça, que parecia querer rebentar, e partiu como um raio abrir de novo as janellas.

Virou-se outra vez para traz. A luz tinha afugentado os fantasmas, mas deixou-lhe ver um anel sobre a meza; e a vista d'esse anel foi um punhal que lhe revolveu todas as feridas, e novamente as fez sangrar.

— Maldicção! — bradou elle 'num impeto de raiva impossivel de exprimir.

Precipitou-se sobre o anel e arremessou-o ao chão.

No mesmo instante se arrependeu.

Retomou-o, e sobre elle descansou a vista. A agitação foi pouco a pouco acalmando e apoz breve espaço o enternecimento calou-lhe n'alma.

Sentou-se n'uma cadeira, sempre com os olhos no anel.

Duas lagrimas vieram então allivial-o um quasi nada, e suspender uma crise que bem fatal lhe podera ser.

Abriu o engaste do anel, e leu dentro um nome, nome que lhe trouxe á memoria melhores tempos, momentos deliciosos.

Apoz essas recordações fagueiras, deslembrou, quasi, que ahi brotaram os espinhos acerbos que agora o magoavam tam acremente!

O que são as coisas do mundo! — murmurou elle. Amor, venturas, prazeres... palavras magnificas, cuja significação real é remorso, irrisão, vaidade!.. O que é pois a realidade da vida? Só dores, tormentos, amarguras, desenganos!

Calou-se e meditou alguns instantes.

— Eu todavia não tinha nascido para tragar até ás fezes um calix tam amargo! — continuou, dando um suspiro.

Lembrou-lhe sua mae, e chorou as lagrimas, tam doces, da saudade!

Internou-se mais dentro no seu passado, e foi rever-se no centro de familia que lhe queria como

ao viver, rodeado de affeições e carinhos, gozando tranquillos e ricos de grandiosas promessas os primeiros annos da juventude.

Para virtudes e acções generosas o fadara Deos, que lhe dera um coração talhado pela feição dos anjos. Alma grande e ideias de heroe era o seu melhor dote.

Um dia passou-lhe por cima o sopro ardente da paixão, e viçoso o apanhou: cahiu, como a acucena derribada pela tormenta.

Obrigado agora a viver só em terra extranha, longe do tudo o que no mundo amava, viuvo de affectos intimos, lembravam-lhe com saudade indisivel os bons tempos da infancia, idade feliz de innocencia; os candidos folguedos do lar domestico, onde todos lhe anhelavam bens e felicidades; onde deixara mãe que o estremecia, irmãs que o idolatravam, pae que tanto lhe queria!

E todas estas recordações mais e mais lhe pun-giam agora no coração!

— Como este contraste me esmaga! — proseguiu mentalmente. Como é triste o viver só? Por toda a extensão d'esse mundo tam vasto, por entre toda essa gente que por nós passa, não deparar sequer com um volver d'olhos de sympathia... Quanto dava eu por estar a esta hora de novamente no centro dos meus amigos, no regaço da minha familia, estreitado ao coração de minha mãe, que talvez a esta mesma hora se esteja lembrando de mim, esteja chorando a minha ausencia! Oh, minha mãe, se a distancia que nos separa podesse desfazer-se ante a minha vontade, eu estaria já a teus pés, enchugando com mil beijos essas lagrimas, recadando em meu coração esses soluços, pagando a tua ternura com mil caricias, com mil gostos, com uma dedicação inteira e absoluta, com toda a minha vida, que já agora para ti só quero!.. Mas que importa a distancia? Se a nossa vontade não pode nada contra a distancia, tambem a distancia é impotenté contra o amor. A mil leguas que nós estivessemos, o meu affecto não teria diminuido um til, senão que teria augmentado em proporção com cada uma d'essas mil leguas, e agora mais e mais seria vivo e intenso!

Ergueu-se e começou a passear agitado pela casa. Depois, cruzando os braços, continuou:

— É horrivel este viver assim! A indifferença é impossivel, o sentimento é a vida. E eu aqui não tenho um coração que me entenda, que falle ao meu, que as palpitações lhe repercuta! No meio de tanta gente, não vejo um ente que por mim se interesse! Sinto o coração trasbordar de amargura, e não tenho um peito amigo; onde deposite inteira a minha vida intima, sem reserva, sem desconfiança!..

Tornou a sentar-se. O silencio era absoluto. Sentia-se-lhe bater descompassado e forte o coração. O suor cahia em grossas bagadas da fronte a escaldar. Ainda conservava o anel fechado na mão. Tornou a encará-lo, e deixou escapar as seguin-

tês palavras destacadas e apenas intelligiveis :

— E eu que tive um anjo!.. Mal haja a hora em que d'elle me aparte!.. Meu Deos, meu Deos, como eu soffro!

Passou a mão pela testa, e continuou pausadamente:

— Mas porque será que esta preocupação, que esta pagina negra da minha vida me atormenta hoje tanto?!.. Haverá nisto presentimento funesto?..

E ficou-se mudo e pensativo por alguns minutos. A final, foi dizendo, parando a cada frase:

— Oh, mulher, perdoa! Eu amava-te muito, e foi isso que a ambos nos perdeu!..

Porque havia de a fatalidade tornar o nosso amor impossivel sem um crime?..

E deverá ser punido tam cruamente um crime, cuja causa unica foi amor?..

Mas que importa a causa, se o crime existe?.. E o nosso amor, só em si, não seria mesmo um crime aos olhos de Deos e dos homens?.. O castigo é justo: reconheço-o e confesso-o, meu Deus!..

A desesperação tinha cedido o logar a um arrependimento fundo e sincero de se ter uma vez na vida esquecido de que a felicidade sem a virtude e uma chimera.

Deos parecia ter-se apiedado d'elle, dando-lhe o pranto, e suscitando-lhe ideas tam puras.

La descabindo o dia. Honorato, sem saber por que nem para que, tornou a sabir de casa.

Á toa se deixou ir para onde a Providencia o encaminhasse, e quando regressou era quasi manhã.

Ao seu arrependimento tinha Deos aparelhada uma recompensa.

(Continúa)

J. SIMÕES FERREIRA

O HOMEN DE ALDEIA

(Continuado do n.º 21.)

IV

Inda assim de amor captivo,
Vendo femea ou nova ou velha,
Arqueando a sobrançelha
Cioso logo o vereis!

A VELHA DO PARNASSO

É noite e ha uma *soirée* na terra de Francisco!

Uma *soirée* em terras como esta, é um successo estupendo, maravilhoso, historico, e digno de marcar epocha nos annaes do municipio!..

O meu heroe tripudiava de santo jubilo, ao vér a sua figura, que, graças a sua gravata lavada, fazia n'aquella reunião.

— Então V. Ex.ª não dança hoje?—lhe perguntava uma dama.

— Não venho preparado! minha senhora!—respondia, com um sorriso, que queria ser en-

graçado e não passava de parvo o nosso Francisco. —

— Que diabo de preparação precisará este homem para dançar, quando está de casaca e luva branca n'uma casa onde se dança? — perguntava, encostado a uma umbreira, um inflexivel seringador, que ouvira esta resposta tão disparatada de Francisco.

— É que o homem pede em casa ás manas que lhe ensinem os passos da polka! — respondia um visinho.

— Nada! É que, pouco acostumado aos sapatos de polimento, só pôde dançar quando traz as suas enormes chancas de bezerro — dizia outro. —

— Ainda não é isso—retorquia um terceiro— é que o doutor (como por antonomacia era na terra chamado o nosso heroe), depois que esteve em Coimbra acostumou-se de tal modo ao uso da *cebenta*, que até não encarrilha com as marcas das contradanças francezas, sem o poderoso auxilio do miraculoso papelinho!.. Pois enganaram-se todos redondamente lhes digo eu agora — Francisco, se disse que não vinha preparado para dançar era para não perder o vês de abrir a bocca na sociedade sem dizer parvoice; e se não dançou de facto, é por que o meu protogonista não gostava de dançar!

— Então o que ia elle fazer ás *soirées*? — Pergunta qualquer leitor.

— Dançar danças de roda, e jogar jogos de prendas!..

— Ui!... que horror!.. — exclama uma formosa lisboeta, a quem por acaso esta muito verdadeira historia foi ter ás mãos. —

— Dançar danças de roda!.. jogar jogos de prendas!.. que fossillismo! que negação absoluta do progresso! Esse homem é necessariamente

..... o seculo passado

No presente a figurar como diz o Tolentino dos nossos tempos, é um mastodonte da civilisação, um ante-diluviano da epocha actual — brada uma segunda lisboeta com presumpções de litterata, e que por isso é a assigante dos *Preludios*.

Uma terceira dama de Lisboa, e que ainda a minha pobre chronica tem a desventura de ir cair debaixo dos raios visnaes, essa, por excessivamente susceptivel e nervosa, ao ver tal perversão do bom gosto... um tão grande ultrage ás leis da moda; deu-lhe um faniquito tão forte que assustou immenso a familia e deu que fazer á criada, ás primas e ao gallego, uns indo buscar ao *toilette* o vidrinho dos saes, outros fazendo ferver depressa agua para um banho aos pés, e outros, correndo (como correm os filhos de Tuy) á pharmacia mais proxima a buscar flores de tilia para chá!..

Daixae passar o espanto, a nausea ou o incommodo que vos causa esta minha revellação e escutai-me, amabillissimas leitoras.

Uma *soirée* para o *homem d'aldeia* não é o mesmo que para um *janota pur-sang*, nos altos círculos da boa sociedade. Aqui dança-se, canta-se, toca-se ou joga-se impreterivelmente conforme a indole ou especialidade da reunião. O *homem d'aldeia* porém, quando faz o incomparavel sacrificio de sair uma noite de casa e guardar para mais tarde o seu caldo verde, que elle jámais esquece nem mesmo entre o chá e os bollos; quer divertir-se... quer gozar a seu modo.

Ora o meu bacharel não era lá homem de meias medidas!...

Amava todas as mulheres... para assim mais facilmente encontrar aquella que o Creador lhe destinasse para companheira... e por isso julgava, os jogos de prendas o divertimento mais propicio para dirigir a todas as suas finezas e os seus requebros!...

Mas que requebros!... mas que finezas!

Supponde que a noite já vae um pouco adeantada, e que, tendo saído alguns dos melhores rapazes da terra, diante dos quaes Francisco se arreceiava de dançar; para satisfazer o seu pedido, se começaram os jogos de prendas e as danças de roda!...

Vêde-o! que já não é o mesmo homem bisonho e acanhado, que no principio da noite se nos mostrára!...

Alli sim! que ja elle faz figura!!...

Vêde-o como ensina as cortesias ou as piruetas que ha a fazer n'aquelle joguinho de roda, que elle indicou, como sendo da sua especial predilecção!... como aponta a sentença mais sua favorita nos jogos de prendas!... como lhe tripudia nos labios um sorrizo de contentamento e sobre tudo como sabe aproveitar o ensejo para ir dirigindo a todas as damas as expressões da sua ternura!...

Admirae-o! agora sim que elle é grande!....

(Continua.)

(B.)

NEMBROD

(Tradução livre de J. J. Ampère)

O teu Deus ondè está! Nembrod pergunta;

Diz Abrão a Nembrod; está no Emyreoo:

— Irei lá vê-lo então!... Pulava perto

Um possante leão; mata-o de um golpe;

No pó o arrasta, e, dtvidindo-o, prende,

Ao rugido dos rábidos cachorros,

Aos angulos da tenda quatro partes.

Eis que do ceu baixando quatro abutres

Tomam nas garras a sangrenta carne,

E, levando consigo a larga tenda,

Do Caucaso seu vôo attinge a altura.

Apoz um dia, diz Nembrod ao servo:

— Embaixo, Kébir, como vês a terra?

— Qual sombra ao longe, qual vapor bem tenue.

— Em cima, Kébir, como vês o Emyreoo?

— Sempre o mesmo, senhor! — Nembrod, o féro,

Bateu no servo, e pelo vácuo immenso

Um dia ainda silenciosos sobem,

E attinge o vôo seu da lua a altura.

Apoz dous dias, diz Nembrod ao servo:

— Embaixo, Kébir, como vês a terra?

— Qual atomo de pó flutuando a vejo.

— Em cima, kébir, como ves o Emyreoo?

— Sempre o mesmo, senhor! — Nembrod, o féro,

Nas largas azas dos abutres negros

Bateu com fúria, e pelo vácuo immenso

Um dia ainda silenciosos sobem,

E attinge o vôo seu do sol a altura:

Apoz tres dias, diz Nembrod ao servo:

— Em baixo, Kébir, como vês a terra?

— Já nada vejo, é solitario o espaço.

— Em cima, Kébir, como vês o Emyreoo?

— Sempre o mesmo, senhor! — Nembrod, o féro

Bateu então na pensativa frente;

E depois ambos pelo vacuo immenso

Um dia ainda silenciosos sobem.

Um anjo então lhes apparece em frente,

E Nembrod, o cruel, pergunta iroso:

— Da celeste mansão bem longe estamos

Em que habita o Senhor? — O anjo responde:

— «Embora os dias teus seculos durem,

Não chegarás jámais ao pé do Emyreoo;

Mude em seculos Deus os teus instantes,

Seja mil vezes mais veloz o vôo

D'esses negros abutres, já mais podes

Tocar, antes que a fim dos tempos chegue,

Septimo ceu, em que reside o Eterno.» —

Nembrod replica: — chegar lá não posso,

Mas uma setta o encontrará ao menos. —

Então lançada por sua mão possante

Foi no fundo dos ceus perder-se a flexa.

Cahiu vermelha de não sei que sangue.

Viu Nembrod accender-se o ethereo raio,

E do monte Ararat o absorto cume

Viu chover de Nembrod queimados restos.

Coimbra, 7 de Janeiro de 1861.

EUGENIO DE BARROS.

EFFEITOS D'AMOR

No Album do meu amigo Eduardo Teixeira Barbosa.

Traição maldita me gravou no peito,
O agudo espinho d'um atroz pungir.

E. DE BARROS.

— Quem deshumano te ceifou tão cedo
Da existencia a flor tão pura e bella?

Trahido amor?

E agora buscas, pensativo e triste,

No ermo retiro conseguir allivio
Para tua dôr?

Que pensas, quando, no tombar do dia,
Mudo, contempas a amplidão do espaço,
Ao pôr do sol?

Lembram-te as juras do passado tempo,
Feitas ás horas, em que as nuvens mostram
Seu arrebol? —

O amor, que ha pouco te abrasava o peito,
Tambem outr'ora, effervescente, immenso,
Eu já senti...

Mas os sorrisos, as palavras ternas,
Que tanto accendem da poesia o estro,
Jámais ouvi!

Tive momentos de ventura tanta,
Que os proprios anjos envejar podiam,
Mesmo no céu!

Que amor ardente! que ternura infinda!
Que paraíso para mim se abria
N'um olhar seu!

Mas logo breves, repetidos golpes,
Da vida á beira, me desceram fundos
Ao coração...;
E a sorte avara, até então propicia,
Me esmagou o seio co'o tremendo peso
De sua mão.

Abandonado por quem tanto amára,
Vendo a mais bella, a mais fagueira esp'rança
De mim fugir;
Co'os olhos torvos, meditando crimes,
Hirto e convulso, julgei ver o inferno
P'ra mim sorrir!...

Quiz-me sentado em sobranceira nuvem,
Vibrando raios, arrazar o mundo;
Depois... cantar!

Mas, d'esta sorte, a humanidade ainda,
Em meu furor, dos torbilhões mundanos
Já livrar.

Queria os homens converter em Tantalos,
E eu vel-os, frio, debater n'angustia
De atroz soffrer...

Mas, pouco e pouco, co'o passar do tempo
Essa paixão, que me excitava a tanto,
Senti morrer.

E ao anjo ou fada, que, em tão bellos sonhos
Visão querida, me apparece ás vezes,
Amor jurei.

E, por que a vi, encantadora e pura,
Dar-me um sorriso, que me deu a vida,
Lhe perdoei.

Coimbra... Junho de 1860

EDUARDO ANDRADE.

A gloria dos grandes homens deve sempre medir-se pelos meios de que elles se serviram para a adquirir.

LA ROCHEFOUCAULD

EXPEDIENTE

A todos os Senhores assignantes, que tiveram a bondade de subscrever ultimamente para nosso jornal por um trimestre, a contar do n.º 15, — lembrámos que o mesmo trimestre termina com este numero e pedimos que, no caso de quererem continuar, o que esperámos de sua obsequiosa dedicação, se sirvam repetir sua assignatura, com pagamento adiantado, como é costume, para não soffrerem interrupção.

Como a publicação d'este jornal termina com o n.º 36 — decidimos incluir no ultimo trimestre, para os que se acharem no caso acima mencionado, mais os 4 numeros, que vão do n.º 33 a 36 inclusivé, vindo assim a receber 13 n.ºs em vez de 9. O custo d'estes 13 numeros será, para Coimbra — 480 réis; para fóra de Coimbra, com estampilhas — 600 rs.

Aos Senhores assignantes porém que, por suas circumstancias, não poderem continuar com sua assignatura — pedimos o favor de devolver-nos os numeros, que individamente lhes forem enviados por esta Redacção.

Para facilitar a aquisição dos números do 1.º e 2.º volume, que faltarem aos Senhores assignantes, para completar suas collecções — e sendo-nos preciso abandonar Coimbra dentro de poucos mezes, acabámos de reduzir o preço dos mesmos numeros pelo seguinte modo:

Numeros a vulso, pertencentes ao 1.º vol., que custavam 60 réis—30 rs.

Numeros a vulso, pertencentes ao 2.º vol., que custavam 40 réis—30 rs.

1.º vol, brochado, que custava 1\$600 réis — 1\$440 rs.

Advertimos que, do 1.º volume, só possuímos 22 exemplares, e que do n.º 23 do 2.º vol. em diante — só tiraremos tantos exemplares, quantos forem os Senhores assignantes, e mais tantos quantos forem os exemplares do 1.º vol., que possuímos na occasião de cada tiragem.

V. DA SILVEIRA

COIMBRA — IMPRENSA LITERARIA

D.º Rochy para